

Athenas

REVISTA DO MARANHÃO, PARA O BRASIL

1.º DE NOVEMBRO — 1940

NUM. 22



OS DA LEGENDARIA FORTALEZA DE SÃO JOÃO DA BARRA, NA PONTA DA
IA, ONDE FOI PRESO GARCIA DE ABRANCHES, O GRANDE JORNALISTA DO
NSOR", CUJA PENNA LIBERAL ERA UMA CLAVA NA DEFEZA DAS LIBERDADES
MARANHENSES

Athenas

REVISTA DO MARANHÃO, PARA O BRASIL

1.º DE NOVEMBRO — 1940

NUM. 22



OS DA LEGENDARIA FORTALEZA DE SÃO JOÃO DA BARRA, NA PONTA DA
IA, ONDE FOI PRESO GARCIA DE ABRANCHES, O GRANDE JORNALISTA DO
NSOR", CUJA PENNA LIBERAL ERA UMA CLAVA NA DEFEZA DAS LIBERDADES
MARANHENSES

O IMPARCIAL

JORNAL DE MAIOR CIRCULAÇÃO DO ESTADO

VASTO SERVIÇO TELEGRAPHICO

FONTES INFORMATIVAS

CORPO REDACCIONAL

Agencia Nacional

Prof. Nascimento Moraes

Agencia Havas

Padre Astolpho Serra

British News Service

Erasmus Dias

Agencia Transocean

A. Pires Ferreira

União Jornalística Brasileira

J. Pires — Director

RUA NINA RODRIGUES, 176 — S. LUIZ

QUANDO QUIZER CONSERVAR A RECORDAÇÃO DE
UM DIA FELIZ, COMO O DE ANIVERSÁRIO, CASA-
MENTO, etc, procure **FOTO-GRVADOR**
de **O IMPARCIAL**
Athenas
SERVIÇO RÁPIDO E PERFEITO
- RUA NINA RODRIGUES, 176 (50BR.) - FONE, 1501



Athenas

REVISTA DO MARANHÃO, PARA O BRASIL

Director — A. PIRES FERREIRA
Redactor principal — NASCIMENTO MORAES
Secretario — ASTOLPHO SERRA

REDACTORES

RIBAMAR PINHEIRO
ERASMO DIAS

Redactor-Correspondente

DR. PAULO DE OLIVEIRA
Therezina—Piauhy

Propriedade da Empresa de
IMPARCIAL

RUA NINA RODRIGUES, 176

NUMERO AVULSO

Na Capital 3\$00

Por via postal 3\$00

ASSIGNATURAS

Por 6 mezes 18\$00

Por 1 anno 36\$00

O IMPARCIAL

JORNAL DE MAIOR CIRCULAÇÃO DO ESTADO

VASTO SERVIÇO TELEGRAPHICO

FONTES INFORMATIVAS

CORPO REDACCIONAL

Agencia Nacional

Prof. Nascimento Moraes

Agencia Havas

Padre Astolpho Serra

British News Service

Erasmus Dias

Agencia Transocean

A. Pires Ferreira

União Jornalística Brasileira

J. Pires — Director

RUA NINA RODRIGUES, 176 — S. LUIZ

QUANDO QUIZER CONSERVAR A RECORDAÇÃO DE
UM DIA FELIZ, COMO O DE ANIVERSÁRIO, CASA-
MENTO, etc., procure **FOTO-GRVADOR**
de **O IMPARCIAL**
Athenas
SERVIÇO RÁPIDO E PERFEITO
- RUA NINA RODRIGUES, 176 (SOBR.) - FONE, 1501



Athenas

REVISTA DO MARANHÃO, PARA O BRASIL

Director — A. PIRES FERREIRA
Redactor principal — NASCIMENTO MORAES
Secretario — ASTOLPHO SERRA

REDACTORES

RIBAMAR PINHEIRO
ERASMO DIAS

Redactor-Correspondente

DR. PAULO DE OLIVEIRA
Therezina—Piauhy

Propriedade da Empresa de
IMPARCIAL

RUA NINA RODRIGUES, 176

NUMERO AVULSO

Na Capital 3\$00

Por via postal 3\$00

ASSIGNATURAS

Por 6 mezes 18\$00

Por 1 anno 36\$00

dade a lucta se prolongava e o espectáculo enchia bem duas ou tres horas, até que chegasse a policia !

O menino João tiritava de medo. Chorava, enrolava-se na saia de sua mãe, que ficava impossibilitada de cuidar de suas obrigações.

Aos doze annos de idade, tinha mais medo ao pai que ao diabo !...

—Como vai esse bicharoto ? perguntava á sua Cira, quando chegava de uma viagem.

—Vai bem. D. Rosinha sempre me diz que ella é muito bom e dá conta das lições.

D. Rosinha era uma mocinha que morava na vizinhança e mantinha, na sua varanda, uma aula primaria para as crianças.

Recebia dois mil réis de cada criança, e vivia dessa escola rudimentar, ensinando, como podia, ler, escrever e contar.

Toma cuidado com esse bicharoto que não tem cara de bom sujeito. Muito cuidado com elle ! Não lhes passes a mão pela cabeça. Quando for preciso mette-lhe um cano de ferro !

Criança é como animal. Só aprende com muita pancada !

E o João a um canto a tremer.

A mãe lhe dizia sempre:

—Não contries teu pai. Livra-te do braço delle ! Cahirás batendo os braços como os pom-bos batem as asas !

A's vezes, elle mandava o João comprar na varanda um litro de vinho verde, ou uma garrafa de paraty do Munim. Quando tomava o primeiro gole, oferecia o copo ao filho, dizendo-lhe:

—Toma um trago ! Eu não estou te chamando ?

João, coitado, quando recebeu o primeiro convite, approximou-se e tomou um gole do vinho. Fez uma carantonha horrivel e cuspiu e babou-se.

—Toma mais ! Anda ! João enguliu o segundo trago, maior do que o primeiro. Momentos depois vomitava. Sua mãe correu em seu auxilio e levou para o quarto, com o corpo mole como peixe moido.

Cira poz-se a chorar enquanto o amasio soltava grandes gargalhadas.

João não pôde mais sentir cheiro de bebidas alcoolicas. Quando o pai o intimava a beber um gole, o que aconteceu muitas vezes, elle abria um berreiro tão grande que preocupava a vizinhança.

E o velho Pachola punha-se a rir !

—Este rapazinho não gostou da pinga. ,

Cira, por ultimo, ja estimava quando o marido embarcava. A casa ficava quieta. A mãe della aproveitava a ausencia do marinheiro para com as outras filhas, que eram duas, visitar a filha. Havia dias em que a casa ficava alegre, porque pessoas da visi-



A graciosa Maria de Lourdes, filha do sr. José Frias e sua esposa d. Maria Dolores Silva Frias, a qual completa 6 annos de idade a 5 de novembro

nhança que tambem não lhe appareciam quando o amasio estava em casa, vinham visita-la.

E foi assim, sôb este regime, que o menino João se fez homem. Aprendeu o officio de alfaiate, numa grande alfaiataria á praça João Lisbôa. Quando o velho Pachola morreu, elle contava dezoito annos de idade. Foi nesse mesmo anno que deixou a officina para trabalhar em casa, pelo officio, sempre aconchegado á sua mãe, que passou a dizer-lhe:

—Não gosto de ver homem molle, só em casa, sem rir, sem conversar e sem falar ! Teu pae ja morreu ! E' preciso que tomes conta da casa.

No tempo de teu pae nunca ouvi desaforo de ninguem !

Mal sabia a velha Cira que o perigo não eram as mulatinhas assanhadas do bairro. Essas não exerciam influencia alguma no espirito do João Pachola. Elle não tinha temperamento para lhes tolerar as tolices. Sua timidez, seu recolhimento não se ajustava com aquellas maneiras francas e desabusadas das cabrochas do Portinho.

Moças da alta sociedade olhavam de soslaio para João Pachola. Positivamente apreciavam aquelle imponente typo de homem, que silencioso, lhes frequentava a casa, por motivo das obrigações de seu officio. Especialisara-se em fazer co-

dade a lucta se prolongava e o espectáculo enchia bem duas ou tres horas, até que chegasse a policia !

O menino João tiritava de medo. Chorava, enrolava-se na saia de sua mãe, que ficava impossibilitada de cuidar de suas obrigações.

Aos doze annos de idade, tinha mais medo ao pai que ao diabo !...

—Como vai esse bicharoto ? perguntava á sua Cira, quando chegava de uma viagem.

—Vai bem. D. Rosinha sempre me diz que ella é muito bom e dá conta das lições.

D. Rosinha era uma mocinha que morava na vizinhança e mantinha, na sua varanda, uma aula primaria para as crianças.

Recebia dois mil réis de cada criança, e vivia dessa escola rudimentar, ensinando, como podia, ler, escrever e contar.

Toma cuidado com esse bicharoto que não tem cara de bom sujeito. Muito cuidado com elle ! Não lhes passes a mão pela cabeça. Quando for preciso mette-lhe um cão de ferro !

Criança é como animal. Só aprende com muita pancada !

E o João a um canto a tremer.

A mãe lhe dizia sempre:

—Não contries teu pai. Livra-te do braço delle ! Cahirás batendo os braços como os pom-bos batem as asas !

A's vezes, elle mandava o João comprar na varanda um litro de vinho verde, ou uma garrafa de paraty do Munim. Quando tomava o primeiro gole, oferecia o copo ao filho, dizendo-lhe:

—Toma um trago ! Eu não estou te chamando ?

João, coitado, quando recebeu o primeiro convite, approximou-se e tomou um gole do vinho. Fez uma carantonha horrivel e cuspiu e babou-se.

—Toma mais ! Anda ! João enguliu o segundo trago, maior do que o primeiro. Momentos depois vomitava. Sua mãe correu em seu auxilio e levou para o quarto, com o corpo mole como peixe moido.

Cira poz-se a chorar enquanto o amasio soltava grandes gargalhadas.

João não pôde mais sentir cheiro de bebidas alcoolicas. Quando o pai o intimava a beber um gole, o que aconteceu muitas vezes, elle abria um berreiro tão grande que preocupava a vizinhança.

E o velho Pachola punha-se a rir !

—Este rapazinho não gostou da pinga. ,

Cira, por ultimo, ja estimava quando o marido embarcava. A casa ficava quieta. A mãe della aproveitava a ausencia do marinheiro para com as outras filhas, que eram duas, visitar a filha. Havia dias em que a casa ficava alegre, porque pessoas da visi-



A graciosa Maria de Lourdes, filha do sr. José Frias e sua esposa d. Maria Dolores Silva Frias, a qual completa 6 annos de idade a 5 de novembro

nhança que tambem não lhe appareciam quando o amasio estava em casa, vinham visita-la.

E foi assim, sôb este regime, que o menino João se fez homem. Aprendeu o officio de alfaiate, numa grande alfaiataria á praça João Lisbôa. Quando o velho Pachola morreu, elle contava dezoito annos de idade. Foi nesse mesmo anno que deixou a officina para trabalhar em casa, pelo officio, sempre aconchegado á sua mãe, que passou a dizer-lhe:

—Não gosto de ver homem molle, só em casa, sem rir, sem conversar e sem falar ! Teu pae ja morreu ! E' preciso que tomes conta da casa.

No tempo de teu pae nunca ouvi desaforo de ninguem !

Mal sabia a velha Cira que o perigo não eram as mulatinhas assanhadas do bairro. Essas não exerciam influencia alguma no espirito do João Pachola. Elle não tinha temperamento para lhes tolerar as tolices. Sua timidez, seu recolhimento não se ajustava com aquellas maneiras francas e desabusadas das cabrochas do Portinho.

Moças da alta sociedade olhavam de soslaio para João Pachola. Positivamente apreciavam aquelle imponente typo de homem, que silencioso, lhes frequentava a casa, por motivo das obrigações de seu officio. Especialisara-se em fazer co-

grandes a provar coletes brancos que eram os mais usados, porque ficavam bem com qualquer roupa.

Foi um colete que decidiu da sorte de João Pachola. Um colete que elle fez para o coronel Manoel Figueira, uma das figuras mais respeitáveis da sociedade de São Luiz.

Na manhã em que foi pela primeira vez á casa do coronel Figueira provar um colete branco que lhe encommendara o coronel, não o encontrou em casa. Sahira para acompanhar o enterro de um primo de nome Angelo Figueira, velho logista á rua Grande, victimado por um ataque de apoplexia. O coleteiro foi recebido pela filha do coronel, uma moça de 17 annos de idade, que fazia companhia ao pae, que era viuvo, e que por causa della e de uma irman velha mantinha a casa.

Diana era um das que olhavam sorrateiramente.

—Continúa na pagina V.



Raymundo e Maria de Lourdes Pessoa Martins, dilectos filhos do dr. Helvidio Martins, director das Municipalidades e de sua digna esposa d. Lydia Pessoa Martins.

Era o melhor coleteiro da cidade. O colete era indispensavel nas solemnidades officiaes, no theatro, nos casamentos e nas festas religiosas.

Os magistrados, os altos funcçionarios da provincia, os commerciantes de grande representação, os guarda-livros, enfim, todas as pessoas de responsabilidade e merito não se podiam dispensar do colete. Não usar colete era signal de pouca valia.

O colete era, enfim, o cunho dos individuos da boa sociedade. Pelo que um coleteiro, bem acreditado tinha sempre muito serviço e por isto ganhava muito dinheiro.

João Pachola era o maior coleteiro de São Luiz. Frequentemente estava elle nas casas dos



Galdino, Regina e Palo, diletos filhos do sr. dr. José de Albuquerque Alencar, secretario geral do Estado e de sua dignissima esposa d. Maria Regina Ramos de Alencar

grandes a provar coletes brancos que eram os mais usados, porque ficavam bem com qualquer roupa.

Foi um colete que decidiu da sorte de João Pachola. Um colete que elle fez para o coronel Manoel Figueira, uma das figuras mais respeitáveis da sociedade de São Luiz.

Na manhã em que foi pela primeira vez á casa do coronel Figueira provar um colete branco que lhe encommendara o coronel, não o encontrou em casa. Sahira para acompanhar o enterro de um primo de nome Angelo Figueira, velho logista á rua Grande, victimado por um ataque de apoplexia. O coleteiro foi recebido pela filha do coronel, uma moça de 17 annos de idade, que fazia companhia ao pae, que era viuvo, e que por causa della e de uma irman velha mantinha a casa.

Diana era um das que olhavam sorrateiramente.

—Continúa na pagina V.



Raymundo e Maria de Lourdes Pessoa Martins, dilectos filhos do dr. Helvidio Martins, director das Municipalidades e de sua digna esposa d. Lydia Pessoa Martins.

letes. Era o melhor coleteiro da cidade. O colete era indispensavel nas solemnidades officiaes, no theatro, nos casamentos e nas festas religiosas.

Os magistrados, os altos funcçionarios da provincia, os commerciantes de grande representação, os guarda-livros, enfim, todas as pessoas de responsabilidade e merito não se podiam dispensar do colete. Não usar colete era signal de pouca valia.

O colete era, enfim, o cunho dos individuos da boa sociedade. Pelo que um coleteiro, bem acreditado tinha sempre muito serviço e por isto ganhava muito dinheiro.

João Pachola era o maior coleteiro de São Luiz. Frequentemente estava elle nas casas dos



Galdino, Regina e Palo, diletos filhos do sr. dr. José de Albuquerque Alencar, secretario geral do Estado e de sua dignissima esposa d. Maria Regina Ramos de Alencar

Athenas

REVISTA DO MARANHÃO, PARA O BRASIL

ANNO II

1.º DE NOVEMBRO — 1940

NUM. 22

NASCIMENTO MORAES

O romantismo está chegando... Ou melhor, emerge de seus escombros, qual uma planta vigorosa de estranho aspecto, em terras onde o matagal cresceu, flageladas pelo tempo. Rebenta em paginas de grande porte, illuminadas por um estylo sobrio e discreto, e por uma arte de eleva-

grandes dias dessa mesma vida que vivemos, que sentimos nos pequenos palcos modestos e obscuros onde representamos dramas e tragedias sem publico que nos applauda e onde soffremos grandes dôres que não repercutem longe nas quebradas dos grandes serros, porque em geral a vida

NOVA PHASE

dos traços architeticos que não agasalha detalhes, nem se paramenta com a semi-claridade que se esgueira pelos postigos meio-abertos e pelas claraboias embaciadas. E' uma arte sem bizantinismo de retoques, sem essas minucias em que se esmeram os talhadores de rosas e escaravelhos nas tampas de pequenas caixas de madeira em que se guardam custosas e raras essencias. E' o romantismo das grandes dôres, dos soffrimentos amazonicos, das desgraças acerbadas, das tragedias que não bradam a grandes vozes, pedindo representações teatraes e ruidosas movimentações nos palcos, onde fantoches desfigurados lembram figuras humanas que caracterizam sentimentalidades que precisam de um publico, para viver.

E' um romantismo feito de expressões literarias que não viveram nos diás em que a escola foi

se passa, nos meios acanhados entre gente

**Que alheios males não sente
Nem se condõe de infeliz**

Os romanticos de prol fizeram uma sociedade de estrutura artificial, mas incontestavelmente equilibrada. Suas fronteiras eram difficilmente invadidas pelos elementos nocivos que agem insistentemente "dentro do meio. Elles doiravam todas tormentas individuaes, esmagadoras do animo e destruidoras das esperanças. Transmutavam as sombras do presente que fechavam para o homem um circulo estreito de duvidas e incertezas na mais bellas perspectivas de uma vida cheia de glorias.

ROMANTICA

opulencia e grandeza dos caracteres bizarros que a representaram com o mais elevado expoente de concepções criadoras de typos e formas que não morrerão jamais, talhados que foram pela idéa irrealizavel.

Os typos extraordinarios desse romantismo que está chegando não foram criados, mas nasceram no seio das grandes civilizações, viveram

Esse romantismo era contra a ambição, contra a realidade, contra todas as actividades constructoras. Não alimentava o egoismo, que é força conservadora, não criava emulações no campo das concorrências vitaes, não se atrelava ao carro do trabalho, como uma obrigação da vida, na defesa dos mais fortes interesses sociaes. Esse romantismo era incontestavelmente um alivio, um conforto

Athenas

REVISTA DO MARANHÃO, PARA O BRASIL

ANNO II

1.º DE NOVEMBRO — 1940

NUM. 22

NASCIMENTO MORAES

O romantismo está chegando... Ou melhor, emerge de seus escombros, qual uma planta vigorosa de estranho aspecto, em terras onde o matagal cresceu, flageladas pelo tempo. Rebenta em paginas de grande porte, illuminadas por um estylo sobrio e discreto, e por uma arte de eleva-

grandes dias dessa mesma vida que vivemos, que sentimos nos pequenos palcos modestos e obscuros onde representamos dramas e tragedias sem publico que nos applauda e onde soffremos grandes dôres que não repercutem longe nas quebradas dos grandes serros, porque em geral a vida

NOVA PHASE

dos traços architectonicos que não agasalha detalhes, nem se paramenta com a semi-claridade que se esgueira pelos postigos meio-abertos e pelas claraboias embaciadas. E' uma arte sem bizantinismo de retoques, sem essas minucias em que se esmeram os talhadores de rosas e escaravêlhos nas tampas de pequenas caixas de madeira em que se guardam custosas e raras essencias. E' o romantismo das grandes dôres, dos soffrimentos amazonicos, das desgraças acerbadas, das tragedias que não bradam a grandes vozes, pedindo representações teatraes e ruidosas movimentações nos palcos, onde fantoches desfigurados lembram figuras humanas que caracterizam sentimentalidades que precisam de um publico, para viver.

E' um romantismo feito de expressões literarias que não viveram nos diâs em que a escola foi

se passa, nos meios acanhados entre gente

**Que alheios males não sente
Nem se condõe de infeliz**

Os romanticos de prol fizeram uma sociedade de estrutura artificial, mas incontestavelmente equilibrada. Suas fronteiras eram difficilmente invadidas pelos elementos nocivos que agem insistentemente "dentro do meio. Elles doiravam todas tormentas individuaes, esmagadoras do animo e destruidoras das esperanças. Transmutavam as sombras do presente que fechavam para o homem um circulo estreito de duvidas e incertezas na mais bellas perspectivas de uma vida cheia de glorias.

ROMANTICA

opulencia e grandeza dos caracteres bizarros que a representaram com o mais elevado expoente de concepções criadoras de typos e formas que não morrerão jamais, talhados que foram pela idéa irrealizavel.

Os typos extraordinarios desse romantismo que está chegando não foram criados, mas nasceram no seio das grandes civilizações, viveram

Esse romantismo era contra a ambição, contra a realidade, contra todas as actividades constructoras. Não alimentava o egoismo, que é força conservadora, não criava emulações no campo das concorrências vitaes, não se atrelava ao carro do trabalho, como uma obrigação da vida, na defesa dos mais fortes interesses sociaes. Esse romantismo era incontestavelmente um alivio, um conforto

PROMPTOS PARA O VÔO



Pilotos da "Royal Air Force", com seus paraquédas e metralhadores, dirigindo-se para os seus aparelhos, afim de realizarem um borbardeio em Berlim. (Cliché da P. I. B. especial para ATHENAS)

a todas as duras contingencias individuaes e a todas as crises sociaes. Com elle todas as vicissitudes eram lateraveis, todas as necessidade pesavam menos na consciencia do homem.

A's vezes, augmentava pela imaginação o soffrimento. Criava-o até. Mas era ainda, pelo temperamento uma forma de viver, uma condição imprescindivel a certas criaturas, para produzir e para progredir. Sem essa utopia do soffrimento não poderiam trabalhar, não conheceriam nunca a alegria, o orgulho, o entusiasmo de viver.

Esse romantismo que passou era o bordão das classes oprimidas, dos vencidos da vida, dos vergastados pela incapacidade de encontrar no trabalho uma remuneração compensadora. Nesse romantismo entrincheiravam-se para resistir, com resignação, os embates de uma lucta desigual com o meio politico, todos os desherdados da sorte que são todos aquelles que não se apparelharam para vencer os saibros das estradas e dos descampados.

E quando um afortunado cahia dos plainos que a dôr attinge, e se afundava nas esterqueira da

PROMPTOS PARA O VÔO



Pilotos da "Royal Air Force", com seus paraquédas e metralhadores, dirigindo-se para os seus aparelhos, afim de realizarem um borbardeio em Berlim. (Cliché da P. I. B. especial para ATHENAS)

a todas as duras contingencias individuaes e a todas as crises sociaes. Com elle todas as vicissitudes eram lateraveis, todas as necessidade pesavam menos na consciencia do homem.

A's vezes, augmentava pela imaginação o soffrimento. Criava-o até. Mas era ainda, pelo temperamento uma forma de viver, uma condição imprescindivel a certas criaturas, para produzir e para progredir. Sem essa utopia do soffrimento não poderiam trabalhar, não conheceriam nunca a alegria, o orgulho, o entusiasmo de viver.

Esse romantismo que passou era o bordão das classes oprimidas, dos vencidos da vida, dos vergastados pela incapacidade de encontrar no trabalho uma remuneração compensadora. Nesse romantismo entrincheiravam-se para resistir, com resignação, os embates de uma lucta desigual com o meio politico, todos os desherdados da sorte que são todos aquelles que não se apparelharam para vencer os saibros das estradas e dos descampados.

E quando um afortunado cahia dos plainos que a dôr attinge, e se afundava nas esterqueira da

miseria, era ainda esse romantismo que lhe dava forças para não se entregar, descrente, a todas as desesperações que conduzem o infeliz ao crime, armado de todas as torpesas.

Era impressionante o seu fundo moral. As suas reacções espirituaes eram, deveras, eloquentes e nunca mais se apagavam da memoria, onde ficavam como exemplos que fructificavam.

Aquelle conde de que nos fala um romancista russo, que acompanhou até o degredo a rapariga que, havia annos, atirara ao prostibulo, onde se degradara, é uma pagina eloquente daquelle romantismo empolgante que se levantava contra a prostituição.

Aquelle amor que regenerava, que era balsamo e energia, amor que florescia assim nos palacios como nos casebres, que lucilava no espirito dos bons como no dos maus, que nascia entre arminhos ou entre penedias, era bem um traço caracteristico desse romantismo que em quase todas as nacionalidades produziu paginas immorredouras.

Mas um dia, os ultra romanticos exageraram



Therezinha de Jesus, graciosa filhinha do sr. Antenor Amaral, Collector Federal, na cidade de Pedreiras



Senhorita Alice Martins, fino elemento da sociedade de Pedreiras

as suas linhas harmoniosas e se extremaram em coloridos extravagantes. em criações funambulescas, em desenhos de caracteres morbidos de que se originaram um amor que é doença, uma espiritualidade que é loucura. Alvares de Azevedo foi um dos expoentes mais elevados desse romantismo que se propagou até as raiaes do inconcebível. A principio, esse ultra romantismo foi apenas uma força reaccionaria ao proprio romantismo. Justificava-se por um principio de opposição ás medidas proporcionaes das composições que obedecem a um plano e que se reconhecem pela uniformidade dos contornos. Ao depois, não foram mais criações, mas se manifestaram apenas como copias exageradas de modelos estilizados, e por fim, foram detritos de uma vaidade doentia e de uma exhibição jogralesca, de que foi padrão entre outros Aureliano Lessa.

Hoje o primeiro romantismo num plano mais

miseria, era ainda esse romantismo que lhe dava forças para não se entregar, descrente, a todas as desesperações que conduzem o infeliz ao crime, armado de todas as torpesas.

Era impressionante o seu fundo moral. As suas reacções espirituas eram, deveras, eloquentes e nunca mais se apagavam da memoria, onde ficavam como exemplos que fructificavam.

Aquelle conde de que nos fala um romancista russo, que acompanhou até o degredo a rapariga que, havia annos, atirara ao prostibulo, onde se degradara, é uma pagina eloquente daquelle romantismo empolgante que se levantava contra a prostituição.

Aquelle amor que regenerava, que era balsamo e energia, amor que florescia assim nos palacios como nos casebres, que lucilava no espirito dos bons como no dos maus, que nascia entre arminhos ou entre penedias, era bem um traço caracteristico desse romantismo que em quase todas as nacionalidades produziu paginas immorredouras.

Mas um dia, os ultra romanticos exageraram



Therezinha de Jesus, graciosa filhinha do sr. Antenor Amaral, Collector Federal, na cidade de Pedreiras



Senhorita Alice Martins, fino elemento da sociedade de Pedreiras

as suas linhas harmoniosas e se extremaram em coloridos extravagantes. em criações funambulescas, em desenhos de caracteres morbidos de que se originaram um amor que é doença, uma espiritualidade que é loucura. Alvares de Azevedo foi um dos expoentes mais elevados desse romantismo que se propagou até as raia do inconcebível. A principio, esse ultra romantismo foi apenas uma força reaccionaria ao proprio romantismo. Justificava-se por um principio de opposição ás medidas proporcionaes das composições que obedecem a um plano e que se reconhecem pela uniformidade dos contornos. Ao depois, não foram mais criações, mas se manifestaram apenas como copias exageradas de modelos estilizados, e por fim, foram detritos de uma vaidade doentia e de uma exhibição jogralesca, de que foi padrão entre outros Aureliano Lessa.

Hoje o primeiro romantismo num plano mais



Município do Codó — Um aspecto da procissão do Sagrado Coração de Jesus, em Pedro II, vendo-se, ahí, o padre Dourado, vigário da Parochia, a prof. Delzuita R. Vianna, o collecter estadual.

elevado está voltando para dentro em breve empolgar a cultura literaria.

As variedades succedaneas daquelle romantismo empolgaram todos os centros intellectuaes. Os grandes mestres que guiaram essas variedades que receberam varios nomes, taes sejam, naturalismo, realismo, naturismo, etc. etc. modificaram com as suas producções a sociedade, justamente num momento em que ella decahia combalida por uma philosophia esteril... ou melhor, por um philosophismo sem idéas constructoras.

E todos começaram a assistir a derrocada dos sentimentos... Combateram-nos os escarneos e os doestos de uma sciencia petulante e indecisa e as viltas de uma mundanidade que surgia, reaccionaria, a destruir as normas e os preconceitos de uma moral carunchosa, de uma moral que devia cair, por não ser mais compativel, como a evolução da verdadeira sciencia, que não desapareceu, mas que se levantasse outra edificação moral que correspondesse ás condições da cultura mental dos povos.

Como era natural acontecesse, a idéa perdeu o aprumo de sua soberania, e um "materialismo" existente, despido de preconceitos toleraveis, alastrou-se pela sociedade. E esse materialismo exigente dominou os espiritos sadios e apoiou-se em conhecimentos apreciaveis.

E criou um interesse que se generalizou pelas camadas superiores e não adiantadas da socieda-

de. E esse interesse criou um como "negocio" entre chatins sem escrupulo.

E o "negocio" passou a ser a norma. A vida social e politica passou a ser feita de transações. A solidariedade humana, a resignação, o espirito de renuncia, a solicitude desinteressada, a tolerancia disciplinar, a bondade, ápice da cultura sentimental, a perseverança, que foram os degraus do perfeioamento, moral e material, tudo isto rolou com aquelle romantismo que era honra, que era brio, que era dignidade, e que engrandecia as individualidades humanas.

Deixaram de existir todas aquellas bellezas que nos acostumaram a admirar, que eram o nosso apanagio, que foram e continuam a ser reliquias dos nossos antepassados.

Tudo se transmutou. A psychologia fez que nos deixassemos de prosternar diante de muitos altares. Apresentou-nos como monstros muitas das virtudes que eram nossos idolos.

A biologia veio depois e entrou em conflicto com ella quando se propoz a explicar caracteres.

Estamos ainda num periodo de transição. Entrecruzam-se a falsa sciencia e a boa sciencia, os philosophos e o philosophismo. As sociedades regem-se pelas necessidades de emergencia. O "negocio" a que me referi ha pouco, não tem criterio algum. Um interesse-maior que appareça uma hora depois do menor então combinado entre as



Município do Codó — Um aspecto da procissão do Sagrado Coração de Jesus, em Pedro II, vindo-se, ali, o padre Dourado, vigário da Paróchia, a prof. Delzuita R. Vianna, o collecter estadual.

elevado está voltando para dentro em breve empolgar a cultura literaria.

As variedades succedaneas daquelle romantismo empolgaram todos os centros intellectuaes. Os grandes mestres que guiaram essas variedades que receberam varios nomes, taes sejam, naturalismo, realismo, naturismo, etc. etc. modificaram com as suas produções a sociedade, justamente num momento em que ella decahia combalida por uma philosophia esteril... ou melhor, por um philosophismo sem idéas constructoras.

E todos começaram a assistir a derrocada dos sentimentos... Combateram-nos os escarneos e os doestos de uma sciencia petulante e indecisa e as viltas de uma mundanidade que surgia, reaccionaria, a destruir as normas e os preconceitos de uma moral carunchosa, de uma moral que devia cair, por não ser mais compativel, como a evolução da verdadeira sciencia, que não desapareceu, mas que se levantasse outra edificação moral que correspondesse ás condições da cultura mental dos povos.

Como era natural acontecesse, a idéa perdeu o aprumo de sua soberania, e um "materialismo" existente, despido de preconceitos toleraveis, alastrou-se pela sociedade. E esse materialismo exigente dominou os espiritos sadios e apoiou-se em conhecimentos apreciaveis.

E criou um interesse que se generalizou pelas camadas superiores e não adiantadas da socieda-

de. E esse interesse criou um como "negocio" entre chatins sem escrupulo.

E o "negocio" passou a ser a norma. A vida social e politica passou a ser feita de transações. A solidariedade humana, a resignação, o espirito de renuncia, a solicitude desinteressada, a tolerancia disciplinar, a bondade, ápice da cultura sentimental, a perseverança, que foram os degraus do perfeioamento, moral e material, tudo isto rolou com aquelle romantismo que era honra, que era brio, que era dignidade, e que engrandecia as individualidades humanas.

Deixaram de existir todas aquellas bellezas que nos acostumaram a admirar, que eram o nosso apanagio, que foram e continuam a ser reliquias dos nossos antepassados.

Tudo se transmutou. A psychologia fez que nos deixassemos de prosternar diante de muitos altares. Apresentou-nos como monstros muitas das virtudes que eram nossos idolos.

A biologia veio depois e entrou em conflicto com ella quando se propoz a explicar caracteres.

Estamos ainda num periodo de transição. Entrecruzam-se a falsa sciencia e a boa sciencia, os philosophos e o philosophismo. As sociedades regem-se pelas necessidades de emergencia. O "negocio" a que me referi ha pouco, não tem criterio algum. Um interesse maior que appareça uma hora depois do menor então combinado entre as

LIBAMBO

Original de FULGENCIO PINTO



Concita Fontoura Chaves, dilecta filhinha do sr.

Herotides Fontoura Chaves e da professora Fani

Parga Fontoura, residentes em Morros

partes, é, sem o menor escrúpulo das partes, preferido!

Assim nas sociedades como nos Estados.

Era preciso mesmo que aquelle primeiro romantismo voltasse. Não para ficar definitivamente, mas para ajudar as collectividades a passar esses longos dias de transição, que rescendem o realismo nauseante, como se as sociedades se transformassem em grandes feiras de pobres onde todas as coisas são offerecidas por todos os preços e a grandes mercados onde os preços variam com a physionomia e a necessidade do comprador.

Esse primeiro realismo nunca fez mal a ninguém. E' facto que nos prejudicava um pouco a noção da realidade, mas não resta duvida que era uma das forças que equilibravam as nacionalidades.

Mecê já viu!
Mais qui vêia é nha Canúta,
Fazidêra de furdunço,
Pirigosa pra fallá!
Pois foi cuntá para seu Camilho Português,
O namôro de Polina,
Lá no fundo dô quintá!

Só mesmo táca,
Nessa gente linguaruda,
Sem vregonha e libambêra,
Qui de tudo qué sabê,
Pois quem pricura se metê na vida alêra,
Pra mexê im certas coisa,
Mixirico qué fazê.

E o português ficô fulo, invregunhado,
Deu no Chico, o namurado
De sua fia, uns pescução,
Mais o padrinho do rapá, qui né parado,
Cumpanhó cum dois sordado,
E levô tudo pra prisão.



Senhorita Maria de Lourdes Corrêa Lima, digna professora, residente em S. Bernardo, onde exerce o seu ministerio com muita dedicação

LIBAMBO

Original de FULGENCIO PINTO



Concita Fontoura Chaves, dilecta filhinha do sr.

Herotides Fontoura Chaves e da professora Fani

Parga Fontoura, residentes em Morros

partes, é, sem o menor escrúpulo das partes, preferido !

Assim nas sociedades como nos Estados.

* * *

Era preciso mesmo que aquelle primeiro romantismo voltasse. Não para ficar definitivamente, mas para ajudar as collectividades a passar esses longos dias de transição, que rescendem o realismo nauseante, como se as sociedades se transformassem em grandes feiras de pobres onde todas as coisas são offerecidas por todos os preços e a grandes mercados onde os preços variam com a physionomia e a necessidade do comprador.

Esse primeiro realismo nunca fez mal a ninguém. E' facto que nos prejudicava um pouco a noção da realidade, mas não resta duvida que era uma das forças que equilibravam as nacionalidades.

Mecê já viu !
Mais qui vêia é nha Canúta,
Fazidêra de furdunço,
Pirigosa pra fallá !
Pois foi cuntá para seu Camilho Português,
O namôro de Polina,
Lá no fundo dô quintá !

Só mesmo táca, ,
Nessa gente linguaruda,
Sem vregonha e libambêra,
Qui de tudo qué sabê,
Pois quem pricura se metê na vida alêra,
Pra mexê im certas coisa,
Mixirico qué fazê.

E o português ficô fulo, invregunhado,
Deu no Chico, o namurado
De sua fia, uns pescução,
Mais o padrinho do rapá, qui né parado,
Cumpanhê cum dois sordado,
E levô tudo pra prisão.



Senhorita Maria de Lourdes Corrêa Lima, digna professora, residente em S. Bernardo, onde exerce o seu ministério com muita dedicação

FRANCISCO COELHO AGUIAR,

um grande amigo do Maranhão

A figura brilhante do consul português, em Maranhão, impõe-se á admiração de todas as classes sociaes de nossa terra, pelas suas superiores qualidades de representante de Portugal, de homem de sociedade e de verdadeiro **business-man**.

E' que o sr. Francisco Coêlho Aguiar já está radicado no Maranhão. A sua vida de trabalho tem sido util ao nosso Estado, aqui vive e aqui produz, — é uma energia criadora e renovadora.

O regresso do illustre amigo, da Capital da Republica, foi motivo de justo contentamento para os seus amigos e admiradores.

Para recebê-lo, á rampa, compareceu o que S. Luiz tem de mais representativo.

O nosso "cliché" revela um aspecto desse desembarque vendo-se além do homenageado e sua digna família, o representante do Interventor Federal, grande numero de amigos e admiradores.



FRANCISCO COELHO AGUIAR,

um grande amigo do Maranhão

A figura brilhante do consul portuguez, em Maranhão, impõe-se á admiração de todas as classes sociaes de nossa terra, pelas suas superiores qualidades de representante de Portugal, de homem de sociedade e de verdadeiro **business-man**.

E' que o sr. Francisco Coêlho Aguiar já está radicado no Maranhão. A sua vida de trabalho tem sido util ao nosso Estado, aqui vive e aqui produz, — é uma energia criadora e renovadora.

O regresso do illustre amigo, da Capital da Republica, foi motivo de justo contentamento para os seus amigos e admiradores.

Para recebê-lo, á rampa, compareceu o que S. Luiz tem de mais representativo.

O nosso "cliché" revela um aspecto desse desembarque vendo-se além do homenageado e sua digna família, o representante do Interventor Federal, grande numero de amigos e admiradores.



“PACOTILHA”

LUSO TORRES

Guardo algumas notas que escrevi acerca da **Pacotilha**, o velho jornal maranhense em que trabalhei ao lado de José Barreto, Agostinho Reis e Fran Paxeco.

Pelo amparo que sempre lhe deu o publico maranhense durante os longos annos de sua circulação, pelas luctas em que se empenhou renhidamente, a **Pacotilha** assignalou uma época de grande actividade na vida do jornalismo maranhense. Para este resultado, em grande parte concorreu a vocação jornalística de Agostinho Reis, de cujo fallecimento vão completar-se 16 annos no proximo dia 3 de novembro.

Algumas vezes ouvi commentarios e indagações relativos á escolha deste nome **Pacotilha** — com que Victor Lobato baptizou o seu jornal. **Pacotilha**, diz o dicionario, “é a porção de generos que um passageiro de navio pode levar consigo, sem pagar o transporte delles. Pacote pequeno. Mercadorias varias e de pouca importancia. Mercancia ordinaria.”

Não é, porém, acreditavel que esta simples definição induzisse na escolha do titulo do velho órgão maranhense, numa terra e num tempo em que o vocabulo já não era correntio.

Quer-me parecer que houve aqui a influencia do “Correio Mercantil”, do Rio de Janeiro.

Este jornal, que foi um dos mais importantes da imprensa brasileira, e em que collaboraram eminentes personalidades do segundo imperio, exerceu grande ascendencia sobre o espirito publico em todo o nosso paiz.

Havia no “Correio Mercantil” uma secção intitulada “**Pacotilha**”, na qual de tudo se tratava e era muito procurada por ser fonte abundante de remosques, sátiras e provocações.

Nunca li o “Correio Mercantil”. Deparou-se-me, porém, a referencia áquella secção num artigo de Alberto Faria, publicado na “Revista de Philologia Portuguesa”, dirigida pelo inolvidavel Mario Barreto, em seu n. 12 de 1924.

No seu precioso livro “Galicismos e não galicismos”, o erudito sr. Affonso Costa opina que o galicismo **pacotilha** é aceitavel e lembra o nome adoptado pelo fundador do velho órgão maranhense, tanto mais quanto muito influe na acceitação a circumstancia de ser o Maranhão “terra de gram-

maticos”, com licença do dictado — cria fama e deita-te a dormir.

Penso que Victor Lobato se inspirou na gazeta carioca e de lá tirou o nome da **Pacotilha**, que no seu inicio tinha accentuada feição humoristica.

A **Pacotilha** começou a publicar-se como diario aos 9 de abril de 1881.

Antes desta data, Victor Lobato, alma de luctador, fundara, com o mesmo nome, um semanario humoristico, em cujo cabeçalho, enroscando-se nas letras de phantasia, dançavam grotescamente figurinhas desenhadas pelo notavel artista portuquez Raphael Bordalo Pinheiro.

Deve isto datar do tempo em que Bordalo Pinheiro esteve no Rio de Janeiro, onde collaborou no “Mosquito”, ao lado de Arthur Azevedo, ou quando publicou o “Besouro” ou o “Psit !”.

Fervoroso abolicionista, visando ao engrandecimento de sua terra, Victor Lobato comprehendeu a necessidade da gazeta diaria, em que sentisse o contacto da alma popular e pudesse pregar a boa causa.

Fez, então, a **Pacotilha** diaria, “jornal para todos”, que um punhado de crianças, “enjaquetadas de zuarte americano, trazendo na cabeça barretes vermelhos”, apregoava pelo centro da velha cidade e pelos suburbios. “**Pacotilha ! 40 réis !**”.

Informa-nos Raul Astolpho Marques: “A mas-



Um trecho da estrada de rodagem Passagem-Franca — Burity-Bravo

“PACOTILHA”

LUSO TORRES

Guardo algumas notas que escrevi acerca da **Pacotilha**, o velho jornal maranhense em que trabalhei ao lado de José Barreto, Agostinho Reis e Fran Paxeco.

Pelo amparo que sempre lhe deu o publico maranhense durante os longos annos de sua circulação, pelas luctas em que se empenhou renhidamente, a **Pacotilha** assignalou uma época de grande actividade na vida do jornalismo maranhense. Para este resultado, em grande parte concorreu a vocação jornalística de Agostinho Reis, de cujo fallecimento vão completar-se 16 annos no proximo dia 3 de novembro.

Algumas vezes ouvi commentarios e indagações relativos á escolha deste nome **Pacotilha** — com que Victor Lobato baptizou o seu jornal. **Pacotilha**, diz o dicionario, “é a porção de generos que um passageiro de navio pode levar consigo, sem pagar o transporte delles. Pacote pequeno. Mercadorias varias e de pouca importancia. Mercancia ordinaria.”

Não é, porém, acreditavel que esta simples definição induzisse na escolha do titulo do velho órgão maranhense, numa terra e num tempo em que o vocabulo já não era correntio.

Quer-me parecer que houve aqui a influencia do “Correio Mercantil”, do Rio de Janeiro.

Este jornal, que foi um dos mais importantes da imprensa brasileira, e em que collaboraram eminentes personalidades do segundo imperio, exerceu grande ascendencia sobre o espirito publico em todo o nosso paiz.

Havia no “Correio Mercantil” uma secção intitulada “**Pacotilha**”, na qual de tudo se tratava e era muito procurada por ser fonte abundante de remosques, sátiras e provocações.

Nunca li o “Correio Mercantil”. Deparou-se-me, porém, a referencia áquella secção num artigo de Alberto Faria, publicado na “Revista de Philologia Portuguesa”, dirigida pelo inolvidavel Mario Barreto, em seu n. 12 de 1924.

No seu precioso livro “Galicismos e não galicismos”, o erudito sr. Affonso Costa opina que o galicismo **pacotilha** é aceitavel e lembra o nome adoptado pelo fundador do vello órgão maranhense, tanto mais quanto muito influe na acceitação a circumstancia de ser o Maranhão “terra de gram-

maticos”, com licença do dictado — cria fama e deita-te a dormir.

Penso que Victor Lobato se inspirou na gazeta carioca e de lá tirou o nome da **Pacotilha**, que no seu inicio tinha accentuada feição humoristica.

A **Pacotilha** começou a publicar-se como diario aos 9 de abril de 1881.

Antes desta data, Victor Lobato, alma de luctador, fundara, com o mesmo nome, um semanario humoristico, em cujo cabeçalho, enroscando-se nas letras de phantasia, dançavam grotescamente figurinhas desenhadas pelo notavel artista portuguez Raphael Bordalo Pinheiro.

Deve isto datar do tempo em que Bordalo Pinheiro esteve no Rio de Janeiro, onde collaborou no “Mosquito”, ao lado de Arthur Azevedo, ou quando publicou o “Besouro” ou o “Psit !”.

Fervoroso abolicionista, visando ao engrandecimento de sua terra, Victor Lobato comprehendeu a necessidade da gazeta diaria, em que sentisse o contacto da alma popular e pudesse pregar a boa causa.

Fez, então, a **Pacotilha** diaria, “jornal para todos”, que um punhado de crianças, “enjaquetadas de zuarte americano, trazendo na cabeça barretes vermelhos”, apregoava pelo centro da velha cidade e pelos suburbios. “**Pacotilha ! 40 réis !**”.

Informa-nos Raul Astolpho Marques: “A mas-



Um trecho da estrada de rodagem Passagem-Franca — Burity-Bravo

sa popular recebia num amplexo, toda ternura e carícias, o jornal concebido e feito para ella.

"Victor Lobato foi o arrojado, o inovador, o introductor do jornalismo genuinamente popular no Maranhão".

Aluizio Azevedo, João Affonso do Nascimento, Agripino Azevedo, Barbosa de Godois, João F. Gromwell, Manuel de Bettencourt, Pedro Freire, Francisco da Cunha Machado, Antonio Rodrigues Bayma de Souza, Antonio de Souza Rubim e outros deram a Victor Lobato desinteressado auxilio.

O apparecimento da **Pacotilha** foi, de facto, um grande golpe vibrado na proverbial sizudez provinciana.

O maximo desenvolvimento da **Pacotilha** realizou-se quando foi seu redactor-gerente Agostinho Pereira Reis.

Sempre que, na historia do jornalismo maranhense vier á balha a **Pacotilha**, os nomes de Victor Lobato e Agostinho Reis hão de apparecer como pontos determinantes do desenvolvimento da popular gazeta, a que, em sua pastoral de despedida, se referiu o notavel prelado D. Helvecio Gomes de Oliveira, quando daqui seguiu para o arcebisado de Mariana, nestes termos: "...a veterana **Pacotilha**, a quem 41 annos de existencia trabalhosa, altiva, conquistaram a primazia de que por ella justamente se ufana a intellectualidade maranhense".

Nas horas de calma nos arraiaes partidarios, quasi todos os intellectuaes maranhenses daquelle tempo, sem distincção de seita politica, collaboraram na **Pacotilha**, e isto se deve á influencia pes-

soal de Agostinho Reis, director de jornal em cuja alma acertaram de encontrar-se qualidades magnificas, de que algumas raiavam pela virtude.

Quando elle morreu, no editorial que escrevi para o jornal, accentuei o desprendimento com que acolhia os moços, escriptores incipientes, que tentavam abrir caminho no cultivo das letras, aconselhando-os muitas vezes, sem ferir susceptibilidades, a que evitassem a matulagem das rodinhas literarias. Era tolerante e bondoso para com as pequeninas vaidades dos néófitos e fazia-se assim estimar.

E como elle se multiplicava em esforços na gerencia, na redacção e na typographia da **Pacotilha**, depauperando o seu organisimo e encurtando a propria vida !

Que o digam os typographos daquelle tempo, em que elle, ás vezes, ia jantar ás 9 ou 10 horas da noite, porque um desarranjo no prelo o inquietava e lle tirava o appetite.

Agostinho Reis possuia grande força de vontade, e assim se explica a marcha ascensional do seu espirito, desde a simples condição de typographo á gerencia e redacção da **Pacotilha**.

Certo é o jornalismo uma carreira ingrata, em que surgem horas de ansiedade, de maguas, de desalentos, horas amargas, que nenhum bem compensa desde que o jornalista seja da envergadura de Agostinho Reis, sempre fiel á purificadora paixão do seu officio, em que a fidalguia dos sentimentos é o traço mais relevante, não o apagando nem o cansaço das pelejas, nem o commercio dos homens, tão cheio de desillusões.



Pedreiras — Trabalhadores orientados pelo agronomo Ariston Ribeiro, num campo de sementes da Secção de Fomento Agricola deste Estado

sa popular recebia num amplexo, toda ternura e carícias, o jornal concebido e feito para ella.

"Victor Lobato foi o arrojado, o inovador, o introductor do jornalismo genuinamente popular no Maranhão".

Aluizio Azevedo, João Affonso do Nascimento, Agripino Azevedo, Barbosa de Godois, João F. Gromwell, Manuel de Bettencourt, Pedro Freire, Francisco da Cunha Machado, Antonio Rodrigues Bayma de Souza, Antonio de Souza Rubim e outros deram a Victor Lobato desinteressado auxilio.

O apparecimento da **Pacotilha** foi, de facto, um grande golpe vibrado na proverbial sizudez provinciana.

O maximo desenvolvimento da **Pacotilha** realizou-se quando foi seu redactor-gerente Agostinho Pereira Reis.

Sempre que, na historia do jornalismo maranhense vier á balha a **Pacotilha**, os nomes de Victor Lobato e Agostinho Reis hão de apparecer como pontos determinantes do desenvolvimento da popular gazeta, a que, em sua pastoral de despedida, se referiu o notavel prelado D. Helvecio Gomes de Oliveira, quando daqui seguiu para o arcebisado de Mariana, nestes termos: "...a veterana **Pacotilha**, a quem 41 annos de existencia trabalhosa, altiva, conquistaram a primazia de que por ella justamente se ufana a intellectualidade maranhense".

Nas horas de calma nos arraiaes partidarios, quasi todos os intellectuaes maranhenses daquelle tempo, sem distincção de seita politica, collaboraram na **Pacotilha**, e isto se deve á influencia pes-

soal de Agostinho Reis, director de jornal em cuja alma acertaram de encontrar-se qualidades magnificas, de que algumas raiavam pela virtude.

Quando elle morreu, no editorial que escrevi para o jornal, accentuei o desprendimento com que acolhia os moços, escriptores incipientes, que tentavam abrir caminho no cultivo das letras, aconselhando-os muitas vezes, sem ferir susceptibilidades, a que evitassem a matulagem das rodinhas literarias. Era tolerante e bondoso para com as pequeninas vaidades dos néófitos e fazia-se assim estimar.

E como elle se multiplicava em esforços na gerencia, na redacção e na typographia da **Pacotilha**, depauperando o seu organismo e encurtando a propria vida !

Que o digam os typographos daquelle tempo, em que elle, ás vezes, ia jantar ás 9 ou 10 horas da noite, porque um desarranjo no prelo o inquietava e lhe tirava o appetite.

Agostinho Reis possuia grande força de vontade, e assim se explica a marcha ascensional do seu espirito, desde a simples condição de typographo á gerencia e redacção da **Pacotilha**.

Certo é o jornalismo uma carreira ingrata, em que surgem horas de ansiedade, de maguas, de desalentos, horas amargas, que nenhum bem compensa desde que o jornalista seja da envergadura de Agostinho Reis, sempre fiel á purificadora paixão do seu officio, em que a fidalguia dos sentimentos é o traço mais relevante, não o apagando nem o cansaço das pelejas, nem o commercio dos homens, tão cheio de desillusões.



Pedreiras — Trabalhadores orientados pelo agronomo Ariston Ribeiro, num campo de sementes da Secção de Fomento Agricola deste Estado

GODOFRÊDO VIANNA

FUGA E PRISÃO DO PADRE CARLOS TOLEDO

Passava de meia noite, quando o padre Toledo, congratulando-se com os companheiros pela excelente aquisição que para a causa acabavam de obter com a adesão do negociante José Paes, ali presente, declarou encerrados os trabalhos dessa noite e mandou fosse lavrada a acta respectiva. A casa estava mergulhada na mais profunda escuridão, menos no quarto "dos cinco sentidos", onde se achavam reunidos, a portas fechadas. O secretário, antes de registrar o ocorrido na sessão, apagou as luzes do altar collocado a um dos cantos do aposento e defronte do qual havia pouco o novo inconfidente prestara, ajoelhado e beijando o livro dos Santos Evangelhos, que lhe apresentara o vigário, o seu juramento de fidelidade e sigilo.

Estavam presentes, entre outros, José da Resende Costa, Capitão de Auxiliares e lavrador, o qual viera secretamente de sua fazenda dos Campos Geraes, seu filho José, mancebo de dezoito annos, o padre Manoel Rodrigues da Costa, o Coronel Francisco Antonio de Oliveira Lopes, fazendeiro importante na Ponta do Morro, José Ayres Gomes e Victoriano Gonçalves Vellozo.

Subitamente, ficaram immoveis, as mãos collocadas nas orelhas, em concha. Tinham ouvido o signal, batido discretamente a uma das janelas lateraes da casa. Novo batido, evidentemente sem a pausa combinada. E logo outro. E outro mais. Sem perder a calma, o padre, ajudado pelo grupo, afastou o altar de madeira e levantou o alçapão sob elle dissimulado. Era uma passagem subterranea e secreta da casa para a igreja proxima de S. João Evangelista dos Homens Pardos. Pediu que o aguardassem todos no consistorio. Iria ver quem era. Cautelosamente abriu a janella, sem rumor.

—Padre, venho de Villa Rica. Não encontrei o Capitão na fazenda. Soube que estava aqui. Diga-lhe que o Alferes foi preso no Rio de Janeiro. A conjura está descoberta.

O padre perguntou quem falava e pediu mais pormenores. O vulto, porém, sem lhe responder, esgueirou-se como um phantasma.

Padre Toledo fechou serenamente a janella, entrou de novo no quarto, levantou o alçapão e ganhou a igreja. O panico foi enorme entre os seus companheiros. Abraçavam-se, tiritando de pa-

vor. Um a um foram sahindo pela porta do fundo, que o padre abriu devagarinho, e dava para o terreno baldio, coberto de matapasto.

Padre Toledo ficou só, a cabeça pendida, longo tempo. Depois, recobrando-se, voltou ao quarto, onde as velas de cêra crepitavam. Aos pedacinhos, para não fazer muito fumo, queimou os papeis da conspiração. O dia já ia clareando, quando elle terminou a fatigante tarefa. Então, recolheu-se ao leito e dormiu até tarde.

A noticia não transpirára ainda na villa. Tudo como nos dias anteriores. Cada qual no seu trabalho, e, esvoaçando aqui e acolá, sussurrantes como vespas, os mexericos da terra. Padre Toledo sahiu, como de costume, e andou de loja em loja, cavaqueando jovial e palrador como sempre. Geitosamente, insinuava a todos que tinha de ir mais tarde ao arraial de Campo Lide visitar um



Três amigos de ATHENAS: José Ribamar, José Murillo, José Dejard posando para nossa objectiva

GODOFRÊDO VIANNA

FUGA E PRISÃO DO PADRE CARLOS TOLEDO



Passava de meia noite, quando o padre Toledo, congratulando-se com os companheiros pela excelente aquisição que para a causa acabavam de obter com a adesão do negociante José Paes, ali presente, declarou encerrados os trabalhos dessa noite e mandou fosse lavrada a acta respectiva. A casa estava mergulhada na mais profunda escuridão, menos no quarto "dos cinco sentidos", onde se achavam reunidos, a portas fechadas. O secretário, antes de registrar o ocorrido na sessão, apagou as luzes do altar collocado a um dos cantos do aposento e defronte do qual havia pouco o novo inconfidente prestara, ajoelhado e beijando o livro dos Santos Evangelhos, que lhe apresentara o vigário, o seu juramento de fidelidade e sigilo.

Estavam presentes, entre outros, José da Resende Costa, Capitão de Auxiliares e lavrador, o qual viera secretamente de sua fazenda dos Campos Geraes, seu filho José, mancebo de dezoito annos, o padre Manoel Rodrigues da Costa, o Coronel Francisco Antonio de Oliveira Lopes, fazendeiro importante na Ponta do Morro, José Ayres Gomes e Victoriano Gonçalves Vellozo.

Subitamente, ficaram immoveis, as mãos collocadas nas orelhas, em concha. Tinham ouvido o signal, batido discretamente a uma das janelas lateraes da casa. Novo batido, evidentemente sem a pausa combinada. E logo outro. E outro mais. Sem perder a calma, o padre, ajudado pelo grupo, afastou o altar de madeira e levantou o alçapão sob elle dissimulado. Era uma passagem subterranea e secreta da casa para a igreja proxima de S. João Evangelista dos Homens Pardos. Pediu que o aguardassem todos no consistorio. Iria ver quem era. Cautelosamente abriu a janella, sem rumor.

—Padre, venho de Villa Rica. Não encontrei o Capitão na fazenda. Soube que estava aqui. Diga-lhe que o Alferes foi preso no Rio de Janeiro. A conjura está descoberta.

O padre perguntou quem falava e pediu mais pormenores. O vulto, porém, sem lhe responder, esgueirou-se como um phantasma.

Padre Toledo fechou serenamente a janella, entrou de novo no quarto, levantou o alçapão e ganhou a igreja. O panico foi enorme entre os seus companheiros. Abraçavam-se, tiritando de pa-

vor. Um a um foram sahindo pela porta do fundo, que o padre abriu devagarinho, e dava para o terreno baldio, coberto de matapasto.

Padre Toledo ficou só, a cabeça pendida, longo tempo. Depois, recobrando-se, voltou ao quarto, onde as velas de cêra crepitavam. Aos pelacinhos, para não fazer muito fumo, queimou os papeis da conspiração. O dia já ia clareando, quando elle terminou a fatigante tarefa. Então, recolheu-se ao leito e dormiu até tarde.

A noticia não transpirára ainda na villa. Tudo como nos dias anteriores. Cada qual no seu trabalho, e, esvoaçando aqui e acolá, sussurrantes como vespas, os mexericos da terra. Padre Toledo sahiu, como de costume, e andou de loja em loja, cavaqueando jovial e palrador como sempre. Geitosamente, insinuava a todos que tinha de ir mais tarde ao arraial de Campo Lide visitar um



Três amigos de ATHENAS: José Ribamar, José Murillo, José Dejjard posando para nossa objectiva

MÃE D'AGUA



Newton Sá, o jovem escultor maranhense, este anno, apresentou ao Salão, no Rio, um magnifico trabalho, que mereceu, por votação unanime do jury, medalha de prata. O trabalho offerece um thema genuinamente brasileiro. O escultor foi inspirar-se na lenda da Mãe-d'agua, um dos mais bellos mythos da Amazonia. Newton Sá buscou, afinal, um motivo nosso. O seu trabalho é magnifico e reaffirma os meritos desse moço, que tem diante de si um futuro brilhante

compadre, que se sentindo doente e sem poder viajar, lhe pedia a presença, com urgencia.

Ao cahir da tarde, viram-no sair da villa a cavallo, mansamente; mas, apenas desapareciam as ultimas casas, o padre abandonou a estrada que rumava para N. S. da Igreja Nova de Campo Lide e tomou por um atalho que o devia levar para detraz da Serra de S. José. Era alli, na casa de uma sua afilhada, cujo pae lhe era de uma fidelidade canina, que pretendia homisiar-se.

Quando bateu discretamente á porta da casinha perdida no valle quieto, era já noite. Os cães accorreram, ladrando furiosamente. Mas, logo fa-rejando a sotaina negra do padre, começaram a granir baixinho, festejando-o.

O roceiro ficou, num relance, sabedor de tudo. Era preciso que ninguém desconfiasse de sua presença ali, explicou o padre. Senão, era um homem morto. O compadre benzeu-se, arrepiado,

temendo pela vida de seu amigo. Pois seria lá possivel matar-se um padre, um vigario de Deus? — Não tivesse elle duvidas. Se o prendessem, podia contar com a corda ao pescoço.

Os dias corriam monotonos, e o vigario de S. José, atormentado de sobresaltos, definhava a olhos vistos. Curvado, a barba grisalha sujando-lhe o rosto passava as longas horas do seu homisio a ler o Breviario. O compadre de quando em quando ia á villa e trazia, aterrado, noticias tremendas. Muita gente presa. Os esbirros andavam á cata do vigario por toda a parte. O padre Costa já estava na cadeia de Villa Rica. O desembargador Gonzaga seguira para o Rio, algemado, no dorso de uma mula e cercado de soldados. Patrulhas de cavallaria percorriam as estradas. Falava-se que todos seriam condemnados á morte e enforcados.

MÃE D'AGUA



Newton Sá, o jovem escultor maranhense, este anno, apresentou ao Salão, no Rio, um magnifico trabalho, que mereceu, por votação unanime do jury, medalha de prata. O trabalho offerece um thema genuinamente brasileiro. O escultor foi inspirar-se na lenda da Mãe-d'agua, um dos mais bellos mythos da Amazonia. Newton Sá buscou, afinal, um motivo nosso. O seu trabalho é magnifico e reaffirma os meritos desse moço, que tem diante de si um futuro brilhante

compadre, que se sentindo doente e sem poder viajar, lhe pedia a presença, com urgencia.

Ao cahir da tarde, viram-no sair da villa a cavallo, mansamente; mas, apenas desapareciam as ultimas casas, o padre abandonou a estrada que rumava para N. S. da Igreja Nova de Campo Lide e tomou por um atalho que o devia levar para detraz da Serra de S. José. Era alli, na casa de uma sua afilhada, cujo pae lhe era de uma fidelidade canina, que pretendia homisiar-se.

Quando bateu discretamente á porta da casinha perdida no valle quieto, era já noite. Os cães accorreram, ladrando furiosamente. Mas, logo farejando a sotaina negra do padre, começaram a granir baixinho, festejando-o.

O roceiro ficou, num relance, sabedor de tudo. Era preciso que ninguém desconfiasse de sua presença ali, explicou o padre. Senão, era um homem morto. O compadre benzeu-se, arrepiado,

temendo pela vida de seu amigo. Pois seria lá possivel matar-se um padre, um vigario de Deus? — Não tivesse elle duvidas. Se o prendessem, podia contar com a corda ao pescoço.

Os dias corriam monotonos, e o vigario de S. José, atormentado de sobresaltos, definhava a olhos vistos. Curvado, a barba grisalha sujando-lhe o rosto passava as longas horas do seu homisio a ler o Breviario. O compadre de quando em quando ia á villa e trazia, aterrado, noticias tremendas. Muita gente presa. Os esbirros andavam á cata do vigario por toda a parte. O padre Costa já estava na cadeia de Villa Rica. O desembargador Gonzaga seguira para o Rio, algemado, no dorso de uma mula e cercado de soldados. Patrulhas de cavallaria percorriam as estradas. Falava-se que todos seriam condemnados á morte e enforcados.

Um dia, padre Toledo chamou o compadre e disse com voz sumida:

—Compadre, você é mesmo meu amigo?

—Assim como existe Deus, sô Vigaro.

—Obrigado. Diga-me: — conhece a fazenda do Capitão Resende Costa?

Se conhecia os Campos Geraes! Pois se era nato e creado na casa dessa gente... Lá se casara e lá lhe morreu a mulher (que Deus haja em sua santa guarda), deixando-lhe a menina, que era a afilhada de sô Vigaro. Nesse tempo ella era assiminha. Mudára-se com a filha para aquelle ermo por causa de uma reixa que tivera com sô Totonho, o feitor da fazenda, home máu e vingativo, que era a menina dos óio do Capitão. De vez em condo ia lá e todos lhe fazia muita festa. Menos o feitor. Tambem elle nem siquer o sarvava.

—Pois você vai aos Campos Geraes. Procure communicar-se em segredo com o velho. Elle deve estar escondido nos mattos. Mas, se a familia souber que você vai a meu mando, não lhe porá difficuldades. Pergunte o que ha e o que pretendem fazer os amigos. Compreendeu? Prestebem attenção a tudo, mas não traga nada escripto.

O roceiro partiu: pelo compadre deixava-se matar, contente.

Com a sua ausência, augmentou o pavor do padre. Não dormiu mais. Alimentava-se como um passarinho. Seccava. Dois dias e duas noites passaram. Teria sido preso o compadre João? A demora já era grande... Campos Geraes ficavam apenas a quatro leguas de S. José. E' verdade que os caminhos estavam ruins e o homem viajava a pé para não ser notado. Ainda assim, era muito. O menor rumor no pateo alarmava-o, em estremeções violentos. Seria o compadre? Seriam soldados? Tudo, porém, aquietava-se e sómente o canto dos galos enchia sonoramente o silencio daquella solidão.

Dessa vez era mesmo o roceiro. Abriu a



Igreja de Sto. Antonio, em S. Luiz, uma das mais tradicionaes de nossa terra, tendo, ahi, o Padre Vieira feito o celebre sermão aos peixes. Funciona ao lado o Seminario de Sto. Antonio em cujo terreno existe a mais antiga das fontes maranhenses, que vem desde a fundação dos francezes manando nas suas aguas puras e frescas

porta de mansinho. Trazia muitas novidades, e bem tristes. A fazenda estava cercada. O velho Resende Costa tinha sido preso e remettido para Villa Rica. Teimara em não se occultar. Levaram-no, os braços amarrados, tanguido com insultos crueis. O filho José esteve foragido nos mattos, mas acabaram por prendel-o tambem. Fazia tres dias que fôra mandado, com algemas, para a Villa. O cunhado do moço José, ao ser elle preso, pediu que lhe deixassem dar outras roupas, visto que aquellas que trazia estavam rasgadas e sujas de tantos dias de matto e lama. Custaram muito, afinal attenderam. Sá Dulinda, sua velha aia, contou-lhe (depois que elle jurou segredo pelas Sagradas Escripuras, pelo Sangue de N. S. Jesus Christo), que a irmã substituiu os botões do casaco por moedas de ouro, cobrindo-os com a mesma fazenda da roupa, e que ao abraçal-o na despedida, entre lagrimas e gritos de desespero, conseguiu dizer-lhe em voz baixa: — "Quando precisar de dinheiro, arranque os botões". Então, elle lhe contou, tambem debaixo de juramento, que sô Vigaro estava em sua casa. Então, a vóia manda dizer a sô Vigario que tenha muito cuidado, porque já tinha ouvido dizer que estavam offerecendo muitas oitavas de ouro para quem o prendesse.

O padre, que o escutava calado, a cabeça bai-



O edificio municipal de Axixá, neste Estado

Um dia, padre Toledo chamou o compadre e disse com voz sumida:

—Compadre, você é mesmo meu amigo?

—Assim como existe Deus, sô Vigaro.

—Obrigado. Diga-me: — conhece a fazenda do Capitão Resende Costa?

Se conhecia os Campos Geraes! Pois se era nato e creado na casa dessa gente... Lá se casara e lá lhe morreu a mulher (que Deus haja em sua santa guarda), deixando-lhe a menina, que era a afilhada de sô Vigaro. Nesse tempo ella era assiminha. Mudára-se com a filha para aquele ermo por causa de uma reixa que tivera com sô Totonho, o feitor da fazenda, home máu e vingativo, que era a menina dos óio do Capitão. De vez em condo ia lá e todos lhe fazia muita festa. Menos o feitor. Também elle nem siquer o sarvava.

—Pois você vai aos Campos Geraes. Procure communicar-se em segredo com o velho. Elle deve estar escondido nos mattos. Mas, se a familia souber que você vai a meu mando, não lhe porá difficuldades. Pergunte o que ha e o que pretendem fazer os amigos. Compreendeu? Prestebem attenção a tudo, mas não traga nada escripto.

O roceiro partiu: pelo compadre deixava-se matar, contente.

Com a sua ausência, augmentou o pavor do padre. Não dormiu mais. Alimentava-se como um passarinho. Seccava. Dois dias e duas noites passaram. Teria sido preso o compadre João? A demora já era grande... Campos Geraes ficavam apenas a quatro leguas de S. José. E' verdade que os caminhos estavam ruins e o homem viajava a pé para não ser notado. Ainda assim, era muito. O menor rumor no pateo alarmava-o, em estremeções violentos. Seria o compadre? Seriam soldados? Tudo, porém, aquietava-se e sómente o canto dos galos enchia sonoramente o silencio daquella solidão.

Dessa vez era mesmo o roceiro. Abriu a



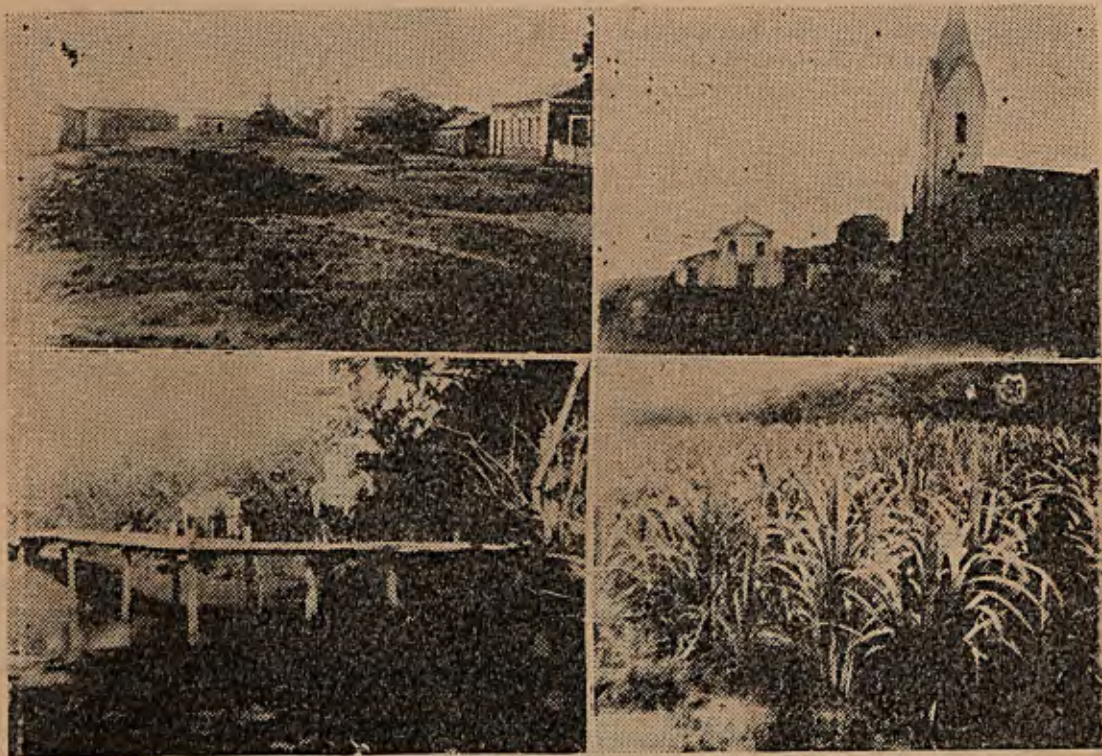
Igreja de Sto. Antonio, em S. Luiz, uma das mais tradicionaes de nossa terra, tendo, ahi, o Padre Vieira feito o celebre sermão aos peixes. Funciona ao lado o Seminario de Sto. Antonio em cujo terreno existe a mais antiga das fontes maranhenses, que vem desde a fundação dos francezes manando nas suas aguas puras e frescas

porta de mansinho. Trazia muitas novidades, e bem tristes. A fazenda estava cercada. O velho Resende Costa tinha sido preso e remettido para Villa Rica. Teimara em não se occultar. Levaram-no, os braços amarrados, tanguido com insultos crueis. O filho José esteve foragido nos mattos, mas acabaram por prendel-o também. Fazia tres dias que fôra mandado, com algemas, para a Villa. O cunhado do moço José, ao ser elle preso, pediu que lhe deixassem dar outras roupas, visto que aquellas que trazia estavam rasgadas e sujas de tantos dias de matto e lama. Custaram muito, afinal attenderam. Sá Dulinda, sua velha aia, contou-lhe (depois que elle jurou segredo pelas Sagradas Escripuras, pelo Sangue de N. S. Jesus Christo), que a irmã substituiu os botões do casaco por moedas de ouro, cobrindo-os com a mesma fazenda da roupa, e que ao abraçal-o na despedida, entre lagrimas e gritos de desespero, conseguiu dizer-lhe em voz baixa: — "Quando precisar de dinheiro, arranque os botões". Então, elle lhe contou, também debaixo de juramento, que sô Vigaro estava em sua casa. Então, a vóia manda dizer a sô Vigario que tenha muito cuidado, porque já tinha ouvido dizer que estavam offerecendo muitas oitavas de ouro para quem o prendesse.

O padre, que o escutava calado, a cabeça bai-



O edificio municipal de Axixá, neste Estado



S. Bernardo — Alguns aspectos interessantes de S. Bernardo, neste Estado. 1) Trecho da rua Magalhães de Almeida; 2) Ponte sobre o igarapé das Melancias. 3) Matriz de S. Bernardo. 4) Um canavial magnifico pertencente ao agricultor sr. Teotonio Manoel Araujo

xa, sentado no banco de pão do quarto onde se occultara, levantou-se de um salto, e pondo as mãos na cabeça, bradou:

—Você disse isso, desgraçado? Jesus de misericórdia, estou perdido!

A'quelle grito, a afilhada accorreu de dentro, pallida e tremendo como vara verde, o beijo branco, desfigurada. O roceiro estava enfiado.

—Sô Vigario me desculpe, mas crente que não fiz por mal.

O padre, afinal, voltou a si do desespero, acalmou-se um pouco, e resignado:

— Bem sei; bem sei, meu amigo. Mas, diga-me: alguém ouviu o que você disse á velha? E como foi que o deixaram sair?

— Nhor não: ninguém mais ouviu. Só seu Vicente, neto de Sá Dulinda. E' homem de confiança, eu agaranto. Elles não queriam que eu saísse só Vigaro. Mas, hoje de madrugada foi um sordado me accordá e dizer que fosse m'imbora e não me largou em conto não me viu na estrada.

O padre abanou a cabeça succumbido.

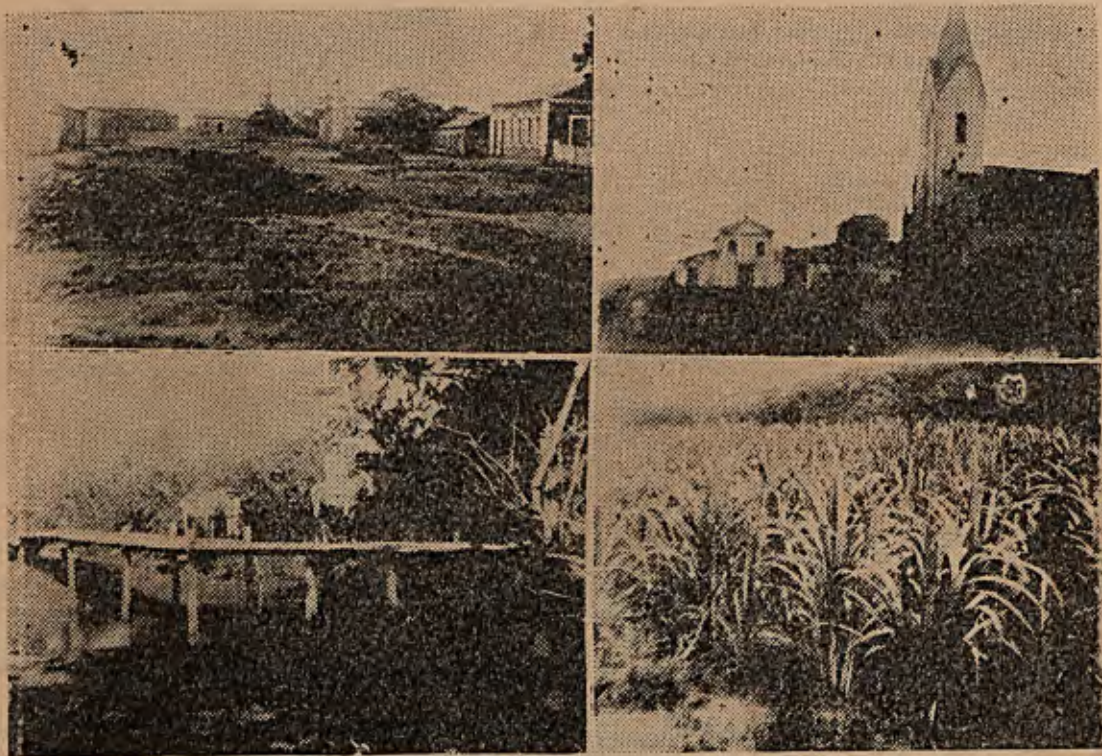
Era preciso fugir dalli, fosse para onde fosse, apenas anoitecesse.

O roceiro escondera já no bahú de couro da

filha a sotaina do padre, a quem déra o seu calção e o seu jaleco, quando um tropel de cavallos se fez ouvir. O vigario, deivairado, arrancou do quarto e sahiu correndo pela porta dos fundos, para alcançar o matto proximo. Não poudé atravessar o pacto. Dois cavalleiros, apeando-se rapidamente, agarraram-no, enquanto um terceiro se approximava, trazendo uma mula á dextra. Para cima della atiraram com o padre Toledo, meio morto de terror, e sumiram-se com elle na escuridão da noite.

QUANDO se impacientar, conte de um a dez. Quando se irritar, conte de um a vinte. Quando se encolerizar, conte de um a cem. Se não conseguir dominar-se, considere-se doente ou fraco; não prossiga na contenda porque será vencido ou vencedor que se envergonhara da victoria.

RENATO KEHL



S. Bernardo — Alguns aspectos interessantes de S. Bernardo, neste Estado. 1) Trecho da rua Magalhães de Almeida; 2) Ponte sobre o igarapé das Melancias. 3) Matriz de S. Bernardo. 4) Um canal magnífico pertencente ao agricultor sr. Teotônio Manoel Araújo

xa, sentado no banco de pão do quarto onde se occultara, levantou-se de um salto, e pondo as mãos na cabeça, bradou:

—Você disse isso, desgraçado? Jesus de misericórdia, estou perdido!

A'quelle grito, a afilhada accorreu de dentro, pallida e tremendo como vara verde, o boiço branco, desfigurada. O roceiro estava enfiado

—Sô Vigário me desculpe, mas creio que não fiz por mal.

O padre, afinal, voltou a si do desespero, acalmou-se um pouco, e resignado:

— Bem sei; bem sei, meu amigo. Mas, diga-me: alguém ouviu o que você disse á velha? E como foi que o deixaram sair?

— Nhor não: ninguém mais ouviu. Só seu Vicente, neto de Sá Dulinda. E' homem de confiança, eu agaranto. Elles não queriam que eu saísse só Vigário. Mas, hoje de madrugada foi um sordado me accordá e dizer que fosse m'imbora e não me largou em conto não me viu na estrada.

O padre abanou a cabeça succumbido.

Era preciso fugir dali, fosse para onde fosse, apenas anoitecesse.

O roceiro escondera já no bahu de couro da

filha a sotaina do padre, a quem dera o seu calção e o seu jaleco, quando um tropel de cavallos se fez ouvir. O vigário, deivairado, arrancou do quarto e sahiu correndo pela porta dos fundos, para alcançar o matto proximo. Não poudé atravessar o pacto. Dois cavalleiros, apeando-se rapidamente, agarraram-no, enquanto um terceiro se approximava, trazendo uma mula á dextra. Para cima della atiraram com o padre Toledo, meio morto de terror, e sumiram-se com elle na escuridão da noite.

QUANDO se impacientar, conte de um a dez. Quando se irritar, conte de um a vinte. Quando se encolerizar, conte de um a cem. Se não conseguir dominar-se, considere-se doente ou fraco; não prossiga na contenda porque será vencido ou vencedor que se envergonhara da victoria.

RENATO KEHL

CRUZEIRO DO SUL

H Y M N O

Brilhando, lá no céu, onde fulguras,
No grande santuario inacessível
Do templo incomparável das alturas,
Bemdicta sejas tu, cruz intangível!
Erguida sobre as glórias do passado,
Celeste cruz de enormes diamantes,
Bemdicta sejas nesse altar sagrado,
Onde guiaste os bravos bandeirantes!

Serena, entre as estrellas refulgentes,
Dentro da noite de 21 de abril,
O' redemptora cruz de Tiradentes,
E's a joia de luz do meu Brasil!
Relicario sublime e divinal,
Tremeluzindo e derramando luz
No lindo continente, que Cabral
Assignalou com uma formosa Cruz.

O' grande e aureo cruzeiro,
Sublime, santo e puro,
Que lá, no céu, sorriste
A D. Pedro I;
Reliquia do passado,
Promessa do futuro!

Talismã dos afoitos garimpeiros,
Dos Paranhos e Andrada; e da victoria
De Camões e Dias e Negreiros,
E's o lindo penhor de nossa Historia.
Maravilhosa cruz do sertanejo
Perdido, noites altas, nas estradas;
Do barqueiro indeciso no hordejo,
E's o Guia nas noites estrelladas.

Constellação, pelo passado fora,
Illuminando consagrados nomes,
Has de fulgir no Brasil novo, agora,
Luzeiro de Alencar e Carlos Gomes!
Brilharás sobre um povo grande e forte,
Deste enorme paiz nobre e fecundo,
Caldeando estas raças, Sul-a-Norte!
Novos heróes que hão de assombrar o mundo.

Consolo de Anchieta,
Em noites de aiflicção,
E cruz misteriosa
Das rezas de Mãe pretã,
De olhar amargurado,
Cantando uma oração!

Braços abertos, ó límpido Cruzeiro,
Illuminando a America do Sul,
E's o signal divino e brasileiro,
Que Deus traçou em nosso céu azul.
Não ha cruz mais sagrada e mais formosa,
Que a de nosso estandarte em céu de anil,
Bandeira soberana e gloriosa
Em toços os Estados do Brasil!

Pharol das caravanas viajeras
E das glórias do Duque de Caxias,
Cruz do colar das noites brasileiras
E dos poemas de Gonçalves Dias.
Nunca se apague no céu resplandecente
De nossa Patria, esse formoso élo;
Cruz divina de nosso continente
E de nesso Pendão verde-amarello!

O' signo glorioso
De gauchos heróes
E cruz de Ruy Barbosa:
Abençôa este céu
E brilha sobre nós!

GIESTA

O DIA DA PATRIA



O desfile do Batalhão Motorizado de metralhadoras no Rio de Janeiro

CRUZEIRO DO SUL

H Y M N O

Brilhando, lá no céu, onde fulguras,
No grande santuario inacessível
Do templo incomparável das alturas,
Bemdicta sejas tu, cruz intangível!
Erguida sobre as glórias do passado,
Celeste cruz de enormes diamantes,
Bemdicta sejas nesse altar sagrado,
Onde guiaste os bravos bandeirantes!

Serena, entre as estrellas refulgentes,
Dentro da noite de 21 de abril,
O' redemptora cruz de Tiradentes,
E's a joia de luz do meu Brasil!
Relicario sublime e divinal,
Tremeluzindo e derramando luz
No lindo continente, que Cabral
Assignalou com uma formosa Cruz.

O' grande e aureo cruzeiro,
Sublime, santo e puro,
Que lá, no céu, sorriste
A D. Pedro I;
Reliquia do passado,
Promessa do futuro!

Talismã dos afoitos garimpeiros,
Dos Paranhos e Andrada; e da victoria
De Camões e Dias e Negreiros,
E's o lindo penhor de nossa Historia.
Maravilhosa cruz do sertanejo
Perdido, noites altas, nas estradas;
Do barqueiro indeciso no hordejo,
E's o Guia nas noites estrelladas.

Constellação, pelo passado fora,
Illuminando consagrados nomes,
Has de fulgir no Brasil novo, agora,
Luzeiro de Alencar e Carlos Gomes!
Brilharás sobre um povo grande e forte,
Deste enorme paiz nobre e fecundo,
Caldeando estas raças, Sul-a-Norte!
Novos heróes que hão de assombrar o mundo.

Consolo de Anchieta,
Em noites de aiflicção,
E cruz mysteriosa
Das rezas de Mãe pretã,
De olhar amargurado,
Cantando uma oração!

Braços abertos, ó límpido Cruzeiro,
Illuminando a America do Sul,
E's o signal divino e brasileiro,
Que Deus traçou em nosso céu azul.
Não ha cruz mais sagrada e mais formosa,
Que a de nosso estandarte em céu de anil,
Bandeira soberana e gloriosa
Em toços os Estados do Brasil!

Pharol das caravanas viajeras
E das glórias do Duque de Caxias,
Cruz do colar das noites brasileiras
E dos poemas de Gonçalves Dias.
Nunca se apague no céu resplandecente
De nossa Patria, esse formoso élo:
Cruz divina de nosso continente
E de nesso Pendão verde-amarelo!

O' signo glorioso
De gauchos heróes
E cruz de Ruy Barbosa:
Abençôa este céu
E brilha sobre nós!

GIESTA

O DIA DA PÁTRIA



O desfile do Batalhão Motorizado de metralhadoras no Rio de Janeiro

DOIS ROMANCES PREMIADOS NUM CONCURSO

De Omer Mont'Alegre

(Especial para ATHENAS)

Não é ainda o momento para se escrever sobre os romances de Dalcídio Jurandyr e Clovis Ramallete. Que venham elles ao publico, que o publico então faça uma idéa do trabalho e da honestidade dos juizes do grande concurso de romance promovido por "Dom Casmurro" sob o patrocínio de Vecchi Editor. Dentro de meia centena de originaes enviados, estes dois representam trabalhos levados a termo sob orientações diversas, um, o de Dalcídio Jurandyr, filiado á escola post-modernista de 1930, com maior percentagem de drama, trazendo á guiza de definição uma epigraphe de Emily Bronte em "O morro dos ventos uivantes".

"Chove nos campos de Cachoeira" parecerá talvez um tanto duro em demasia, ás vezes; mas o livro, toda a sua condensação dramatica de uma decadência physica e moral, abatida tambem pela natureza que de tão exuberante se torna má, é bastante forte para descer sobre o leitor, crear um ambiente psychologico para a leitura, e affirmar, depois de volvida a ultima pagina, o grande romancista que ha de facto em Dalcídio Jurandyr. Neste momento, na ficção brasileira, a situação geographica do livro decide muita coisa. E' o primeiro marco de mais uma provincia. O livro distinguido com o premio "DOM CASMURRO" é marajoara.

"Ciranda", de Clovis Ramallete, é filho de outra orientação; marca um passo na volta do romance brasileiro ás suas fontes tradicionais; escripto com esmero, architectado scena por scena com os cuidados de quem deseja pôr em voga um figurino, perde em face do primeiro classificado na intensidade.

Trata-se de um romance genuinamente carioca; nascido e creado no Cattete, marca a vida de uma pensão, onde, no commum da existencia de cada morador, existe um drama, um detalhe, um subsidio levado á grande corrente humana. Depois do periodo de transição marcado com o romance-documentario, extincta a phase da modernista contra a forma, o romance de Clovis Ramallete é um signo da reacção, de boa reacção,

que, para bem da ficção nacional, tomara que seja seguido de perto por outras tentativas. Longe do interesse do argumento, da movimentação da trama esteve o romancista; muito perto, porém,



Omer Mont'Alegre

insistentemente á vista, esteve o critico que existe em Clovis Ramallete, marcando ponto por ponto as entradas de "Ciranda".

O original a que coube o premio "Vecchi Editor" é o marco de uma outra geração que se baterá pela volta do homem ao gabinete de estudos, achando na perfeição da forma o grande factor que vivifica a arte, tornando-se capaz de durar além do seu creador.

A alma, como o diamante,
Sendo polida é brilhante;
Em bruto não luz, não brilha,
Não se distingue da terra,
Não descobre a luz que encerra,
Não mostra de quem é filha.

JOÃO DE DEUS

DOIS ROMANCES PREMIADOS NUM CONCURSO

De Omer Mont'Alegre

(Especial para ATHENAS)

Não é ainda o momento para se escrever sobre os romances de Dalcídio Jurandyr e Clovis Ramallete. Que venham elles ao publico, que o publico então faça uma idéa do trabalho e da honestidade dos juizes do grande concurso de romance promovido por "Dom Casmurro" sob o patrocínio de Vecchi Editor. Dentro de meia centena de originaes enviados, estes dois representam trabalhos levados a termo sob orientações diversas, um, o de Dalcídio Jurandyr, filiado á escola post-modernista de 1930, com maior percentagem de drama, trazendo á guiza de definição uma epigraphe de Emily Bronte em "O morro dos ventos uivantes".

"Chove nos campos de Cachoeira" parecerá talvez um tanto duro em demasia, ás vezes; mas o livro, toda a sua condensação dramatica de uma decadência physica e moral, abatida tambem pela natureza que de tão exuberante se torna má, é bastante forte para descer sobre o leitor, crear um ambiente psychologico para a leitura, e affirmar, depois de volvida a ultima pagina, o grande romancista que ha de facto em Dalcídio Jurandyr. Neste momento, na ficção brasileira, a situação geographica do livro decide muita coisa. E' o primeiro marco de mais uma provincia. O livro distinguido com o premio "DOM CASMURRO" é marajoara.

"Ciranda", de Clovis Ramallete, é filho de outra orientação; marca um passo na volta do romance brasileiro ás suas fontes tradicionais; escripto com esmero, architectado scena por scena com os cuidados de quem deseja pôr em voga um figurino, perde em face do primeiro classificado na intensidade.

Trata-se de um romance genuinamente carioca; nascido e creado no Cattete, marca a vida de uma pensão, onde, no commum da existencia de cada morador, existe um drama, um detalhe, um subsidio levado á grande corrente humana. Depois do periodo de transição marcado com o romance-documentario, extincta a phase da modernista contra a forma, o romance de Clovis Ramallete é um signo da reacção, de boa reacção,

que, para bem da ficção nacional, tomara que seja seguido de perto por outras tentativas. Longe do interesse do argumento, da movimentação da trama esteve o romancista; muito perto, porém,



Omer Mont'Alegre

insistentemente á vista, esteve o critico que existe em Clovis Ramallete, marcando ponto por ponto as entradas de "Ciranda".

O original a que coube o premio "Vecchi Editor" é o marco de uma outra geração que se baterá pela volta do homem ao gabinete de estudos, achando na perfeição da forma o grande factor que vivifica a arte, tornando-se capaz de durar além do seu creador.

A alma, como o diamante,
Sendo polida é brilhante;
Em bruto não luz, não brilha,
Não se distingue da terra,
Não descobre a luz que encerra,
Não mostra de quem é filha.

JOÃO DE DEUS

O VAQUEIRO MARANHENSE

(Capítulo do livro **TERRA ENFEITADA E RICA**, de
ASTOLPHO SERRA)

Repontam, aqui e ali, em nosso Estado, alguns typos regionaes definidos, em perfeita harmonia com a paizagem.

No alto sertão, surge o vaqueiro, de chapéu de couro, vestido de gibão vermelho tambem de couro de veado, cavalgando corceis ligeiros, ardegos e magros, mas capazes de varar como centauros muitas leguas de caatinga aspera.

O vaqueiro maranhense é tão forte como o vaqueiro nordestino. A sua vida desenrola-se entre as estacas dos curraes de nossas fazendas humildes e primitivas, armadas á margem de caapões, ou mesmo em plena chapada sêcca e faiscante de sol, e vae até o pastoreio diario pelos carrascaes, em busca do gado tresmalhado. Ha, no entanto, em nosso vaqueiro algo de estranha melancolia. Não é tão agil como o vaqueiro euclydiano. As suas carreiras são vigorosas, é verdade, mas ha nellas mais **obrigação** do que **paixão** de correr. No encalço do boi arisco, o vaqueiro maranhense se atira num impeto. Dispára. Penetra fundo os "fechados" de unha-de-gato, ou os taboães duros. Falta-lhe, no entanto, o espirito do vaqueiro do nordeste, sequioso de aventuras romanescas, ou de combates cavalheirescos. E' que no vaqueiro maranhense se modificou muito a sua psyché. A sua paizagem não é o quadro ardente e fuzilante de sol dos taboleiros nordestinos. A terra, onde vive, exerce sobre elle poderosa influencia, alterando-lhe a vida e os costumes, porque já realizou com ella o seu casamento. Casou sua vida com a vida da paizagem sujeita á variada influencia das mattas frescas, e da abundancia de aguas correntes de rios fartos e de ribeirões cantantes, que molham, sem conta, a terra maranhense.

O nosso vaqueiro ama ainda a lucta; mas já se vinculou com a terra farta, quebrando as suas amarras com o instincto primitivo de nomadismo. As suas actividades traduzem bem a acção do homem adaptado já á sua paizagem.

Montado em seu cavallo ardego, vestido de couro, vaquejando o gado manso, não constitue um accidente na sua paizagem. E', antes, uma parte do quadro saturado de vitalidades criadoras. Completa a vida de seu ambiente, como uma de suas peças indispensaveis.

O vaqueiro do nordeste é differente. A luz

fuzila em torno d'elle. O chão escalda. O céu requeima. A paizagem arde. O ambiente se esbraza. O vaqueiro tambem arde. Ha nelle uma scentelha viva. O seu cavallo escava o chão, fazendo sahir chispas de fogo dos cráto duros. Não é um ser normal. E' uma chamma inquieta. Homem e cavallo se completam, e, dentro de um circulo de chispas violentas, os dois sentem desejosos de fuga, de uma fuga para o desconhecido, que os arrasta a estranhas aventuras para outras pairagens distantes, além das quaes presentem que existe uma terra mais amiga menos asperas e mais amena...

E' por isso que o vaqueiro do nordeste dispara sempre para o desconhecido, fugindo ao latego de fogo da terra resequida, enquanto que 'o vaqueiro maranhense, cada vez mais, modéra o passo, fugindo do nomadismo, para a posse definitiva da terra da Promissão.



Homenagem de ATHENAS ao illustre confrade
Tenente-coronel Souza Filho, director de S. Luiz-
Therezina, e á sua gentilissima filha senhorinha
Mariza Souza

O VAQUEIRO MARANHENSE

(Capítulo do livro **TERRA ENFEITADA E RICA**, de
ASTOLPHO SERRA)

Repontam, aqui e ali, em nosso Estado, alguns typos regionaes definidos, em perfeita harmonia com a paizagem.

No alto sertão, surge o vaqueiro, de chapéu de couro, vestido de gibão vermelho tambem de couro de veado, cavalgando corceis ligeiros, ardegos e magros, mas capazes de varar como centauros muitas leguas de caatinga aspera.

O vaqueiro maranhense é tão forte como o vaqueiro nordestino. A sua vida desenrola-se entre as estacas dos curraes de nossas fazendas humildes e primitivas, armadas á margem de caapões, ou mesmo em plena chapada sêcca e faiscante de sol, e vae até o pastoreio diario pelos carrascaes, em busca do gado tresmalhado. Ha, no entanto, em nosso vaqueiro algo de estranha melancolia. Não é tão agil como o vaqueiro euclydiano. As suas carreiras são vigorosas, é verdade, mas ha nellas mais **obrigação** do que **paixão** de correr. No encalço do boi arisco, o vaqueiro maranhense se atira num impeto. Dispára. Penetra fundo os "fechados" de unha-de-gato, ou os taboacões duros. Falta-lhe, no entanto, o espirito do vaqueiro do nordeste, sequioso de aventuras romanescas, ou de combates cavalheirescos. E' que no vaqueiro maranhense se modificou muito a sua psyché. A sua paizagem não é o quadro ardente e fuzilante de sol dos taboleiros nordestinos. A terra, onde vive, exerce sobre elle poderosa influencia, alterando-lhe a vida e os costumes, porque já realizou com ella o seu casamento. Casou sua vida com a vida da paizagem sujeita á variada influencia das mattas frescas, e da abundancia de aguas correntes de rios fartos e de ribeirões cantantes, que molham, sem conta, a terra maranhense.

O nosso vaqueiro ama ainda a lucta; mas já se vinculou com a terra farta, quebrando as suas amarras com o instincto primitivo de nomadismo. As suas actividades traduzem bem a acção do homem adaptado já á sua paizagem.

Montado em seu cavallo ardego, vestido de couro, vaquejando o gado manso, não constitue um accidente na sua paizagem. E', antes, uma parte do quadro saturado de vitalidades criadoras. Completa a vida de seu ambiente, como uma de suas peças indispensaveis.

O vaqueiro do nordeste é differente. A luz

fuzila em torno d'elle. O chão escalda. O céu requeima. A paizagem arde. O ambiente se esbraza. O vaqueiro tambem arde. Ha nelle uma scintilha viva. O seu cavallo escava o chão, fazendo sahir chispas de fogo dos crátoes duros. Não é um ser normal. E' uma chamma inquieta. Homem e cavallo se completam, e, dentro de um circulo de chispas violentas, os dois sentem desejosos de fuga, de uma fuga para o desconhecido, que os arrasta a estranhas aventuras para outras pairagens distantes, além das quaes presentem que existe uma terra mais amiga menos asperas e mais amena...

E' por isso que o vaqueiro do nordeste dispara sempre para o desconhecido, fugindo ao latego de fogo da terra resequida, enquanto que o vaqueiro maranhense, cada vez mais, modéra o passo, fugindo do nomadismo, para a posse definitiva da terra da Promissão.



Homenagem de ATHENAS ao illustre confrade
Tenente-coronel Souza Filho, director de S. Luiz-
Therezina, e á sua gentilissima filha senhorinha
Mariza Souza

ANTONIO VASCONCELLOS,

POETA QUE SE EXTINGUIU, NA CHAMMA AZUL DE SEUS LINDOS VERSOS...

Era um dos mais novos eleitos das musas maranhenses. Nervoso, inquieto, o seu talento era uma dívida da terra farta, que tantos cantores dera às letras e ao parnaso do Brasil.

Quem não se recorda do jovem artista, burlador de crônicas elegantes, o fino cantor dos donaires da mulher de nossa terra, o poeta de lindos versos, o jornalista, o incansável e inveterado sonhador de cousas lindas?

Antonio Vasconcellos foi um talento festivo. Tinha alma pagã, saturada de muita luz e de muitos rythmos. A sua vida consumiu-se na tarefa da imprensa. Gastou a existência pobre como um archote que se consome illuminando sempre até o fim.

Idealista, morreu em plena mocidade, deixando um poema de carne no seu filhinho tenro e um livro de versos, "Chama Azul", sob cujo clarão o seu corpo fatigado desceu para o silêncio da terra fria...

Athenas, órgão de renovação maranhense, que surgiu para espantar o esquecimento de tudo o que o Maranhão possui de grande no seu passado e no seu presente, evocando o nome do saudoso poeta, presta-lhe a homenagem que lhe devemos à sua memória, publicando, nesta página, tres dos sonetos do illustre morto, que surgiu, um dia, illuminado pelas Musas, para reafirmar, no tempo e no espaço, e, até mesmo no mysterio da morte, que a nossa terra é a terra dos poetas.

PEDRA DE SISIFO

Para, afinal: pagar crimes passados,
dos quais memoria, nem sequer, existe,
foi que, por mando superior dos Fados
vim para a Vida, miseranda e triste.

E assim cumpro, em meus dias fatigados,
onde uma alta agonia arde e persiste,
o meu destino, dos mais torturados,
que em ser pedra de Sisifo consiste...

Sem descanso, a rolar, subo, impellido
pelas mãos, de meu Sonho — alto cimeiro,
de ambições e ambições todo elle erguido...

Subo !... Mas, de repente ha um baque... e eu rolo,
bem lá do visio do despenhadeiro.
para achatar-me na rudez do solo !...



Antonio Vasconcellos

DESGOSTO

Comecei muito cedo a odiar a vida !
Nem vinte annos, sequer, conto de lucta !
Mas, tanta é a angustia que o meu ser trucidada
que a minha alma de réprobo se enluta

Ando de deû em deû, sem ter guarida,
preso nas liames desta força bruta
que em pedra, quase em rocha empedernida,
minha humana feição, rude, transmuta !...

De onde vem, entretanto, essa tortura,
que em sombrio destino, irredemido,
a minha juventude transfigura?

Não sei... E a vida, então, passo a exercer !...
—por todo o mal que ella me tem trazido
e todo, aquelle que ainda me há de dar !...

VINHO DE HEBE

Eu venho pelas sendas, fatigado,
cai aqui, cai ali pesadamente.
Queima-me o seio este desejo ardente,
este fundo desejo incontentado...

ANTONIO VASCONCELLOS,

POETA QUE SE EXTINGUIU, NA CHAMMA AZUL DE SEUS LINDOS VERSOS...

Era um dos mais novos eleitos das musas maranhenses. Nervoso, inquieto, o seu talento era uma dívida da terra farta, que tantos cantores dera às letras e ao parnaso do Brasil.

Quem não se recorda do jovem artista, burlador de crônicas elegantes, o fino cantor dos donaires da mulher de nossa terra, o poeta de lindos versos, o jornalista, o incansável e inveterado sonhador de cousas lindas?

Antonio Vasconcellos foi um talento festivo. Tinha alma pagã, saturada de muita luz e de muitos rythmos. A sua vida consumiu-se na tarefa da imprensa. Gastou a existência pobre como um archote que se consome illuminando sempre até o fim.

Idealista, morreu em plena mocidade, deixando um poema de carne no seu filhinho tenro e um livro de versos, "Chama Azul", sob cujo clarão o seu corpo fatigado desceu para o silêncio da terra fria...

Athenas, órgão de renovação maranhense, que surgiu para espanar o esquecimento de tudo o que o Maranhão possui de grande no seu passado e no seu presente, evocando o nome do saudoso poeta, presta-lhe a homenagem que lhe devemos à sua memória, publicando, nesta página, tres dos sonetos do illustre morto, que surgiu, um dia, illuminado pelas Musas, para reafirmar, no tempo e no espaço, e, até mesmo no mysterio da morte, que a nossa terra é a terra dos poetas.

PEDRA DE SISIFO

Para, afinal: pagar crimes passados,
dos quais memoria, nem sequer, existe,
foi que, por mando superior dos Fados
vim para a Vida, miseranda e triste.

E assim cumpro, em meus dias fatigados,
onde uma alta agonia arde e persiste,
o meu destino, dos mais torturados,
que em ser pedra de Sisifo consiste...

Sem descanso, a rolar, subo, impellido
pelas mãos, de meu Sonho — alto cimeiro,
de ambições e ambições todo elle erguido...

Subo !... Mas, de repente ha um baque... e eu rolo,
bem lá do visio do despenhadeiro.
para achatar-me na rudez do solo !...



Antonio Vasconcellos

DESGOSTO

Comecei muito cedo a odiar a vida !
Nem vinte annos, sequer, conto de lucta !
Mas, tanta é a angustia que o meu ser trucidada
que a minha alma de réprobo se enluta

Ando de deû em deû, sem ter guarida,
preso nas liames desta força bruta
que em pedra, quase em rocha empedernida,
minha humana feição, rude, transmuta !...

De onde vem, entretanto, essa tortura,
que em sômbrio destino, irredemido,
a minha juventude transfigura?

Não sei... E a vida, então, passo a exercer !...
—por todo o mal que ella me tem trazido
e todo, aquelle que ainda me há de dar !...

VINHO DE HEBE

Eu venho pelas sendas, fatigado,
cai aqui, cai ali pesadamente.
Queima-me o seio este desejo ardente,
este fundo desejo incontentado...

BARÃO DO RIO BRANCO

Tudo o que é fácil de fazer mediocrementemente, é difficilino de executar com perfeição: viver, por exemplo. — **Bastos Tigre**

Seja economico sem ser mesquinho e, muito menos, sem chegar ásordicia e á avareza. — **P. Janet.**

AS FESTAS DA PATRIA



No dia 7 de setembro o Presidente Vargas lançou a pedra fundamental de seu imponente monumento, que será erguido ao Barão do Rio Branso

Porém, tu, que me vês, sedento, ansiado, vens a mim, pressurosa, e, ternamente, abres-me os braços, bella e sorridente, para acolher-me, viajor cansado.

E eu falo, então. Digo do meu anseio, e tu, sorrindo, achegas-me a teu seio, do amor na taça dás-me de beber...

Mas, ainda mal lhe estou sugando o vinho, logo te vais... E, á margem do caminho, fico-me só, sentindo-me morrer...

ANTONIO VASCONCELLOS



Três aspectos da grandiosa parada do dia 7 de Setembro, no Rio. 1) O palanque official vendo-se o Presidente Vargas cercado dos ministros de Estado e representantes estrangeiros; 2) O desfile da Escola Militar; 3) Corpo Nacional de Marinheiros

BARÃO DO RIO BRANCO

Tudo o que é fácil de fazer mediocrementemente, é difficilino de executar com perfeição: viver, por exemplo. — **Bastos Tigre**

Seja economico sem ser mesquinho e, muito menos, sem chegar ásordicia e á avareza. — **P. Janet.**

AS FESTAS DA PATRIA



No dia 7 de setembro o Presidente Vargas lançou a pedra fundamental de seu imponente monumento, que será erguido ao Barão do Rio Branso

Porém, tu, que me vês, sedento, ansiado, vens a mim, pressurosa, e, ternamente, abres-me os braços, bella e sorridente, para acolher-me, viajor cansado.

E eu falo, então. Digo do meu anseio, e tu, sorrindo, achegas-me a teu seio, do amor na taça dás-me de beber...

Mas, ainda mal lhe estou sugando o vinho, logo te vais... E, á margem do caminho, fico-me só, sentindo-me morrer...

ANTONIO VASCONCELLOS



Três aspectos da grandiosa parada do dia 7 de Setembro, no Rio. 1) O palanque official vendo-se o Presidente Vargas cercado dos ministros de Estado e representantes estrangeiros; 2) O desfile da Escola Militar; 3) Corpo Nacional de Marinheiros

UM POETA DA TERRA DOS MARECHAEIS

ATHENAS vae penetrando, victoriosamente, em todos os Estados do Brasil. Essa marcha assinala-se, com muito brilhantismo, e é confirmada pelo interesse, que a nossa revista desperta, em toda parte.

Isso nos envaidece, sobre maneira. O nosso objectivo, que foi levar a todos os recantos do paiz o nome de nossa terra, muitas vezes calumniada, está sendo realizado em toda linha. Intellectuaes de outros Estados irmãos nos mandam palavras animadoras, enviam-nos suas colla-

borações brilhantes, e, assim, **ATHENAS**, vae, mez a mez, se impondo á admiração de todos. Agora, vem-nos de Alagôas um poeta ao encontro de **ATHENAS**. Enviou-nos seus parabens e uma collaboração excellente. São versos, bem trabalhados, bem cheios de viço, bem magnificos. O poeta é o sr. João Pinheiro Lyra, Anhangueira, residente em Serra Grande, Estado de Alagôas.

Offereçemos aos nossos leitores mais essa apreciavel producção.

SONETO

Si imaginas que a tua ingratidão
Desencoraja meu amôr, querida,
Amôr que me perturba a triste vida,
que tu já condemnaste á solidão;

Si pensas que meu pobre coração,
Com tua indiferença se intimida,
Só por saber minha alma dolorida
Quanto é inutil tal adoração;

Si crees ainda que este amôr exige
Que tu tambem me ames; é preciso
Saberes como o engano se corrige;

O amôr é tão misericordioso,
Que por elle padeço com um sorriso,
E o soffrimento me parece um gôso!

DECLARAÇÃO

(em acrostico)

Quando, embora sem merito, essa carta
Um dia merecer tua attenção,
Encontrarás a voz do coração
Repetida, pois ella não se farta

Incansavel no esforço que disperso,
De supplicar p'r'o meu amôr-supplicio,
A esmola da ternura-beneficio!
E tomando a primeira em cada verso,

Uma letra, após outra, formará
Toda uma phrase curta que resume
Esta canção suave e compassada,

Affectuosa, d'alma que se dá,
Mensagem de esperanza, sem queixume,
Oração que eu dirijo á minha amada!

NO CORAÇÃO DA ASIA

Embora um mêdo vago me acometa,
Me leva o pensamento para Leste,
E pousa emfim no cimo do Evereste,
A mais alta montanha do planeta;

Na vastidão gelada eu rasgo o véu
Dos mysterios da India e do Tibé,
E mais firme se torna a minha fé,
Mais perto legua e meia estou no céu!

Tendo a minha alma livre de vexame,
Ouve, ó querida, a oração que ha de
Subir de uma igrejainha toda em neve:

Fazei, ó meu bom Deus, que ella me ame,
Ordenai-lhe, ó Senhor, por piedade,
Que retribua o meu amôr em breve!

INVEJA

Sinto inveja do sol... Porque negar
Não por ser elle o symbolo da vida,
E fonte, além de symbolo, querida,
Deposito da força elementar,

Produzindo a continua enormidade
De energia sem par, calor e luz,
Que eternamente a vida reproduz,
E o transformou nume deus na antiguidade.

Só por causa de ti vil sentimento
Fez de minha alma uma alma — eu me lamento! —
Que do direito até do sol descreê!

Invejo-lhe a maior das regalias,
O goso de te ver todos os dias,
Sinto inveja do sol porque te vê!

ANHANGUEIRA

UM POETA DA TERRA DOS MARECHAS

ATHENAS vae penetrando, victoriosamente, em todos os Estados do Brasil. Essa marcha assinala-se, com muito brilhantismo, e é confirmada pelo interesse, que a nossa revista desperta, em toda parte.

Isso nos envaidece, sobre maneira. O nosso objectivo, que foi levar a todos os recantos do paiz o nome de nossa terra, muitas vezes calumniada, está sendo realizado em toda linha. Intellectuaes de outros Estados irmãos nos mandam palavras animadoras, enviam-nos suas colla-

borações brilhantes, e, assim, **ATHENAS**, vae, mez a mez, se impondo á admiração de todos. Agora, vem-nos de Alagôas um poeta ao encontro de **ATHENAS**. Enviou-nos seus parabens e uma collaboração excellente. São versos, bem trabalhados, bem cheios de viço, bem magnificos. O poeta é o sr. João Pinheiro Lyra, Anhangüera, residente em Serra Grande, Estado de Alagôas.

Offereçemos aos nossos leitores mais essa apreciavel produção.

SONETO

Si imaginas que a tua ingratidão
Desencoraja meu amor, querida,
Amor que me perturba a triste vida,
que tu já condemnaste á solidão;

Si pensas que meu pobre coração,
Com tua indiferença se intimida,
Só por saber minha alma dolorida
Quanto é inutil tal adoração;

Si crees ainda que este amor exige
Que tu tambem me ames; é preciso
Saberes como o engano se corrige;

O amor é tão misericordioso,
Que por elle padeço com um sorriso,
E o soffrimento me parece um goso !

DECLARAÇÃO

(em acrostico)

Quando, embora sem merito, essa carta
Um dia merecer tua attenção,
Encontrarás a voz do coração
Repetida, pois ella não se farta

Incansavel no esforço que disperso,
De supplicar p'r'o meu amor-supplicio,
A esmola da ternura-beneficio !
E tomando a primeira em cada verso,

Uma letra, após outra, formará
Toda uma phrase curta que resume
Esta canção suave e compassada,

Affectuosa, d'alma que se dá,
Mensagem de esperanza, sem queixume,
Oração que eu dirijo á minha amada !

NO CORAÇÃO DA ASIA

Embora um mêdo vago me acometa,
Me leva o pensamento para Leste,
E pousa emfim no cimo do Evereste,
A mais alta montanha do planeta;

Na vastidão gelada eu rasgo o véu
Dos mysterios da India e do Tibé,
E mais firme se torna a minha fé,
Mais perto legua e meia estou no céu !

Tendo a minha alma livre de vexame,
Ouve, ó querida, a oração que ha de
Subir de uma igrejainha toda em neve:

Fazei, ó meu bom Deus, que ella me ame,
Ordenai-lhe, ó Senhor, por piedade,
Que retribua o meu amor em breve !

INVEJA

Sinto inveja do sol... Porque negar
Não por ser elle o symbolo da vida,
E fonte, além de symbolo, querida,
Deposito da força elementar,

Produzindo a continua enormidade
De energia sem par, calor e luz,
Que eternamente a vida reproduz,
E o transformou nume deus na antiguidade.

Só por causa de ti vil sentimento
Fez de minha alma uma alma — eu me lamento ! —
Que do direito até do sol descreê !

Invejo-lhe a maior das regalias,
O goso de te ver todos os dias,
Sinto inveja do sol porque te vê !

ANHANGUE'RA



NOCTURNO

Um piano
faz soffrer a noite lenta.

Que estranha melodia...
Vem pungir minh'alma sonolenta,
pelo languor nostalgico d'esta hora ?

Dorme no fim de que rua a tua casa triste
onde uma sombra funeraria existe,
tranquila, sob o silencio da noite, fria ?

Sera Chopin ou seras tú quem chora ?

Em 20-4-40

BERNARDO SEVERO



NOCTURNO

Um piano
faz soffrer a noite lenta.

Que estranha melodia...
Vem pungir minh'alma sonolenta,
pelo languor nostalgico d'esta hora ?

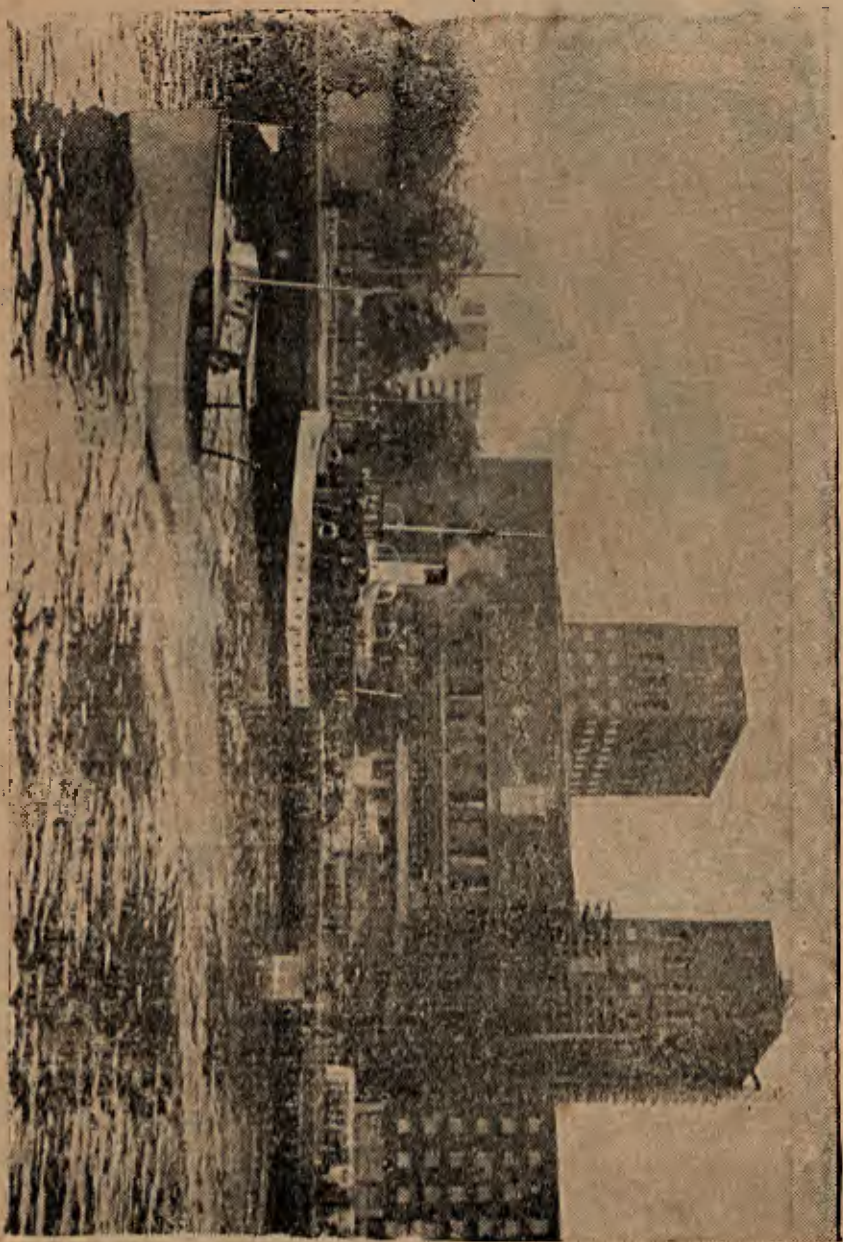
Dorme no fim de que rua a tua casa triste
onde uma sombra funeraria existe,
tranquila, sob o silencio da noite fria ?

Sera Chopin ou seras tú quem chora ?

Em 20-4-40

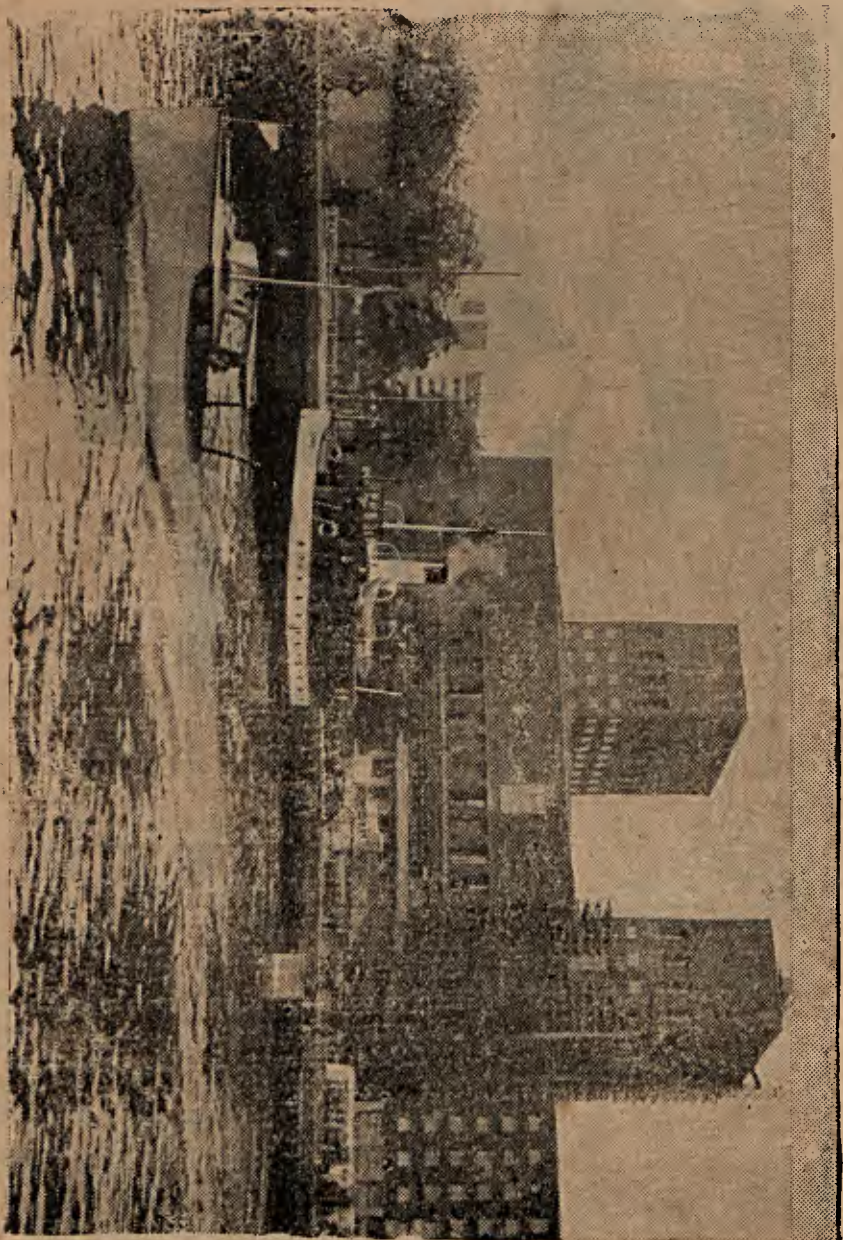
BERNARDO SEVERO

O porto de Oslo



Uma vista . . . , cuja rápida ocupação pelas tropas alemães, constituiu um dos
momentos desta guerra. Cliché da P. I. B. especial para ATHENAS)

O porto de Oslo



Uma vista . . . cuja rápida ocupação pelas tropas alemães, constituiu um dos
momentos desta guerra. Cliché da P. I. B. especial para ATHENAS)

LEGENDA DE YARA

L. BOREA SANTOS

Da folhagem reindada de um pau d'arco secular surge o canto agoureiro do acauan, annunciando os ultimos dias do velho pagé.

O ancião locomove-se pesadamente para o canto sagrado da cabana, onde seu pae morrêra. Chama o filho que tanto ama, e diz-lhe: "Escuta, meu Ganunbí. "Vais herdar meus trofeus, minha gloria. Sinto-me doente. Approxima-se o meu fim. O aviso do acauan não falha nunca. Não mais te posso occultar o ultimo pedido de tua mãe, quando Tupan lhe chamou ao Ceu: "Nunca deixes Ganunbí tomar banho na lagôa". A custo, então, o velho pagé distende o rugoso indice, aponta para o lago, cujas aguas ondulam-se levemente sob a caricia da brisa matutina, e sentenciou: "Ali, nos tempos de teus avós, viveu uma velha, bem velha; tão velha que se não podiam contar as luas de sua idade. "Certo dia, ella procurou teu avô, e teve esta prophesia: "O filho do teu filho, será tão bello e forte como um jaguar". "Em suas mãos o arco e o tacape, terão a rapidez do relampago e as consequencias do raio. "Mas, se algum dia elle vir a imagem encantada de Yara, que está no fundo da lagôa, toda a sua energia e prestigio desaparecerão".

Nem passara uma lua depois desta revelação, o velho pagé subia para o mundo de Tupan. O filho chorou amargamente, e toda a tribu se enluctou.

Muitas luas se contam na tribu, depois da morte do velho pagé. Ganunbí adolescente ainda, encarna toda a predição da fada. No manejo do arco e o tacape, os irmãos de raça não o superam. Não há animal selvagem que lhe resista á mira, quando se dá ás caçadas. Sua flecha certa risca o espaço e traz na ponta o mais aguil passaro, ou traça o horizonte, abatendo a mais selvagem anta.

Surge-lhe, então, Yacy, a mais linda virgem da tribu, de tez morena como o jambo. Enleva-o pelo amor, domina-o pelo coração.

A' noitinha, passeiam os dois, imersos naquella halo passional, no arrebatamento proprio daquella mocidade pagã, quando Yacy enxerga, ao longe, o reflexo da lagôa fatidica, em nupcias com a luz merencoria da lua, como um grande espelho luzidio, desprendendo raios de variegadas côres. Yacy, num gesto brusco, pára; retem o passo a Ganunbí, e aventura: "Se os meus irmãos Ganunbí, abstrahido na sua grande paixão, esquece a recommendação paterna, e exclama: "Vamos; ao teu lado nada temo". E partem.

A' medida que se approximam da lagôa, esta, qual seductora ninfa, offerece mais encantadores aspectos de luz. Acercam-se da margem, e oh! que fascinação para Ganunbí! Elle, somente elle, avista no leito da lagôa a imagem encantada de Yara, mil vezes mais linda que Yacy.

Yara, num gesto, distende para traz sua longa cabelleira loura, aflora-se-lhe aos labios um lindo sorriso, abre os braços a Ganunbí; que se desprende da amada, e atira-se, num impeto, para o amplexo fatal. Quebra a monotonia do lago, some-se, e deixa após si o redemoinho phosphorecente das aguas...

Yacy, perplexa, trôpega, afasta-se, e desaparece na curva do caminho...

A NOVA ORIENTAÇÃO DO THEATRO BRASILEIRO



O theatro nacional volta-se, agora, para os themas verdadeiramente brasileiros, apresentando figuras e factos historicos e assumptos de nossa formação. Ernani Tounari vae lançar "Sinhá Moça Chorou"... Vendo-se na gravura a examinar com Zezé Fonseca e Conchita Moraes; um lenço gaucho, que será usado de peça

LEGENDA DE YARA

L. BOREA SANTOS

Da folhagem reindada de um pau d'arco secular surge o canto agoureiro do acauan, annunciando os ultimos dias do velho pagé.

O ancião locomove-se pesadamente para o canto sagrado da cabana, onde seu pae morrêra. Chama o filho que tanto ama, e diz-lhe: "Escuta, meu Ganunbí. "Vais herdar meus trofeus, minha gloria. Sinto-me doente. Approxima-se o meu fim. O aviso do acauan não falha nunca. Não mais te posso occultar o ultimo pedido de tua mãe, quando Tupan lhe chamou ao Ceu: "Nunca deixes Ganunbí tomar banho na lagôa". A custo, então, o velho pagé distende o rugoso indice, aponta para o lago, cujas aguas ondulam-se levemente sob a carícia da brisa matutina, e sentenciou: "Ali, nos tempos de teus avós, viveu uma velha, bem velha; tão velha que se não podiam contar as luas de sua idade. "Certo dia, ella procurou teu avô, e teve esta prophesia: "O filho do teu filho, será tão bello e forte como um jaguar". "Em suas mãos o arco e o tacape, terão a rapidez do relampago e as consequencias do raio. "Mas, se algum dia elle vir a imagem encantada de Yara, que está no fundo da lagôa, toda a sua energia e prestigio desaparecerão".

Nem passara uma lua depois desta revelação, o velho pagé subia para o mundo de Tupan. O filho chorou amargamente, e toda a tribu se enluctou.

Muitas luas se contam na tribu, depois da morte do velho pagé. Ganunbí adolescente ainda, encarna toda a predição da fada. No manejo do arco e o tacape, os irmãos de raça não o superam. Não há animal selvagem que lhe resista á mira, quando se dá ás caçadas. Sua flecha certa risca o espaço e traz na ponta o mais agil passaro, ou traça o horizonte, abatendo a mais selvagem anta.

Surge-lhe, então, Yacy, a mais linda virgem da tribu, de tez morena como o jambo. Enleva-o pelo amor, domina-o pelo coração.

A' noitinha, passeiam os dois, imersos naquella halo passional, no arrebatamento proprio daquella mocidade pagã, quando Yacy enxerga, ao longe, o reflexo da lagôa fatidica, em nupcias com a luz merencoria da lua, como um grande espelho luzidio, desprendendo raios de variegadas côres. Yacy, num gesto brusco, pára; retem o passo a Ganunbí, e aventura: "Se os meus irmãos Ganunbí, abstrahido na sua grande paixão, esquece a recommendação paterna, e exclama: "Vamos; ao teu lado nada temo". E partem.

A' medida que se approximam da lagôa, esta, qual seductora ninfa, offerece mais encantadores aspectos de luz. Acercam-se da margem, e oh! que fascinação para Ganunbí! Elle, somente elle, avista no leito da lagôa a imagem encantada de Yara, mil vezes mais linda que Yacy.

Yara, num gesto, distende para traz sua longa cabelleira loura, aflora-se-lhe aos labios um lindo sorriso, abre os braços a Ganunbí; que se desprende da amada, e atira-se, num impeto, para o amplexo fatal. Quebra a monotonia do lago, some-se, e deixa após si o redemoinho phosphorescente das aguas...

Yacy, perplexa, trôpega, afasta-se, e desaparece na curva do caminho...

A NOVA ORIENTAÇÃO DO THEATRO BRASILEIRO



O theatro nacional volta-se, agora, para os themas verdadeiramente brasileiros, apresentando figuras e factos historicos e assumptos de nossa formação. Ernani Tounari vae lançar "Sinhá Moça Chorou"... Vendo-se na gravura a examinar com Zezé Fonseca e Conchita Moraes; um lenço gaucho, que será usado de peça

POEMA INDIGENA

(LENDA DO GUARANA')

ALCIMIRO SAINT CLAIR

Na **tribu** dos **Maués**, em terras do Amazonas,
ha tempos, ocorreu, segundo affirma a gente
que vive ainda apegada áquellas longes zonas,
um drama, que enluctou, desoladoramente,

Três gerações de heróes, indómitos guerreiros
da **taba** de **GUANABA** — o chefe respeitado
em todo o litoral, sertão, rios, outeiros
desse enorme rincão de arcanos mil povoado.

ARINO — era o varão desse **tucháua** bravo
um moço bello, e audaz, e forte, e destemido,
a quem jamais a guerra e a dôr deixaram travo
em sua alma de heroe que nunca foi vencido...

E nos prelios de amor, quando as **cunhambis**
ágeis,
dos olhos côr da treva e labios côr do sangue,
em seu peito viril se aconchegavam, frágeis,
buscando na paixão, que a gente deixa exangue,

Após a dôce lucta em que se empenham peitos
rescaldantes de amor, o goso, que quebranta,
ARINO venceu sempre e foi dos mais perfeitos
detentores da gloria invicta que os encanta...

Havia, do outro lado, em terras do occidente,
outra nação guerreira, e indomita, e feroz,
que, ha muito tempo, vinha, em lucta, frente á
frente,
combatendo **GUANABA** — o chefe de alma atroz.

Miranha — era o seu nome; e o seu poder, multo
vasto;
e o povo, que a compunha, um povo valoroso,
audaz, tambem temido, e, do seu grande fasto
historico o sagrado, immensamente cioso...

A filha do **tucháua** — o grande **RAQUINIA** —
a mais bella cabôcla, em terras do Anderá,
de amôres se votara ao bello **ARINO**, um dia
em que, no rebentar da lucta, no Pirá,

Altivo e resolutio, e forte, e nobre, á frente,
a combater, sem tregua; a despedir, ligeiro,



Dr. Alcimiro Saint-Clair

as flechas, contra o pai, destemerosamente,
—o vira, deslumbrante, e bello, e sobranceiro...

E, numa noite escura, a se esgueirar, medrosa,
por entre o matagal que circundava a **taba**,
NAIA' fugiu... E, após, como um botão de rosa,
desabrochou, sublime, em terras de **GUANABA**...

A lucta, que surgiu, depois, entre os dois povos
indigenas da gleba, assignalou, bem fundo,
a prepotencia immensa, em surtos claros, novos,
do vencedor **maué** — famosa, em todo o mundo...

Vencido, **RAQUINIA**, em certa noite, invoca,
á luz de uma fogueira acêsa no terreiro,
o poder do **paie** sagrado da maloca,
para vingar a **tribu esfacelada**... Ordeiro,

Submisso, o **paie** velho, o Espirito do Mal
—**IURUPARI'** — convida a vir dizer, na terra,
o feitiço a fazer, para abater, letal,
o orgulhoso inimigo, o que os venceu, na guerra...

POEMA INDIGENA

(LENDA DO GUARANA')

ALCIMIRO SAINT CLAIR

Na **tribu** dos **Maués**, em terras do Amazonas,
ha tempos, ocorreu, segundo affirma a gente
que vive ainda apegada áquellas longes zonas,
um drama, que enluctou, desoladoramente,

Três gerações de heróes, indómitos guerreiros
da **taba** de **GUANABA** — o chefe respeitado
em todo o litoral, sertão, rios, outeiros
desse enorme rincão de arcanos mil povoado.

ARINO — era o varão desse **tucháua** bravo
um moço bello, e audaz, e forte, e destemido,
a quem jamais a guerra e a dôr deixaram travo
em sua alma de heroe que nunca foi vencido...

E nos prelios de amor, quando as **cunhambis**
ágeis,
dos olhos côr da treva e labios côr do sangue,
em seu peito viril se aconchegavam, frágeis,
buscando na paixão, que a gente deixa exangue,

Após a dôce lucta em que se empenham peitos
rescaldantes de amor, o goso, que quebranta,
ARINO venceu sempre e foi dos mais perfeitos
détentores da gloria invicta que os encanta...

Havia, do outro lado, em terras do occidente,
outra nação guerreira, e indomita, e feroz,
que, ha muito tempo, vinha, em lucta, frente á
frente,
combatendo **GUANABA** — o chefe de alma atroz.

Miranha — era o seu nome; e o seu poder, multo
vasto;
e o povo, que a compunha, um povo valoroso,
audaz, tambem temido, e, do seu grande fasto
historico o sagrado, immensamente cioso...

A filha do **tucháua** — o grande **RAQUINIA** —
a mais bella cabôcla, em terras do Anderá,
de amôres se votara ao bello **ARINO**, um dia
em que, no rebentar da lucta, no Pirá,

Altivo e resolutio, e forte, e nobre, á frente,
a combater, sem tregua; a despedir, ligeiro,



Dr. Alcimiro Saint-Clair

as flechas, contra o pai, destemerosamente,
—o vira, deslumbrante, e bello, e sobranceiro...

E, numa noite escura, a se esgueirar, medrosa,
por entre o matagal que circundava a **taba**,
NAIA' fugiu... E, após, como um botão de rosa,
desabrochou, sublime, em terras de **GUANABA**...

A lucta, que surgiu, depois, entre os dois povos
indigenas da gleba, assignalou, bem fundo,
a prepotencia immensa, em surtos claros, novos,
do vencedor **maué** — famosa, em todo o mundo...

Vencido, **RAQUINIA**, em certa noite, invoca,
á luz de uma fogueira acêsa no terreiro,
o poder do **paie** sagrado da maloca,
para vingar a **tribu esfacelada**... Ordeiro,

Submisso, o **paie** velho, o Espirito do Mal
—**IURUPARI'** — convida a vir dizer, na terra,
o feitiço a fazer, para abater, letal,
o orgulhoso inimigo, o que os venceu, na guerra...

E IURUPARI' baixou. E, ao feiticeiro, ensina, em linguaajar secreto, a infame beberagem que ás **mães-cunhãs-maués**, aos poucos, em surdina, era preciso dar, para lograr vantagem...

Escolhe MACUNÃ, filho de NÊ, e commette a incumbencia espinhosa... E, empós, a grande
raça
dos valentes da gleba, ostenta o atro ferrete de impotente, de fraca, e de inviril, de crassa...

Mas, **Tupanã**, que é bom, que é justo, e que é perfeito,

julgando esse castigo, atroz, em que o **maué** o orgulho seu baixara e a fronte sobre o peito, humilde, conservava, ao **paié**, disse: — IATÊ,

O soffrimento é grande em que teu povo vive !... Encontra-se abatido o orgulho a que essa gente ateu-se arraigada... Escuta-me: Revive, dessa raça, o moral !... Torna-a, outra vez, potente !...

Procura, na floresta, arbusto sarmentoso, dispostas, geralmente, as folhas, alternadas, em gavinhas, no galho; as flôres, em formoso contacto, em cachos bem formados, ajustadas:

O fructo, mui carnoso, em capsulas envolto, de um rubro rutilante, em gráu de madureza... As sementes, se extraem do arilo desenvolto ás aguas de um regato, á flôr da correnteza.

Lavadas, com cuidado, e, ao sol, depois, secadas; reduzidas a pó; e á massa consistente; em duros pães, por fim; ralados, em cerradas linguas de peixe... IATÊ: salva essa pobre gente !...

E a voz de **Tupanã** perdeu-se na amplidão... O **paié** desvendou, nas longas reticencias do Espirito do Bem, que emudece o Trovão, o segredo essencial de todas as presciencias...

E IATÊ, cumprindo, á risca, as ordens emanadas do Grande Pae do Céu, cuidou, tão diligente, do Mal que lhe tornara as hostes desgraçadas, que, em pouco tempo, o povo alevantou-se, ingente !...

(O pó dessa semente — o guaraná selvagem, contendo, em grande dose, as principaes substancias que a chimica isolou — por que são fortes e ágem, de modo activo e certo, e em varias circumstancias,



O lar de nosso dedicado lypnotipista Manoci Rayol e sua esposa d. Julia Rayol, enluctou-se com o fallecimento prematuro de sua filha, senhorita Maria de Lourdes Rayol, de 16 annos de idade.

A extincta que era applicada alumno do "Collegio Cysne" falleceu no dia 30 de Setembro.



Municipio de Passagem-Franca. Canavieas e quintas em plena vitalidade

Sobre o organismo humano, em crise: enfraquecido.

astenico e febril; inapetente e frio... — é o elixir vigor, por sábios discutido em todo este Universo immenso, annos, a fio !...)

E foi assim que a raça indigena do Norte — habitante eternal das terras do Amazonas — se alevantou do cáos, resussitou da Morte e, varonil, domina as mais formosas zonas !...

E IURUPARI' baixou. E, ao feiticeiro, ensina, em linguaçar secreto, a infame beberagem que ás **mães-cunhãs-maués**, aos poucos, em surdina, era preciso dar, para lograr vantagem...

Escolhe MACUNÃ, filho de NÊ, e commette a incumbencia espinhosa... E, empós, a grande
raça

dos valentes da gleba, ostenta o atro ferrete de impotente, de fraca, e de inviril, de crassa...

Mas, **Tupanã**, que é bom, que é justo, e que é perfeito,

julgando esse castigo, atroz, em que o **maué** o orgulho seu baixara e a fronte sobre o peito, humilde, conservava, ao **paié**, disse: — IATÊ,

O soffrimento é grande em que teu povo vive !... Encontra-se abatido o orgulho a que essa gente ateu-se arraigada... Escuta-me: Revive, dessa raça, o moral !... Torna-a, outra vez, potente !..

Procura, na floresta, arbusto sarmentoso, dispostas, geralmente, as folhas, alternadas, em gavinhas, no galho; as flôres, em formoso contacto, em cachos bem formados, ajustadas:

O fructo, mui carnoso, em capsulas envolto, de um rubro rutilante, em gráu de madureza... As sementes, se extraem do arilo desenvolto ás aguas de um regato, á flôr da correnteza.

Lavadas, com cuidado, e, ao sol, depois, secadas; reduzidas a pó; e á massa consistente; em duros pães, por fim; ralados, em cerradas linguas de peixe... IATÊ: salva essa pobre gente !...

E a voz de **Tupanã** perdeu-se na amplidão... O **paié** desvendou, nas longas reticencias do Espirito do Bem, que emudece o Trovão, o segredo essencial de todas as presciencias...

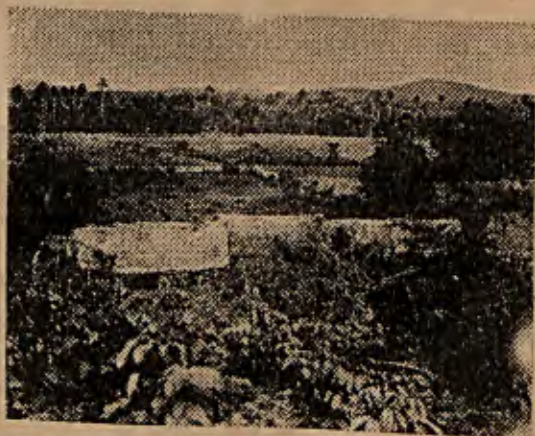
E IATÊ, cumprindo, á risca, as ordens emanadas do Grande Pae do Céu, cuidou, tão diligente, do Mal que lhe tornara as hostes desgraçadas, que, em pouco tempo, o povo alevantou-se, ingente !...

(O pó dessa semente — o guaraná selvagem, contendo, em grande dose, as principaes substancias que a chimica isolou — por que são fortes e ágem, de modo activo e certo, e em varias circumstancias,



O lar de nosso dedicado lypnotipista Manoci Rayol e sua esposa d. Julia Rayol, enluctou-se com o fallecimento prematuro de sua filha, senhorita Maria de Lourdes Rayol, de 16 annos de idade.

A extincta que era applicada alumno do "Collegio Cysne" falleceu no dia 30 de Setembro.



Municipio de Passagem-Franca. Canaviaes e quintas em plena vitalidade

Sobre o organismo humano, em crise: enfraquecido.

astenico e febril; inapetente e frio... — é o elixir vigor, por sábios discutido em todo este Universo immenso, annos, a fio !...)

E foi assim que a raça indigena do Norte —habitante eternal das terras do Amazonas — se alevantou do cáos, resussitou da Morte e, varonil, domina as mais formosas zonas !...

NA FESTA DA BANDEIRA

...E os labaros vèrdes nos ares ondulam:
na gloria da Patria"...

Souzandrade

Festeja-se a dezenove de novembro a festa da Bandeira Nacional, que

nas dobras tão vivas de côres tão nossas,

immenso, o Brasil, palpita e estremece,

em êstos de vida, de força e valor,

de sonhos e crenças, de honra e heroísmo !

E', sem duvida, uma das grandes datas nacionaes, o dia em que commemoramos a grandeza da Patria na grandeza de seu mais vivo e mais sagrado symbolo, — a Bandeira.

Registrando esse faustoso acontecimento, queremos, aqui, assignalar, que as côres festivas de nossa Bandeira, não foram escolhidas arbitrariamente, como muita gente acredita, para panejar no alto dos mastarêus, como symbolo de nossa nacionalidade.

Ha, nas côres de nossa Bandeira, uma realidade historica, uma razão de ser mais positiva, de que a de traduzir, lyricamente, no verde, as nossas mattas, e no amarello, o oiro das grupiaras do paiz.

As bandeiras, que atravéz de todos os tempos, significavam prestigio de suzeranos, de casas, de pessoas e de famílias, sempre existiram desde as épocas heroicas, como se evidencia dos escriptos de Homero, Virgilio, na mythologia grega, romana, egypcia, escandinava e japoneza, como assignala o escriptor Pedro Lessa. As armas, os escudos dos guerreiros antigos traziam symbolos de todos os seus deuses, semideuses, heroes. Mas, as bandeiras só começaram apparecer muito mais tarde como symbolo de Nações. A primeira bandeira que surgiu para traduzir a mystica de um povo e como representativa de uma nação foi a norte-americana em 1775, arvorada pelos revolucionarios da independencia desse paiz e era toda branca com um pinheiro verde-claro no centro. A segunda foi a bandeira da França criada em 1791. Em ambas as côres significavam factos historicos, traduziam mais do que motivos ideologicos. Assim, em todas as bandeiras de todas as na-

ções, as côres **vivem** alguma cousa de real, de verdadeiro...

Na Bandeira Brasileira as côres tem, por sua vez, uma significação historica. Não traduzem mattas nem riqueza de ouro, que, no Brasil, a maior riqueza, seria, nesse caso, a de ferro que só em Minas ha mais de 5 bilhões de toneladas. As côres nacionaes tem outra significação.

O verde representa a Casa de Bragança, era a côr de D. Pedro, o proclamador de nossa Independencia e o amarello era a côr da Casa de Lorena, a côr da mulher de D. Pedro a archidueza Leopoldina da Austria.

Quando D. Pedro, proclamou a Independen-



Senhorita Joselita Vêras Costa, destacado e fino ornamento da sociedade de Caxias, neste Estado, e professora da escola Dr. Paulo Ramos, onde desempenha com esméro e carinho o seu mestér, preparando centenas de creancinhas para as luctas de amanha

NA FESTA DA BANDEIRA

...E os labaros vèrdes nos ares ondulam:
na gloria da Patria"...

Souzandrade

Festeja-se a dezenove de novembro a festa da Bandeira Nacional, que

nas dobras tão vivas de côres tão nossas,

immenso, o Brasil, palpita e estremece,

em êstos de vida, de força e valor,

de sonhos e crenças, de honra e heroísmo !

E', sem duvida, uma das grandes datas nacionaes, o dia em que commemoramos a grandeza da Patria na grandeza de seu mais vivo e mais sagrado symbolo, — a Bandeira.

Registrando esse faustoso acontecimento, queremos, aqui, assignalar, que as côres festivas de nossa Bandeira, não foram escolhidas arbitrariamente, como muita gente acredita, para panejar no alto dos mastarêus, como symbolo de nossa nacionalidade.

Ha, nas côres de nossa Bandeira, uma realidade historica, uma razão de ser mais positiva, de que a de traduzir, lyricamente, no verde, as nossas mattas, e no amarello, o oiro das grapiaras do paiz.

As bandeiras, que atravéz de todos os tempos, significavam prestigio de suzeranos, de casas, de pessoas e de famílias, sempre existiram desde as éras heroicas, como se evidencia dos escriptos de Homero, Virgilio, na mythologia grega, romana, egypcia, escandinava e japoneza, como assignala o escriptor Pedro Lessa. As armas, os escudos dos guerreiros antigos traziam symbolos de todos os seus deuses, semideuses, heroes. Mas, as bandeiras só começaram apparecer muito mais tarde como symbolo de Nações. A primeira bandeira que surgiu para traduzir a mystica de um povo e como representativa de uma nação foi a norte-americana em 1775, arvorada pelos revolucionarios da independencia desse paiz e era toda branca com um pinheiro verde-claro no centro. A segunda foi a bandeira da França criada em 1791. Em ambas as côres significavam factos historicos, traduziam mais do que motivos ideologicos. Assim, em todas as bandeiras de todas as na-

ções, as côres **vivem** alguma cousa de real, de verdadeiro...

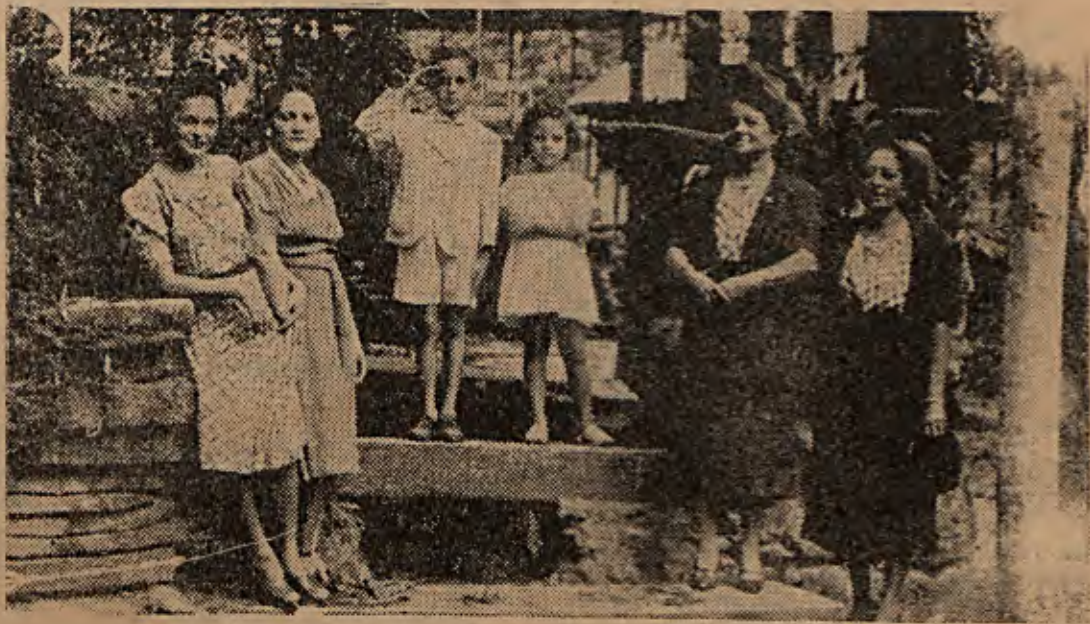
Na Bandeira Brasileira as côres tem, por sua vez, uma significação historica. Não traduzem mattas nem riqueza de ouro, que, no Brasil, a maior riqueza, seria, nesse caso, a de ferro que só em Minas ha mais de 5 bilhões de toneladas. As côres nacionaes tem outra significação.

O verde representa a Casa de Bragança, era a côr de D. Pedro, o proclamador de nossa Independencia e o amarello era a côr da Casa de Lorena, a côr da mulher de D. Pedro a archidueza Leopoldina da Austria.

Quando D. Pedro, proclamou a Independen-



Senhorita Joselita Vêras Costa, destacado e fino ornamento da sociedade de Caxias, neste Estado, e professora da escola Dr. Paulo Ramos, onde desempenha com esméro e carinho o seu mestér, preparando centenas de creancinhas para as luctas de amanha



Belem do Pará — Membros das famílias Celestino Santos e Djalma Fortuna em visita ao Bosque Rodrigues Alves

cia arrancou de chapéu o laço português, e passou, desde então, a usar, um laço verde, simplesmente verde, no braço e no chapéu, com a legenda, Independencia, ou Morte. Por ali se evidencia, que, em substituição ao tópe das Côrtes portuguezas, o príncipe passou a usar simplesmente a côr da casa de Bragança, "couleur de la maison de Bragança", como assignalou o barão de Wansel em seu officio a Metternick, sobre os acontecimentos do Brasil, naquella época.

Sabe-se, ainda, que a côr verde era a côr da casa de Bragança pelo facto ainda de que no dia 14 de setembro a princeza D. Leopoldina, distribuiu ás pessoas presentes á chegada de D. Pedro á Quinta da Boa Vista, laços verdes, arrancados de suas almofadas e travesseiros.

D. Pedro unindo as duas côres-verde e amarello — quiz traduzir a reunião das duas casas, a sua e a de sua esposa, para que, mais, se cumprisse uma tradição, seguida em todos os tempos, pelos criadores de povos e de nações livres e pela symbolistica existente a respeito de brazões e de bandeiras. As duas côres verde e amarello de nossa Bandeira foram adoptadas por um decreto de D. Pedro e que tem a data de 18 de setembro de 1822, data essa que bem poderia ser tambem festejada como sendo a data das côres nacionaes.

Confirmando tudo isso, ha um longo officio do chanceller Caminha e Menezes, nosso agente

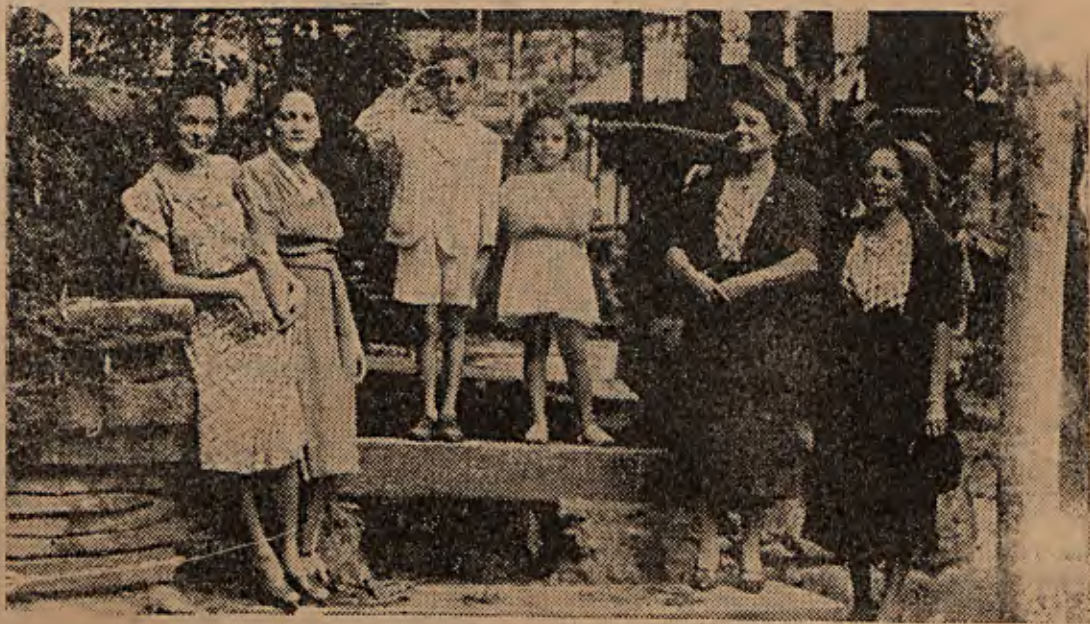
diplomatico na Austria, em que dá conta a José Bonifacio da explicação que, em Vienna, dera ácerca de nossa bandeira.

"...expliquei igualmente o motivo e significações das côres verde e amarello, de que se compõe a Bandeira do Brasil, por serem as côres nacionaes declaradas por lei. Estas explicações pareceu-me haverem plenamente satisfeito a S. A. desvanecendo a idéa pouco favoravel, que aqui se tinha de espirito com que se fizeram taes mudanças e lizongendo o motivo que dei de se adoptar a côr amarella com o verde por ser esta da casa de Bragança e a amarella a da casa de Lorena de que usa a familia imperial".

Per esse testemunho do Marquez de Resende, vê-se bem claro, que a união das côres nacionaes representa a união das côres das casas de Bragança e de Lorena.

São essas côres festivas, que hoje vivem em nossa Bandeira, palpitantes de belleza, duas côres, que alem da tradição de fidaiguia que ellas representam, tocam-nos profundamente a nossa alma, porque vivem espalhadas em toda parte, derramadas pela natureza do Brasil em apothecoses e deslumbramentos.

Na data memoravel da Bandeira Nacional, exaltemos a patria, glorificando-lhe o seu symbolo immortal, que é tudo o que é nosso, Justiça e Dever, e alma sagrada de nosso Brasil.



Belem do Pará — Membros das famílias Celestino Santos e Djalma Fortuna em visita ao Bosque Rodrigues Alves

cia arrancou de chapéu o laço português, e passou, desde então, a usar, um laço verde, simplesmente verde, no braço e no chapéu, com a legenda, Independencia, ou Morte. Por ali se evidencia, que, em substituição ao tópe das Côrtes portuguezas, o príncipe passou a usar simplesmente a côr da casa de Bragança, "couleur de la maison de Bragança", como assignalou o barão de Wansel em seu officio a Metternick, sobre os acontecimentos do Brasil, naquella época.

Sabe-se, ainda, que a côr verde era a côr da casa de Bragança pelo facto ainda de que no dia 14 de setembro a princeza D. Leopoldina, distribuiu ás pessoas presentes á chegada de D. Pedro á Quinta da Boa Vista, laços verdes, arrancados de suas almofadas e travesseiros.

D. Pedro unindo as duas côres-verde e amarello — quiz traduzir a reunião das duas casas, a sua e a de sua esposa, para que, mais, se cumprisse uma tradição, seguida em todos os tempos, pelos criadores de povos e de nações livres e pela symbolistica existente a respeito de brazões e de bandeiras. As duas côres verde e amarello de nossa Bandeira foram adoptadas por um decreto de D. Pedro e que tem a data de 18 de setembro de 1822, data essa que bem poderia ser tambem festejada como sendo a data das côres nacionaes.

Confirmando tudo isso, ha um longo officio do chanceller Caminha e Menezes, nosso agente

diplomatico na Austria, em que dá conta a José Bonifacio da explicação que, em Vienna, dera acerca de nossa bandeira.

"...expliquei igualmente o motivo e significações das côres verde e amarello, de que se compõe a Bandeira do Brasil, por serem as côres nacionaes declaradas por lei. Estas explicações pareceu-me haverem plenamente satisfeito a S. A. desvanecendo a idéa pouco favoravel, que aqui se tinha de espirito com que se fizeram taes mudanças e lizongendo o motivo que dei de se adoptar a côr amarella com o verde por ser esta da casa de Bragança e a amarella a da casa de Lorena de que usa a familia imperial".

Per esse testemunho do Marquez de Resende, vê-se bem claro, que a união das côres nacionaes representa a união das côres das casas de Bragança e de Lorena.

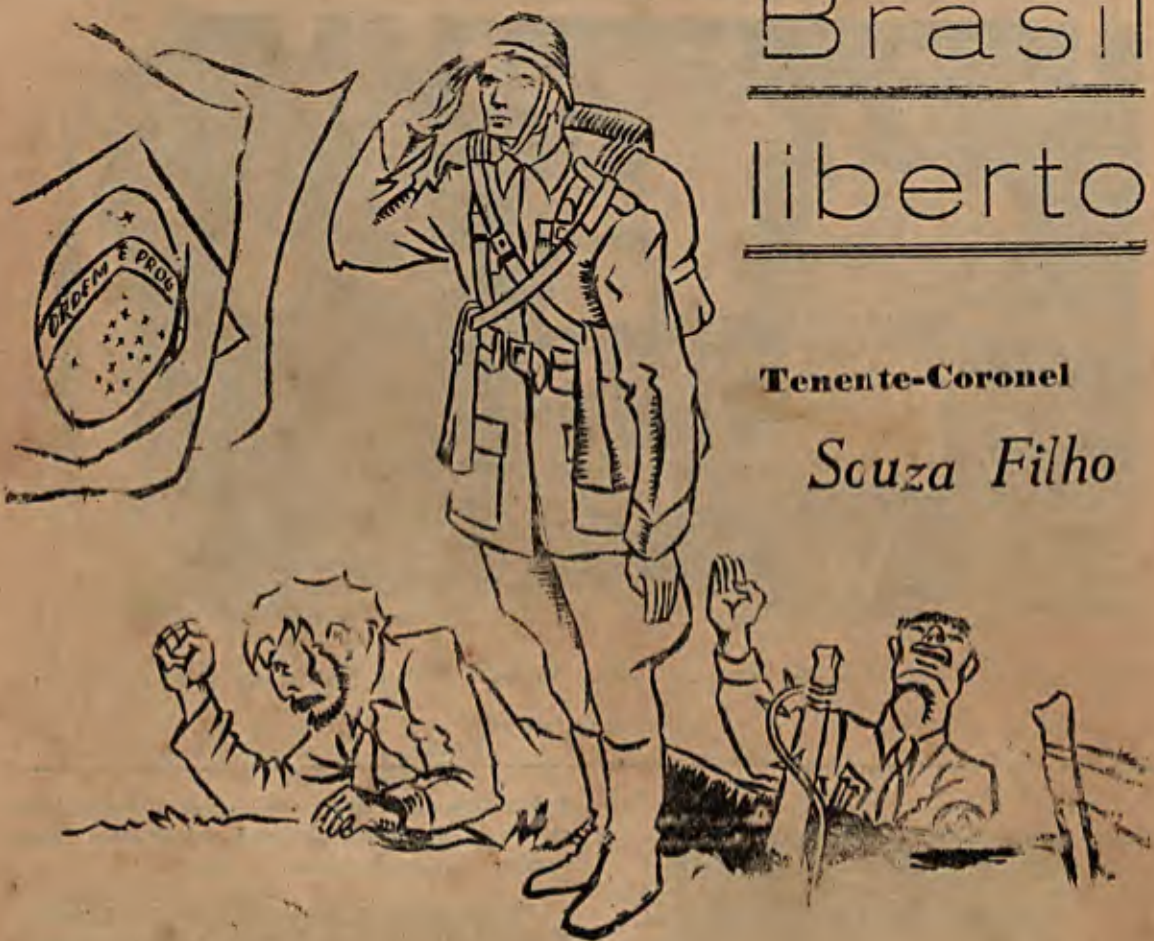
São essas côres festivas, que hoje vivem em nossa Bandeira, palpitantes de belleza, duas côres, que alem da tradição de fidaiguia que ellas representam, tocam-nos profundamente a nossa alma, porque vivem espalhadas em toda parte, derramadas pela natureza do Brasil em apothecoses e deslumbramentos.

Na data memoravel da Bandeira Nacional, exaltemos a patria, glorificando-lhe o seu symbolo immortal, que é tudo o que é nosso, Justiça e Dever, e alma sagrada de nosso Brasil.

Brasil liberto

Tenente-Coronel

Scuza Filho



NÃO LEVANTES A MÃO, N'UM GESTO REPUDIADO
POR TEU PROPRIO PAIZ, UM GESTO QUE TRADUZ,
EM VEZ DA CONTINENCIA ALTIVA DO SOLDADO,
SIGNAL DE SERVIDÃO QUE A ESCRAVO TE REDUZ.

UM FILHO DO BRASIL, TORRÃO ABENÇOADO,
PATRIA IMMENSA E FELIZ, TERRA DE SANTA CRUZ,
ERGUE AS MÃOS, TÃO SOMENTE, EM PRECE, PROSTERNADO,
ANTE A IMAGEM SERENA E PURA DE JESUS.

SOB O ESCUDO DA LEI, DA LIBERDADE E A CRENÇA,
A PATRIA BRASILEIRA, ENERGICA E VIRIL,
E' CONTRA O DESPOTISMO, A' TYRAMNIA INFENSA.

NÃO LEVANTES A MÃO, NUM GESTO DEGRADANTE !
NA AMERICA NASCESTE ! E'S FILHO DO BRASIL !
NÃO QUEIRAS SER PYGMEU, QUE E'S FILHO DE UM GIGANTE !

Brasil liberto

Tenente-Coronel

Scuza Filho



NÃO LEVANTES A MÃO, N'UM GESTO REPUDIADO
POR TEU PROPRIO PAIZ, UM GESTO QUE TRADUZ,
EM VEZ DA CONTINENCIA ALTIVA DO SOLDADO,
SIGNAL DE SERVIDÃO QUE A ESCRAVO TE REDUZ.

UM FILHO DO BRASIL, TORRÃO ABENÇOADO,
PATRIA IMMENSA E FELIZ, TERRA DE SANTA CRUZ,
ERGUE AS MÃOS, TÃO SOMENTE, EM PRECE, PROSTERNADO,
ANTE A IMAGEM SERENA E PURA DE JESUS.

SOB O ESCUDO DA LEI, DA LIBERDADE E A CRENÇA,
A PATRIA BRASILEIRA, ENERGICA E VIRIL,
E' CONTRA O DESPOTISMO, A' TYRAMNIA INFENSA.

NÃO LEVANTES A MÃO, NUM GESTO DEGRADANTE !
NA AMERICA NASCESTE ! E'S FILHO DO BRASIL !
NÃO QUEIRAS SER PYGMEU, QUE E'S FILHO DE UM GIGANTE !

Em homenagem

(A' memoria de Armando Vieira da Silva)

...“do bravo cavalleiro, restava apenas a memoria...”

Fiquei tristemente relembando esta phrase de Humberto de Campos, hoje, que o telegrapho trouxe-nos a triste nova do fallecimento do maviOSO poeta dr. Armando Vieira da Silva !

Dolorosa é a noticia que veio vestir de crepe as letras Maranhenses, das quaes o grande beletриста era um dos mais fulgurantes representantes

Quando a adolescencia entreabria para o meu espirito, o mundo maravilhoso dos sonhadores, o estro suavissimo de Vieira da Silva, foi por mim, um dos mais admirados e queridos.

Não o conhecia pessoalmente, mas as suas estrophes e rimas sonoras, quantas vezes disse, adaptando-as a mim, no entusiasmo crepitante de menina e moça !

Annos depois, quando acontecimentos felizes me fizeram encontrar o seu perfil louro de principe scandinavo, quando lhe ouvi a palavra elegante e castiça com que encantava um auditorio de élite, mais se vincou no meu espirito o traço da sua personalidade inconfundivel e forte, maior e mais alta a minha admiração o envolvia no halo dos privilegiados !

Hoje que os seus despojos baixam á terra fria, bem longe deste Maranhão que elle tanto amou, venho trazer á sua memoria imperecivel do poeta e maranhense que soube honrar as tradições desta Athenas Brasileira, o meu ramo de saudades.

Culto, distincto, simples e bom, Vieira da Silva despertava em cada leitor ou ouvinte, idéas suaves e cheias do sortilegio encantador da sua alma de eleição.

Eu o vejo transfigurado de bondade nas paginas magnificas de “**Consolação**”...

Qual o maranhense amante das boas letras e do movimento literario da sua terra, que não conheça a figura suave e boa de Sinharinha ?

Quem não palmilhou, conduzido pela prosa “lavrada em marmore grego” do poeta, as ruas e praças de S. Luiz, em episodios da sua vida ?

Quem não relembra noites memoraveis na Academia de Letras e Syndicato Maranhense de Imprensa, sociedades das quaes era presidente, no Gremio Recreativo Portuguez, que o contava entre os seus amigos illustres e do qual era Socio Honorario, horas inesqueciveis em que a phanta-

sia do poeta e a cultura e talento do orador, vestiam de ouro e sêda em qualquer narrativa ou conferencia; prendiam, impressionavam, nesse marcante caracteristico de quem fazia de tudo na vida, um motivo de belleza.

Maranhense amigo da sua gleba e de seus irmãos, espirito activo e emprehendedor, fez tambem da vida uma legenda de trabalho.

A Companhia Telephonica é um attestado da sua energia e devotamento ao progresso da sua terra, pois como maior accionista, collaborou para a sua transformação, dotando S. Luiz de um serviço de telephones, moderno.

Se, como disse um notavel escriptor conterraneo, “a vida é cada vez mais brutalisante e o homem moderno na luta pelo pão diario o obtem com o suor do seu rosto, perdendo as riquezas da



José Carlos, interessante filhinho do casal Carlos Coêlho e Benedicta Costa Coêlho, residentes na cidade de Caxias

Em homenagem

(A' memoria de Armando Vieira da Silva)

...“do bravo cavalleiro, restava apenas a memoria...”

Fiquei tristemente relembando esta phrase de Humberto de Campos, hoje, que o telegrapho trouxe-nos a triste nova do fallecimento do mavioso poeta dr. Armando Vieira da Silva!

Dolorosa é a noticia que veio vestir de crepe as letras Maranhenses, das quaes o grande beletриста era um dos mais fulgurantes representantes

Quando a adolescencia entreabria para o meu espirito, o mundo maravilhoso dos sonhadores, o estro suavissimo de Vieira da Silva, foi por mim, um dos mais admirados e queridos.

Não o conhecia pessoalmente, mas as suas estrophes e rimas sonoras, quantas vezes disse, adaptando-as a mim, no entusiasmo crepitante de menina e moça!

Annos depois, quando acontecimentos felizes me fizeram encontrar o seu perfil louro de principe scandinavo, quando lhe ouvi a palavra elegante e castiça com que encantava um auditorio de élite, mais se vincou no meu espirito o traço da sua personalidade inconfundivel e forte, maior e mais alta a minha admiração o envolvia no halo dos privilegiados!

Hoje que os seus despojos baixam á terra fria, bem longe deste Maranhão que elle tanto amou, venho trazer á sua memoria imperecivel do poeta e maranhense que soube honrar as tradições desta Athenas Brasileira, o meu ramo de saudades.

Culto, distincto, simples e bom, Vieira da Silva despertava em cada leitor ou ouvinte, idéas suaves e cheias do sortilegio encantador da sua alma de eleição.

Eu o vejo transfigurado de bondade nas paginas magnificas de “**Consolação**”...

Qual o maranhense amante das boas letras e do movimento literario da sua terra, que não conheça a figura suave e boa de Sinharinha?

Quem não palmilhou, conduzido pela prosa “lavrada em marmore grego” do poeta, as ruas e praças de S. Luiz, em episodios da sua vida?

Quem não lembra noites memoraveis na Academia de Letras e Syndicato Maranhense de Imprensa, sociedades das quaes era presidente, no Gremio Recreativo Portuguez, que o contava entre os seus amigos illustres e do qual era Socio Honorario, horas inesqueciveis em que a phanta-

sia do poeta e a cultura e talento do orador, vestiam de ouro e sêda em qualquer narrativa ou conferencia; prendiam, impressionavam, nesse marcante caracteristico de quem fazia de tudo na vida, um motivo de belleza.

Maranhense amigo da sua gleba e de seus irmãos, espirito activo e emprensador, fez tambem da vida uma legenda de trabalho.

A Companhia Telephonica é um attestado da sua energia e devotamento ao progresso da sua terra, pois como maior accionista, collaborou para a sua transformação, dotando S. Luiz de um serviço de telephones, moderno.

Se, como disse um notavel escriptor conterraneo, “a vida é cada vez mais brutalisante e o homem moderno na luta pelo pão diario o obtem com o suor do seu rosto, perdendo as riquezas da



José Carlos, interessante filhinho do casal Carlos Coêlho e Benedicta Costa Coêlho, residentes na cidade de Caxias

CORDIALIDADE SUL-AMERICANA



O vivo e inteligente menino Custodio da Silva Moraes Rêgo, dilecto filho do casal Cicente Moraes Rêgo e sua digna esposa d. Elza da Silva Moraes Rêgo, maranhenses, actualmente, residindo em Therezina

alma e as florações do espirito", Vieira da Silva foi dos raros que souberam cada vez mais elevar-se furtando-se á corrente perfida das esterilidades moraes.

Elle era cada vez melhor.

Dahi o seu desejo de consolar, espalhar serenidade... alegria !...

A sua brilhante bagagem literaria assim o afirma.

E no seu "retiro" do Caminho Grande, onde elle no eterno culto pela Natureza, cultivava flôres e fructos, enlanguescem as rosas sentindo a falta das suas mãos de artista que procurara crear no seu "foyer, o seu mundo de Belleza... de Sono...

Enlanguescem e morrem as rosas, mas o seu perfume ethereo e dôce, fica largo tempo embalsamando o ambiente !

De Vieira da Silva, ficou-nos com a saudade-presença dos ausentes, as trescalantes e luminosas flôres do seu espirito e do seu coração.

Ellas hão de trazer-o vivo no rythmo dos seus versos, nas vibrações esplendorosas da sua prosa, ás gerações vindouras, como um clarão que se projecta a distancias infinitas.

Os poetas não morrem... E se na terra vestimos crepe para a velada da morte em volta dos seus tumulos, o ceu celebra a sua ascensão á immortalidade.

Na alidez da sua tumba, com esta homenagem o meu ramo de saudades.

GIESTA

9-de-10-de-940



O dr Alberto Guani, chanceller do Uruguay, quando, no dia 7 de setembro, pronunciava o seu discurso saudando o povo brasileiro



Sr. Alvaro Pio Corrêa Lima, digno collector das Rendas Estadôaes em S. Bernardo neste Estado

CORDIALIDADE SUL-AMERICANA



O vivo e inteligente menino Custodio da Silva Moraes Rêgo, dilecto filho do casal Cicente Moraes Rêgo e sua digna esposa d. Elza da Silva Moraes Rêgo, maranhenses, actualmente, residindo em Therezina

alma e as florações do espirito", Vieira da Silva foi dos raros que souberam cada vez mais elevar-se furtando-se á corrente perfida das esterilidades moraes.

Elle era cada vez melhor.

Dahi o seu desejo de consolar, espalhar serenidade... alegria !...

A sua brilhante bagagem literaria assim o afirma.

E no seu "retiro" do Caminho Grande, onde elle no eterno culto pela Natureza, cultivava flôres e fructos, enlanguescem as rosas sentindo a falta das suas mãos de artista que procurara crear no seu "foyer, o seu mundo de Belleza... de Sonho...

Enlanguescem e morrem as rosas, mas o seu perfume ethereo e dôce, fica largo tempo embalsamando o ambiente !

De Vieira da Silva, ficou-nos com a saudade-presença dos ausentes, as trescalantes e luminosas flôres do seu espirito e do seu coração.

Ellas hão de trazer-o vivo no rythmo dos seus versos, nas vibrações esplendorosas da sua prosa, ás gerações vindouras, como um clarão que se projecta a distancias infinitas.

Os poetas não morrem... E se na terra vestimos crepe para a velada da morte em volta dos seus tumulos, o ceu celebra a sua ascensão á immortalidade.

Na alidez da sua tumba, com esta homenagem o meu ramo de saudades.

GIESTA

9-de-10-de-940



O dr Alberto Guani, chanceller do Uruguay, quando, no dia 7 de setembro, pronunciava o seu discurso saudando o povo brasileiro



Sr. Alvaro Pio Corrêa Lima, digno collector das Rendas Estadôaes em S. Bernardo neste Estado

GALERIA DE POETAS

J. G. de Araujo Jorge é o nome mais festejado e admirado entre os poetas da nova geração brasileira.

Autor de varios livros, esbanjador de rythmos pelas columnas de jornaes e revistas do Rio, o moço filho do Acre iniciou-se já como um vencedor. Sua figura irradiante de artista se projectou no scenario mental do paiz e todos applaudiram as bellezas e alegrias pagãs de seus versos.

"Bazar de Rythmos" foi seu primeiro livro. Veio "Amo!" e elle já annuncia o "Canto da Terra" e o "Cantico do Homem Prisioneiro". Tambem tem por lançar um romance: "O vento sopra do mar"...

Inauguramos com dois poemas do jovem poeta esta galeria de **ATHENAS**. Foram escriptos especialmente para nossa revista.

J. G. de Araujo Jorge, que tem entre nós muitos admiradores, offereceu tambem a **ATHENAS** um retrato autographado.

Ahi está para os nossos leitores, estas duas joias de poesia que por nossa vez lhes offerecemos.

ANCIEDADE

inédito de J. G. de Araujo Jorge

Bato azas, quero fugir como um bezouro
estonteado de luz
à procura do céu incendiado de ouro
que o seduz!

Esvoaço, tonteio, e em vão... Em vão minha
alma esvoaça!
Ouço um zumbido surdo, atordoante, crescendo
das minhas azas sôfregas batendo
numa invisível vidraça!

Lá fóra tudo é tão verde! Lá fóra a terra é
tão bella!

Tudo chama e convida
para a vida,

—e nem uma alma bondosa e distrahida
vem abrir a janella!...

(Do **Cantico do Homem Prisioneiro** !



Araujo Jorge

RELIGIAO

inédito de J. G. de Araujo Jorge

Eu não destruirei a terra e não mancharei mi-
nhas mãos
porque a minha religião ensina o amor da terra
e ensina a chamar tambem os outros homens de
irmãos...

Eu não destruirei a terra, porque eu só creio na
terra!
E não matei os homens porque nelles se encerra
a propria vida da terra...
(são gomos de um mesmo pômo
e todos se alimentam do mesmo pão que eu
como !)

Eu não destruirei e não matarei porque em mi-
nha religião

GALERIA DE POETAS

J. G. de Araujo Jorge é o nome mais festejado e admirado entre os poetas da nova geração brasileira.

Autor de varios livros, esbanjador de rythmos pelas columnas de jornaes e revistas do Rio, o moço filho do Acre iniciou-se já como um vencedor. Sua figura irradiante de artista se projectou no scenario mental do paiz e todos applaudiram as bellezas e alegrias pagãs de seus versos.

"Bazar de Rythmos" foi seu primeiro livro. Veio "Amo!" e elle já annuncia o "Canto da Terra" e o "Cantico do Homem Prisioneiro". Tambem tem por lançar um romance: "O vento sopra do mar"...

Inauguramos com dois poemas do jovem poeta esta galeria de **ATHENAS**. Foram escriptos especialmente para nossa revista.

J. G. de Araujo Jorge, que tem entre nós muitos admiradores, offereceu tambem a **ATHENAS** um retrato autographado.

Ahi está para os nossos leitores, estas duas joias de poesia que por nossa vez lhes offerecemos.



Araujo Jorge

ANCIEDADE

inédito de J. G. de Araujo Jorge

Bato azas, quero fugir como um bezouro
estonteado de luz
à procura do céu incendiado de ouro
que o seduz!

Esvoaço, tonteio, e em vão... Em vão minha
alma esvoaça!
Ouço um zumbido surdo, atordoante, crescendo
das minhas azas sôfregas batendo
numa invisível vidraça!

Lá fóra tudo é tão verde! Lá fóra a terra é
tão bella!

Tudo chama e convida
para a vida,
—e nem uma alma bondosa e distrahida
vem abrir a janella!...

(Do **Cantico do Homem Prisioneiro** !

RELIGIAO

inédito de J. G. de Araujo Jorge

Eu não destruirei a terra e não mancharei mi-
nhas mãos
porque a minha religião ensina o amor da terra
e ensina a chamar tambem os outros homens de
irmãos...

Eu não destruirei a terra, porque eu só creio na
terra!
E não matei os homens porque nelles se encerra
a propria vida da terra...
(são gomos de um mesmo pômo
e todos se alimentam do mesmo pão que eu
como!)

Eu não destruirei e não matarei porque em mi-
nha religião

15 DE SETEMBRO



Pedreiras — A menina Perpetinha Bastos, fazendo a "Florista" na Hora de Arte oferecida naquella cidade maranhense ao sr. Djalma Fortuna, Delegado Regional do Censo



Um anno, mais, lancei no ról dos annos,
Um anno, mais, de lucta atroz, renhida,
Entanto, só tormento e desenganos,
Conquistei na jornada percorrida.

Um anno, mais, de esforços sôbrehumanos,
Uma tarefa mais, uma investida,
Neste mundo de maguas e de enganos,
Mais uma etapa tenho hoje vencida.

imperfeitissima talvez !

não ha perdão...

—cada um responde sempre pelo mal que fez !...

Atrazado que sou !... Miseravel ateu
entre homens crentes e bons, muito melhores
que eu !

—entre homens adiantados...

Não cheguei a conceber nenhum deus tão perfeito
que acobertasse meus crimes, e tivesse o direito
de perdoar meus peccados !

Já venho de tão longa caminhada,
Errando aqui, ali, na encruzilhada,
Do meu caminho cheio de barrancos.

E, dos annos todos que se vão passando,
Eu sinto, apenas, que me vão deixando:
Rugas, desilusões, cabelos brancos !...

OLIVEIRA MARQUES

Trabalhae, o trabalho tornará o prazer mais
sensível e a dôr menos amarga. — Thiers

(Do Canto da Terra ! inédito)

15 DE SETEMBRO



Pedreiras — A menina Perpetinha Bastos, fazendo a "Florista" na Hora de Arte oferecida naquella cidade maranhense ao sr. Djalma Fortuna, Delegado Regional do Censo



Um anno, mais, lancei no rôl dos annos,
Um anno, mais, de lucta atroz, renhida,
Entanto, só tormento e desenganos,
Conquistei na jornada percorrida.

Um anno, mais, de esforços sôbrehumanos,
Uma tarefa mais, uma investida,
Neste mundo de maguas e de enganos,
Mais uma etapa tenho hoje vencida.

imperfeitissima talvez !

não ha perdão...

—cada um responde sempre pelo mal que fez !...

Atrazado que sou !... Miseravel ateu
entre homens crentes e bons, muito melhores
que eu !

—entre homens adiantados...

Não cheguei a conceber nenhum deus tão perfeito
que acobertasse meus crimes, e tivesse o direito
de perdoar meus peccados !

Já venho de tão longa caminhada,
Errando aqui, ali, na encruzilhada,
Do meu caminho cheio de barrancos.

E, dos annos todos que se vão passando,
Eu sinto, apenas, que me vão deixando:
Rugas, desilusões, cabelos brancos !...

OLIVEIRA MARQUES

Trabalhae, o trabalho tornará o prazer mais
sensível e a dôr menos amarga. — Thiers

(Do Canto da Terra ! inédito)

Fran Paxeco, um lusobrasileiro

DOMINGOS BARBOSA

(Da Academia Maranhense de Letras)

Quando esta Federação, em homenagem ao transcurso dos centenários de Portugal, rememora e focaliza factos portugueses, quero, num espontâneo gesto de justiça e de carinho, alludir a um dos mais illustres membros fundadores e effectivos da Academia Maranhense de Letras, que aqui represento, e o qual é exactamente o unico entre todos, que não nasceu no Maranhão, nem no Brasil: Fran Paxeco.

Emigrado politico, por fidelidade aos ideaes republicanos, sahio de Portugal e aportou ao Brasil ainda em pleno viço da mocidade. E após mourejar pela Amazonia, chegou em 1900 ao Maranhão, de onde, a fóra uma estada no Acre, só sahiria em definitivo quase um quarto de seculo após, de consul do seu paiz, que já era, nomeado depois de proclamada lá a Republica, removido que foi para Belem, no Pará, a seguir para Cardiff e para Liverpool, e aposentado, por haver attingido á idade compulsoria, quando em honrosa commissão do Ministerio dos Estrangeiros, em Lisboa, onde ficou de residencia fixa.

Difficil, senão impossivel, seria resumir nestas linhas o seu infatigavel e proficuo labor em S. Luiz, durante aquelle trato de tempo, no qual a velha Athenas Brasileira se affirmou por uma actividade intellectual a que não sei se outra se poderá equiparar entre nós.

Desse labor, aturado, intenso e fecundo, foi Antonio Lobo o orientador e Fran Paxeco o estimulador.

De feito, foi elle quem mais incentivou a Officina dos Novos, associação literaria de moços, que fez época e á qual se devem o erguimento da herma de Odorico Mendes e as peripetias anuais á estatua de Gonçalves Dias.

Da Academia Maranhense, desde os seus primeiros dias, foi sempre um dos elementos mais entusiastas, enriquecendo-lhe a **Revista** com trabalhos de alta valia, quaes o longo e erudito estudo critico da personalidade e da obra de Celso Magalhães, seu patrono: o douto e minucioso pa-

recer relativo ás normas orthographicas por ella adoptadas; a sentida oração sobre a individualidade de José Augusto Corrêa, e o brilhante discurso com que recebeu João da Costa Gomes. Por isso, e agradecida aos seus muitos serviços, a Academia que, com a reforma de 1916, passou a exigir a qualidade de maranhense nato para os seus membros, o conservou no quadro dos effectivos.

Mas Fran Paxeco não presidia ao nascimento e não collaborava nos trabalhos apenas de associações literarias.

A Universidade Popular, criada para a disseminação de noções de cultura geral, teve nelle um dos seus fundadores, um dos seus maiores sustentáculos e um dos seus mais aptos preletores.

Embora cidadão de outro paiz, foi o iniciador da Sociedade Commemorativa das Data Na-



Sr. José Ribamar Silva, digno sub-gerente das afamadas lojas "A Pernambusana", em Barra do Corda

Fran Paxeco, um lusobrasileiro

DOMINGOS BARBOSA

(Da Academia Maranhense de Letras)

Quando esta Federação, em homenagem ao transcurso dos centenarios de Portugal, rememora e focaliza factos portugueses, quero, num espontaneo gesto de justiça e de carinho, alludir a um dos mais illustres membros fundadores e effectivos da Academia Maranhense de Letras, que aqui represento, e o qual é exactamente o unico entre todos, que não nasceu no Maranhão, nem no Brasil: Fran Paxeco.

Emigrado politico, por fidelidade aos ideaes republicanos, sahio de Portugal e aportou ao Brasil ainda em pleno viço da mocidade. E após mourejar pela Amazonia, chegou em 1900 ao Maranhão, de onde, a fóra uma estada no Acre, só sahiria em definitivo quase um quarto de seculo após, consul do seu paiz, que já era, nomeado depois de proclamada lá a Republica, removido que foi para Belem, no Pará, a seguir para Cardiff e para Liverpool, e aposentado, por haver attingido á idade compulsoria, quando em honrosa commissão do Ministerio dos Estrangeiros, em Lisboa, onde ficou de residencia fixa.

Difficil, senão impossivel, seria resumir nestas linhas o seu infatigavel e proficuo labor em S. Luiz, durante aquelle trato de tempo, no qual a velha Athenas Brasileira se affirmou por uma actividade intellectual a que não sei se outra se poderá equiparar entre nós.

Desse labor, aturado, intenso e fecundo, foi Antonio Lobo o orientador e Fran Paxeco o estimulador.

De feito, foi elle quem mais incentivou a Officina dos Novos, associação literaria de moços, que fez época e á qual se devem o erguimento da herma de Odorico Mendes e as peripetias anuaes á estatua de Gonçalves Dias.

Da Academia Maranhense, desde os seus primeiros dias, foi sempre um dos elementos mais entusiastas, enriquecendo-lhe a **Revista** com trabalhos de alta valia, quaes o longo e erudito estudo critico da personalidade e da obra de Celso Magalhães, seu patrono: o douto e minucioso pa-

recer relativo ás normas orthographicas por ella adoptadas; a sentida oração sobre a individualidade de José Augusto Corrêa, e o brilhante discurso com que recebeu João da Costa Gomes. Por isso, e agradecida aos seus muitos serviços, a Academia que, com a reforma de 1916, passou a exigir a qualidade de maranhense nato para os seus membros, o conservou no quadro dos effectivos.

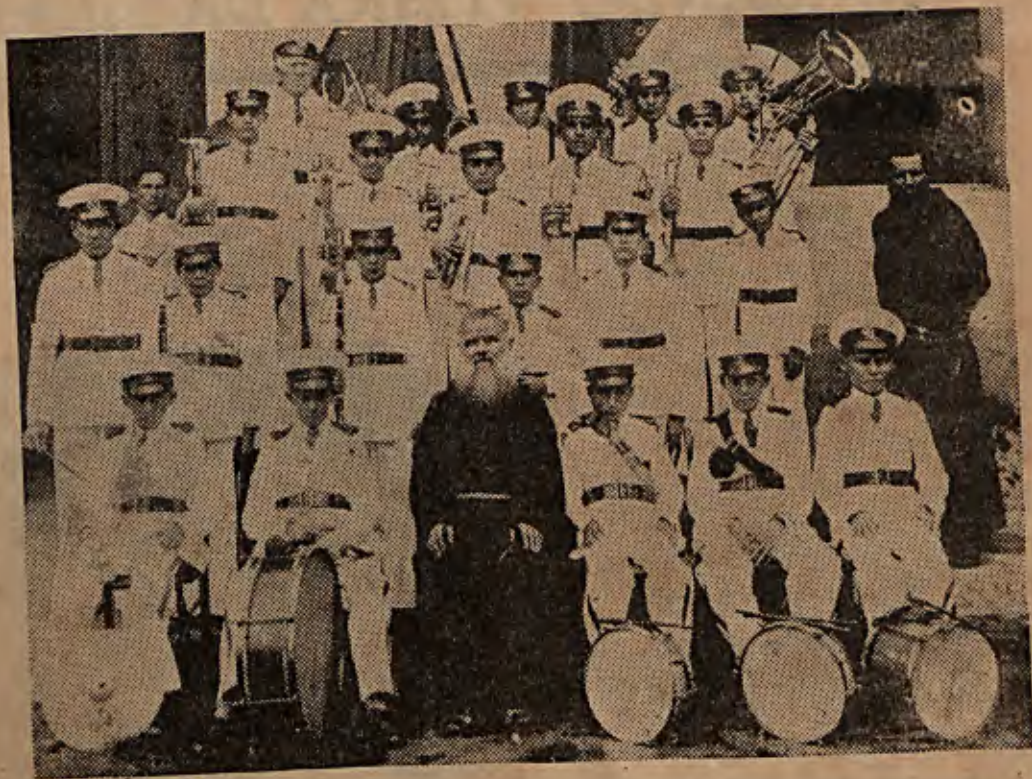
Mas Fran Paxeco não presidia ao nascimento e não collaborava nos trabalhos apenas de associações literarias.

A Universidade Popular, criada para a disseminação de noções de cultura geral, teve nelle um dos seus fundadores, um dos seus maiores sustentáculos e um dos seus mais aptos preletores.

Embora cidadão de outro paiz, foi o iniciador da Sociedade Commemorativa das Data Na-



Sr. José Ribamar Silva, digno sub-gerente das afamadas lojas "A Pernambusana", em Barra do Corda



Afinada banda de musica "S. Francisco" de propriedade dos padres capuchinhos de Barra do Corda

terra e a gente de lá, isso sem falar no livro "Figuras maranhenses", ainda inédito.

"Consul de Portugal no Maranhão, e **consul** do Maranhão onde quer que seja conveniente exaltar as nossas glórias e defender os nossos direitos", escrevi delle algures. Assim que tem sido elle, de feito; circumstancia muito para notar, quando não sei de portuguez que ame a Portugal com mais entranhado amor, nem de ninguém que vote ao Maranhão maior benquerença, reflexa em parte, do affecto que, esposo e pae exemplar, dedica á senhora maranhense, dona de alto espirito e peregrinas virtudes a quem, em hora feliz ligou pelo matrimonio o seu destino, e á filha, também lá nascida, e que, dos dois, reúne em si a honradez e a bondade, o talento e o saber, dons preclaros dos quaes estes se comprovam pelos louros escolares conquistados na Inglaterra; pelo titulo que, antes della, mulher nenhuma haviá conquistado em Portugal, de doutora em sciencias e letras, e pela regencia, em Lisboa, da cathedra que Carolina de Vasconcellos, a mulher-sábio, outrora occupou.

Bem comprehendendo o civismo de Fran Pa-xeco, e bem aquilatando o muito, o muitissimo

que lhe deve o Maranhão, a edilidade de S. Luiz, num gesto muito raro, concedeu-lhe as honras de cidadania, com o que elle ficou sendo maranhense, sem deixar de ser portuguez, o que deve ter sensibilizado profundamente um coração como o seu.

Digo-o, porque pelo coração e pela intelligencia tem elle intensamente vivido, assim como se tem galhardamente affirmado pela palavra escripta e falada. Pois foi a um homem assim que um insulto cerebral tornou afásico e hemiplégico, conservando-lhe, porém, taes quaes eram, a intelligencia e o coração, talvez para que elle mais comprehenda e mais sinta a crueldade dos fados que o privam de falar e de escrever, o que sempre fez sem ambição, e somente pelo prazer de ser util.

BRASIL

—E' uma terra encantada,
—mimoso jardim de fada—
lo mundo todo invejada,
que o mundo não tem igual.

Casemiro de Abreu

ARMANDO VIEIRA DA SILVA

ATHENAS regista nesta pagina o fallecimento do dr. Armando Vieira da Silva, Procurador da Republica, no nosso Estado.

O illustre extinto que, por muitos titulos, era um nome sobejamente conhecido em nossa terra, onde se revelou habil advogado, tribuno academico, cultor das letras juridicas, era sobretudo brilhante homem de letras. Pelas suas apreciaveis qualidades de caracter e pelo seu brilho intellectual, era Presidente do Syndicato de Imprensa, Presidente da Academia Maranhense de Letras. Poeta de grande merecimento deixou um livro admiravel, "Versos". Chronista, escreveu um livro de muito valor — "Consolação".

A Academia Maranhense de Letras rendeu significativa homenagem á sua memoria.

Abaixo transcrevemos um trecho do discurso que naquella sessão pronunciou o professor Nascimento Moraes, fazendo o panegirico do rebrilhante poeta.

Armando Vieira da Silva... Lega ao Maranhão dois livros de grande valor: **Versos** e **Consolação**.

Versos, expressão mais elevada de sua cultura literaria, é um livro da mocidade. Nelle se encontra a unidade de todas as suas energias, de toda a sua espiritualidade, da esthesia admiravel de seu espirito. A idéa predomina nessa obra de estrutura admiravel. Deve pouco ao coração, o que é verdadeiramente surpreendente. E isto constitue, ao meu ver, o maior valor de sua poesia, a sua grandeza inapagavel, o seu merecimento inconfundivel. Armando pertence ao pequeno numero desses parnasianos que não sacrificaram á idéa a forma, mas que tiveram a ventura de afeiçoar a forma no contorno da propria idéa, como se fizessem de ambos esses elementos um bloco, uma peça indivisivel, inseparavel. — Dá-se a esse aspecto da poesia o nome de harmonia.

E fica-lhe bem essa justesa que é a fusão da palavra com o pensamento, e sendo assim a poesia não perde uma nuga sequer de sua irreabilidade criadora, do seu extase, porque se lhe não vislumbra facilmente a parte material. O pensamento é quem dá forma ao vaso, seja calice como o das rosas, amphora como os da arte bisantina, cornucopias como as das fontes. A imaginação quando nasce para colorir a idéa, não encontra as restraints de uma forma articulada, porque ella nasce com idéa que dá forma ao vaso.

A poesia de Armando Vieira da Silva é a poesia da alma serena que espreita a natureza vivendo dentro della. É a poesia tropical-meditativa da alma sadia que canta a vida em si mesmo, como se a dôr e a alegria fossem apenas duas impressões



VIEIRA DA SILVA

banas da mesma sentimentalidade, como os nascentes e os poentes expressam a mesma irradiação solar!

Versos foram escriptos na phase em que os dias são feitos de aleluias e sonoridades amplas de carilhões.

Vieira da Silva não conhecera a dôr. Moço e robusto é corajoso, desprendido das fascinações do ouro, julgava-se, orgulhoso, um semi-deus. Desafiara, um dia, o Amôr para um duelo por causa de uns bellos olhos e de uma garganta muito rica de tonalidades, e tivera a dita de vencer o Amôr e de fazer brotar dos olhos admirativos que seduzira a lymphá decantada de lagrimas cariciosas: que lhe orvalharam a fonte apolínea.

Triumphara da adversidade. O poeta não conhecia ainda o sofrimento.

Mas... ao depois, transmudaram-se-lhe os scenarios da vida. O poeta começou a sentir o vazio em redor de si. Desencadearam-se tempestades. Presentiu que ia baquear na arena, aos pontacos de inimigos tigrinos. O seu primeiro encontro com a realidade, com essa realidade que é serpe venenosa com a lingua em brasa... Reagiu, heroico, contra as impressões do espectáculo tremendo, de desmoronamentos sobre desmoronamentos. Era a falencia cruel das amizades, cultivadas durante muitos annos, sob o tecto de seus paes. Eram os interesses sordidos que maravalhavam nos seus pés impedindo-lhe a marcha. O poeta comprehendeu, então, que se approximava do anniquillamento.

Reagiu, disse. Reuniu as ultimas energias num esforço supremo e teve coragem de arrancar da cabeça, sem tremores, a laurea luminosa, de quebrar, num gesto decidido a lyra afestoad de rosas, e arremangado qual um artesão, descalço, o peitónú, um chapéu de carnahuba á cabeça, desceu. des-



Sr. Abilio Lima Britto, esforçado Prefeito de Grajahú, cujo programma de acção tem sido proveitoso ao grande e prospero municipio sertanejo



Maria José, filha do casal Feliciano Ferreira e Thomazia Ferreira, residentes em Morro, no dia de sua primeira Communhão

temeroso as escadas do minarete que construíra para sua ufania intellectual e caminhou por dentro do lamaçal de uma quinta para ganhar honestamente o pão.

Esqueceram-no. Retiraram-lhe o nome do cartaz. Estava morto para todos os empreendimentos grandes, para os banquetes regios da vida. Quando passava, pelas ruas desta cidade, com o chapéu enterrado na cabeça, ferindo o solado grosso dos sapatos grosseiros, nas calçadas e nas ruas de S. Luis, o escarneio mostrava a navalha dos dentes e gritava: — Lá vai o homem do capinzal! Quantos quilos de borra de algodão teria comprado hoje para as suas vacas?

Annos depois elle respondia victoriosamente ao escarneio: Nem tudo está perdido quando não se perdeu a honra! Canalias! Obrigaram-me a vender os meus livros, mas eu vou comprar muitos livros!

Tremei! Mas a covardia enrolou a cauda e ficou quieta. E elle, generoso, perdoou a covardia.

Mas o poeta desapareceu na voragem. A imaginação estava calcinada. As paixões tonificadoras haviam passado por elle, em tropel. O amor, aquelle amor ardente, de que nos fala Camões, quando evoca a alma de sua Natercia, transformara-se numa sombra do passado. E foi com essa sombra que elle illuminou com o sofrimento de que se soccorreu, á falta de melhor companheiro que elle escreveu esse livro admiravel que é **Consolação**.

UM ARTISTA MOÇO, QUE HONRA O MARANHÃO

O aparecimento de Flory Gama como artista, em nossa terra, foi uma das maiores revelações, que o Maranhão assistiu nos ultimos annos.

Lembrem-se todos daquelle menino tirido que,



Flory Gama

sem mestres, modelava medalhões em gesso e os expunha nas vitrines dos grandes estabelecimentos de nossa cidade. Lembram-se os seus collegas de geração das suas constantes visitas á Bibliotheca Publica, onde, pacientemente, estudava a vida dos grandes mestres da esculptura e admirava as gravuras das obras primas de Miguel Angelo, Rhodin e do nosso Bernardelli.

Estudioso, modesto e sobretudo animado pelo ideal de vencer, Flory Gama evoluiu rapidamente, adquiriu conhecimentos technicos necessarios e começou a fazer bustos. Si os medalhões lhe revelaram talento artistico, os seus bustos indicaram neile o esboço de uma impressionante personalidade.

Conquistando exitos successivos em nosso meio, elogiado e incentivado pelos homens de cultura da terra, Flory Gama continuou, sempre tímido e modesto ao extremo.

O Estado concedeu-lhe um auxilio para um anno de estudos no Rio. O jovem esculptor partiu para a metropole e lá encontrou o maior entusiasmo pelo seu talento. O estudo continuado e a convivência com os mestres nacionaes deram-lhe oportunidade para aprofundar os seus conhecimentos technicos.

Pensou, então, em concorrer ao Salão de 1940, E passou, horas e horas, luctando com todos os

sacrificios, mas animado pela ancia de crear. Levantando da inexpressividade da argamassa a forma ideal de uma mulher bailando. Era o seu trabalho. A forma exaltada por um sentimento de grande esthesia e animada pela graça do movimento.

Criminosamente mãos medicres dirigidas por um cerebro perverso, destruíram o seu trabalho.

Toda a imprensa carioca clamou contra a iconoclastia, houve escandalo, protesto de associações de arte, mas, o trabalho estava perdido. Qualquer outro desanimaria, pois estava proxima a abertura do Salão. Flory Gama, porem, não desanimou. Voltou ao trabalho e creou uma nova obra para o grande certamen.

Neste mez chegou-nos a grata noticia. O jury do maior certamen de arte nacional conferiu, na



"Pinta o meu retrato", o busto com que Flory Gama conquistou o premio do Salão

secção de esculptura do Salão de 1940, medallha de prata ao novo trabalho do jovem esculptor maranhense, que, apesar de sua pouca idade e do pequeno espaço de tempo que dispoz, apresentou

DR. ALMEIDA NUNES & CHAPEUS

NUNES

As letras maranhenses perderam, com a morte do dr. Almeida Nunes, uma das suas figuras expressivas.

Nome de larga projecção nos meios culturais do paiz, espirito illuminado pelo talento e



humidas as directrizes da moda, para chapéus femininos

PARA A MANHÃ

suindo um temperamento refinadamente artistico, o extinto conseguiu renome e justos applausos nas lides literarias.

Membro da Academia Maranhense de Letras, jornalista de largos recursos, chronista elegante, estudioso dos problemas da vida social, com uma reserva apreciavel de conhecimentos scientificos, o dr. José Almeida Nunes, honrava, nobremente, as tradições de cultura de sua terra natal.

Com este registo **ATHENAS** rende um expressivo preito de profunda admiração á memoria do illustre intellectual que tantas laureas conquistou a golpes de talento e de estudos e engrandecendo, assim, o nome de nosso Estado.

um trabalho que igualou o seu merito ao de outros artistas que sobre elle levam a vantagem de longos annos de aprendizagem e de pratica.

Mas o talento artistico não está sujeito á idade...

Publicando, hoje, a photographia de "Pinta o meu retrato", o trabalho com que Flory Gama conseguiu o 2.º premio de esculptura do Salão de 1940, prestamos uma homenagem justa a esse artista ainda menino que já tanto honra o Maranhão e o Brasil.

santos de Be

O Dia de

E' a data dos

o dia em que a

de quanto a eloqu



Para esse além onde vivem os que passaram pela terra, atravez de dôres e alegrias, vôm as nossas preces mais puras, sobem os nossos pensamentos mais nobres, irmanizando-nos com os que se foram, e que, em verdade continuâm em nós, porque com elles tambem se foram pedaços de nosso ser, particulas de nossa propria existencia transitoria.

Atraz de cada vivo, assignala Carrel, na innumeradas sombrás, que se movem, como, tambem, na campa de cada morto, muitas raizes reúnem os vivos, na immensa communhão de vida em mysterio e recordação.

Evoquemos, com saudades, os nossos mortos.

Derramemos sobre as campas frias dos cemiterios as lagrimas de nosso affecto. Plantemos sobre os tumulos silenciosos a floração de nossas recordações, vivamos e avivemos as luzes de nossa immensa saudade pelos que se foram, pelos que morreram, mas que, como nós, vivem, redivivos, no milagre da saudade.

UM ARTISTA MOÇO, QUE

em Revista

O aparecimento de Flory Gama como artista, em nossa terra, foi uma das maiores revelações, que o Maranhão assistiu nos últimos annos.

Lembrem-se todos daquelle menino tirido que,



Flory Gama

sem mestres, modelava medalhões e expunha nas vitrines dos grandes e nossa cidade. Lembrem-se os suas constantes vi-



Diz Adrian, o costureiro famoso que para a próxima "season" o grande successo será este traje de passeio em um novo tecido que se chama "mosaico", num tom claro de azul, com luvas e chapéu brancos

PARA A TARDE

v.
m
ba
gra
men

um

noção
ções
, Qu
mã a
desan
obra

do



Quando numa toilette azul para passeios vespertinos se usa chapéu de feltro negro, pequeno e brejeiro, como este, pode-se ter a certeza de um grande successo

Se o homem se limitasse a querer ser feliz, conseguia-lo com a maior facilidade. O mau é querermos ser mais felizes que os outros, e isto já é muito difficil, porquanto sempre se nos affigura que os outros são mais felizes do que realmente são. — Montesquieu

CHAPEUS & CHAPEUS



Nesses 3 modelos, têm as nossas leitoras resumidas as directrizes da moda, para chapéus femininos

UMA NOVA "ESPONJA"

PARA A MANHÃ



O tecido deste modelo é uma nova esponja que se presta admiravelmente para vestidos armados. Admira-se neste modelo a simplicidade das linhas e a elegância de todo

Vestido de linho cinzento, com luvas brancas, chapéu engomado e sapatos bicolores. Eis aqui uma sugestão para o seu traje da manhã

BLUSAS ESTAMPADAS

PARA CASA



As blusas estampadas, como essa do modelo, estão muito em voga, com saias de seda negra, completamente lisas e chapéu engomado

Aqui tem a gentil leitora um traje simples e elegante para casa



Sr. Clodoaldo Trindade e exma. esposa, com seus quatorze filhos, residentes no 20.º sector censitário de Caxias, neste Estado. (Photographia cedida pela Delegacia do Recenseamento)



O lar de nosso presado amigo dr. Alcimiro Bogéa Saint-Clair, delegado do Trabalho, no Maranhão, encheu-se de muitas alegrias com o transcurso do aniversário natalício de sua interessante filha Maria do Perpetuo Socorro. Vemos, aqui, a florida mesa de doce com que a galante aniversariante obsequiou às suas amiguinhas e às pessoas da amizade de sua digna família

COTHURNOS FANTASIA



Estes cothurnos, com solado de borracha e pas-
cadeiras côr de perola, estão muito em voga e
sustam em New-York (não se assuste leitora)
cem dollares



Maria do Perpetuo Socorro, filha do dr. Bogéa
Saint-Clair



Do livro
"Petalas e
Farpas",
inédito

A
M
A
N
H
E
C
E
R

Manoel Sobrinho

Lanço extasiado o olhar para o Nascente, e vejo,
Do meu enlevamento,

Que um vagalhão de luz, num silencioso beijo,
Accorda a praia azul do largo firmamento.

E' o dia, que ao trinar dos passaros desperta,
E a jornada, feliz, vae começando agora,
Deixando aqui e alli, pela amplidão deserta,
Rosas traçadas no ar pelo pincel da aurora.

Fugindo espaço além, na indecisão de um sonho,
Para evitar da aurora o fulgido lampejo,
Ha pouco se escondeu, por trás do céu risonho,
Dos phantasmas da noite o pávido cortêjo.

Sopra de leve a brisa, e, embalsamada e pura,
Encrespa a cabelleira espessa do arvoredo,
Num tímido ciciar de quem dizer procura,
Em cochico, um segredo...

No esplanado Infinito — áureo deserto immenso,
Onde o clarão se espraia, em vigoroso açoite,
Duas estrellas vejo ainda, e, do vel-as, penso
Ver os olhos de Deus, em lagrimas, velando
O vadaver da noite,
—Um trapo fugidio
De sombra, que ainda resta, o claro céu manchando,
Como um balsêdo mancha o estuario azul de um
rio...

O vagalume fecha as asas luminosas
E busca, somnolento, uma região sombria,
Emquanto, espaço em fora, esplendidas, viçosas,
Vão de todo se abrindo as petalas do dia.

Ha perfumes subtis de flôres pelo ambiente,
Pleno de original belleza e de harmonia.
Nos remansos da luz, indefinidamente,
Perpassam, volitando, effluvios de poesia...

De retalhos de neve e purpura enfeitado,
Ergue-se o mundo inteiro, uma canção vibrando...
Um riso flóreo, intraduzível, prolongado,
Vae, limpido, pairando
Sobre tudo.

—Amanhece.

E o sol, como se fosse um medalhão dourado,
Um peito, um largo peito airoosamente ornando,
Na curva dô Nascente, impávido, apparece.



Renato Vianna, o constructor do Theatro Nacional

Um nome e um programma de acção. Um temperamento artistico, uma cultura formosa e um analysta de paixões fortes.

Ibsen e Shakespeare lhe são familiares. Renato Vianna attingiu os altiplanos do theatro de pensamento.

A sua personalidade se impõe. Impõe-se ao respeito e á admiração.

Poderá irritar a mediocridade, o tar-tufismo, a ronda dos mascarados.

Irrita. E' mesmo para irritar, pois, toda a sua obra artistica é humana, profundamente humana, e, por isso mesmo verdadeira.

Na hora que passa, a Humanidade attingiu os ultimos pontos na escala de regressão. Volta á "barbarie". Barbaros", "los barbaros" de que nos fala Ruben Dario. Horda sinistra de novos hunos e sarmatas que invadem, estrepitosamente, os templos sagrados, onde se occultam as arcas divinas de todos os archetypos da Perfeição...

A Humanidade precisa de "humanizar-se". O theatro, verdadeiramente theatro, é humano.

Renato faz esse theatro.

A sua temporada em S. Luiz evidenciou isso de modo surpreendente.

ATHENAS rende-lhe esta expressiva homenagem, tanto verdadeira, quanto se dirige á Arte que Talma divinizou, e que Renato Vianna cultua como seu grande e virtuoso Sacerdote.





CANHENHO SOCIAL

Anniversarios:

homenagens a que faz jús pelos seus peregrinos dotes de espirito e coração.

gecu um amplo circulo de sin-
ceras relações de amizade, será
aivo, nessa data, de expressi-
vas manifestações de apreço e
estima.

**Cel. Antonio Pires da Fon-
seca** — Vê passar, a 11 do cor-

Dra. Arruda Soares — Decor-
re, no dia 8 deste mez, a data
do anniversario natalicio da
exma. sra. dra. Antonia de Ar-
ruda Soares, conceituada medi-
ca nesta Capital, e digna espo-
sa do sr. dr. Odilon Soares
abalizado facultativo contra-
neo.

Dr. Barreto Sobrinho — Trans-
corre a 8 do corrente, á passa-
gem do anniversario natalicio,



rente, o seu anniversario nata-
licio, o sr. cel. Antonio Pires
da Fonseca, veneranda figura da
sociedade maranhense.

Senhorita Alacyria Oliveira —
Deflue, a 8 do corrente, a data
genethliaca da gentil senhorita
Alacyria Oliveira, applicada
alumna do Collegio Santa The-
reza e filha do nosso confrade,
sr. dr. Paulo de Oliveira, De-
legado Regional do Trabalho,
no Estado do Piauy.

Desembargador Elizabethe de
Carvalho — Occorre, a 11 do
corrente, a data natalicia do sr.
desembargador Elizabethe Bar-
bosa de Carvalho, membro pro-

do sr. dr. Francisco Barreto
Sobrinho, actual director regio-
nal dos Correios e Telegraphos
no Estado de Alagoas.

O digno anniversariante, que
já exerceu identicas funcções
em nosso Estado, onde gran-



reira de Andrade, conceitua-
clinico e elemento de desta-
te em nossa sociedade.

Sra. Francisco Aguiar —
transcorre, a 8 do corrente. o
niversario natalicio da exma.
a. d. Maria Maya de Aguiar,
tuosa consorte do nosso dis-
cto amigo, sr. Francisco Coc-
de Aguiar, digno consul de
Portugal em nosso Estado e so-
-chefe da importante firma
Francisco Aguiar & Cia., desta
ca,
Figura de relevo na sociedade
maranhense, á digna senhora
ão tributadas nessa data as

sentado do Tribunal de Justiça do Estado e elemento de pról no nosso meio social.

Dr. Clodomir Teixeira — Festeja, a 16 do corrente, o trans-



curso de mais um anniversario natalicio, o nosso distincto confrade sr. dr. Clodomir Octavio Teixeira, conceituado advogado no fóro desta Capital.

Conego Arias Cruz — A data de 14 do corrente assignala o transcurso do anniversario natalicio do revmo. conego Arias

Cruz, actual Director Geral da Instrucção Publica do Estado e uma expressão no clero, no magisterio e na imprensa maranhense.

Saturnino Bello — Completa annos, a 27 do corrente, o estimavel cavalheiro, sr. Saturnino Bello, socio da acreditada firma Francisco Aguiar & Cia. e figura de prestigio no alto commercio e na sociedade maranhenses.

Domingos Barbosa — Será bastante felicitado, a 28 do corrente, data do seu anniversario natalicio, nosso distincto conterraneo, sr. Domingos Barbosa, membro da Academia Maranhense de Letras e figura de destaque nos circulos jornalisticos do paiz.

Senhorita Maria Pires — Anniversaria-se, a 30 do corrente, a senhorita Maria Pires Ferreira, professora normalista e filha dilecta do nosso director J. Pires.

Por motivo de tão grato evento, a distincta anniversariante, que é fino ornamento de nossa sociedade, receberá carinhosas

homenagens da parte innumeradas amiguinhas.

Victorino Freire — Festeja, a 28 do corrente, o aniversario natalicio do nosso



compatricio, sr. Victorino Freire, official de gabinete do Ministro da Viação e Obras Publicas.

O digno anniversariante, gosa de muitas amizades em nossa terra, será bastante primimentado nessa data, e teve da auspicioso evento



Professora Chiquinha Rodrigues, cercada de suas auxiliares, preparando o material didatico, que vae ser offerecido ao Maranhão



Carmen Miranda, "a garota notavel" antes de gressar aos Estados-Unidos, num bello momento especial para ATHENAS, quando cantava seus ultimos numeros

PASSAGEM DE MERCURIO DEANTE DO SOL

J. DE ABRANCHES

Segundo os calculos astronomicos, o mundo de Mercurio deve passar entre o Sol e a Terra na segunda-feira, 11 de novembro proximo, projectando-se sobre o disco solar.

Os planetas Mercurio e Venus têm as suas orbitas interiormente á da Terra, e si todos elles se movessem em um mesmo plano, dar-se-ia esse fenomeno sempre que os seus movimentos os levassem entre o Sol e a Terra. Mas, esses planetas, tendo as suas orbitas inclinadas sobre a eclictica, acontece que passam, óra acima, óra abaixo, de modo que não os podemos perceber porque é o seu hemispherio obscuro que está voltado para nós.

As passagens de Mercurio são mais frequentes que as de Venus. Estas se produzem em intervallos de 8 annos e 112 e meio, mais ou menos 8 annos. Assim, as ultimas que tivemos foram em 1874 e 1882 e só iremos ter uma outra no anno de 2004. As de Mercurio se produzem em intervallos de 7 — 10 — 3 — 10 3 — e 13 annos. Assim no seculo XX teremos 12 passagens.

E' um phenomeno bastante interessante, mas invisivel a olhos desarmados. Será preciso um bom binoculo, ou uma luneta astronomica, mesmo de pequenas dimensões, porquanto Mercurio tem um diametro apparente somente de 10".

A primeira observação desse phenomeno de que temos noticia, foi feita a 7 de Novembro de 1631, por Gassendi, professor do Collegio de França e conego de Digne, projectando a imagem do Sol sobre uma folha de papel branco, em uma cama escura.

Na observação desse interessante phenomeno, que só tem lugar nos começos dos mezes de maio e novembro, apreciamos Mercurio atravessar o disco solar como uma mancha-redonda e bem-negra, mas de um negro mais acentuado do que o do nucko das manchas solares.

No decorrer do phenomeno há diversas observações a fazer, podendo citar-se entre outras: a visibilidade do planeta, antes da entrada, se projectando sobre a corôa solar; a appareição de um circulo luminoso, rodeando a parte externa do planeta, denunciador da existencia de uma atmospheria envolvendo o corpo; a manifestação, durante a passagem de uma auréola em torno de Mercurio, a qual alguns observadores tem nota-

do luminosa e outros de uma côr violacea escura...

Na proxima passagem de 11 de novembro apenas poderemos observar o começo, pois da-se-ha no fim do dia, o Sol se recolhendo ainda com o planeta sobre o disco.

Procuraremos executar o programma o



Photographia do ultimo eclipse do sol apanhada no seu observatorio pelo professor Abranches de Moura

nesse sentido já nos traçamos, a não ser que, tarde do dia 11, appareça, no horizonte occidental, alguma camada de nuvens, impedindo a observação, o que muitas vezes acontece aos diversos observadores que, depois de penosas vigias e despezas consideraveis, vêm perdidos o seu tempo e a esperanza de bons resultados reconhecendo, mais uma vez, que o grande poder de que se arroga o Homem, não passa de um simples phantazia.

S. Luiz, 21 de outubro de 1940.

O homem feliz é aquelle que sabe collocar fim em relação com o começo da vida. — Goethe

AS FESTAS DA REPUBLICA

Festejamos duas grandes datas da República, o 10 e o 15 de Novembro.

A Republica de Deodoro e a Republica de Getulio Vargas, ambas nascidas do ideal puro, do espirito illuminado de redempção de Patria.

Em 15 deu-se a proclamação; firmando-se o ideal na realidade do tempo e do espaço. Foi a partida para a grande marcha.

1889, 1937 — Duas etapas republicanas, duas ephemerides gloriosas da Nação.

Em 10 a consolidação do regime; o golpe necessario para redimir a Republica. Getulio Vargas reabilita a obra de Deodoro, que os corrilhos politicos de quase meio seculo haviam desvirtuado. E' a nova ordem para a jornada iniciada, abrindo novos rumos aos caminheiros, que, de agora por diante, irão certos ao seu destino...

A Nação que havia despertado em 15 de novembro de 89 põe-se em marcha definitivamente em novembro de 1937.

SANDALIAS VERMELHAS



Estas sandalias vermelhas, com passadeiras doiradas estão muito em voga em Holywood, onde são usadas com trajes de gaze

Ha um acordar de energias gloriosas na primeira Republica, uma revelação de grandes vultos que não ficaram diminuidos deante dos que firmaram a grandeza do Imperio derrocado. A Republica surgiu tão grande, que não houve quebras de altitude na transição do regime monarchico para o republicano. O paiz continuou povoado de gigantes...

Os filtros, porém, da politica malsan adormeceram os gigantes. Houve uma grande parada na marcha. Parada de silencio, parada de regressão, parada de rythmo da Vida para o mysterio da Morte.

O grande sonho era uma vaga lembrança, um triste estado de esmorecimento geral. Quase aniquilamento. Signaes de decomposição...

Mas, o organismo reagia. Nas arterias o sangue que era inerte foi vasculejado com força. Houve um insuflamento de energias novas. Agitaram-se as fontes da vida. A seiva criadora começou a latejar com força. Acceleraram-se as calorias vitales. Subiu a temperatura de equilibrio. Deu-se o milagre de resurgimento e o Paiz começou a se mover, a se movimentar, a caminhar e reiniciar a grande marcha interrompida, porque, afinal, lhe deram novo alento, nova vida, e a Republica de Getulio Vargas ergueu a Nação de norte a sul, despertando a consciencia nacional para a hora de todas as responsabilidades brasileiras.

Estamos vivendo essa grande hora. Estamos sentindo essa responsabilidade immensa de nossos destinos, sentindo o Brasil em nós e em nós a belleza de ideal republicano em seus triumphos de paz e de trabalho.

Assignalando as duas datas republicanas, **ATHENAS** glorifica, neste registro, os nomes de Deodoro da Fonseca e de Getulio Vargas, o fundador e o defensor da Republica Brasileira.

Há mais criticos do que autores, mais analistas do que obreiros, mais bôcas a depreciar ou a destruir, do que cérebros e braços a produzir.

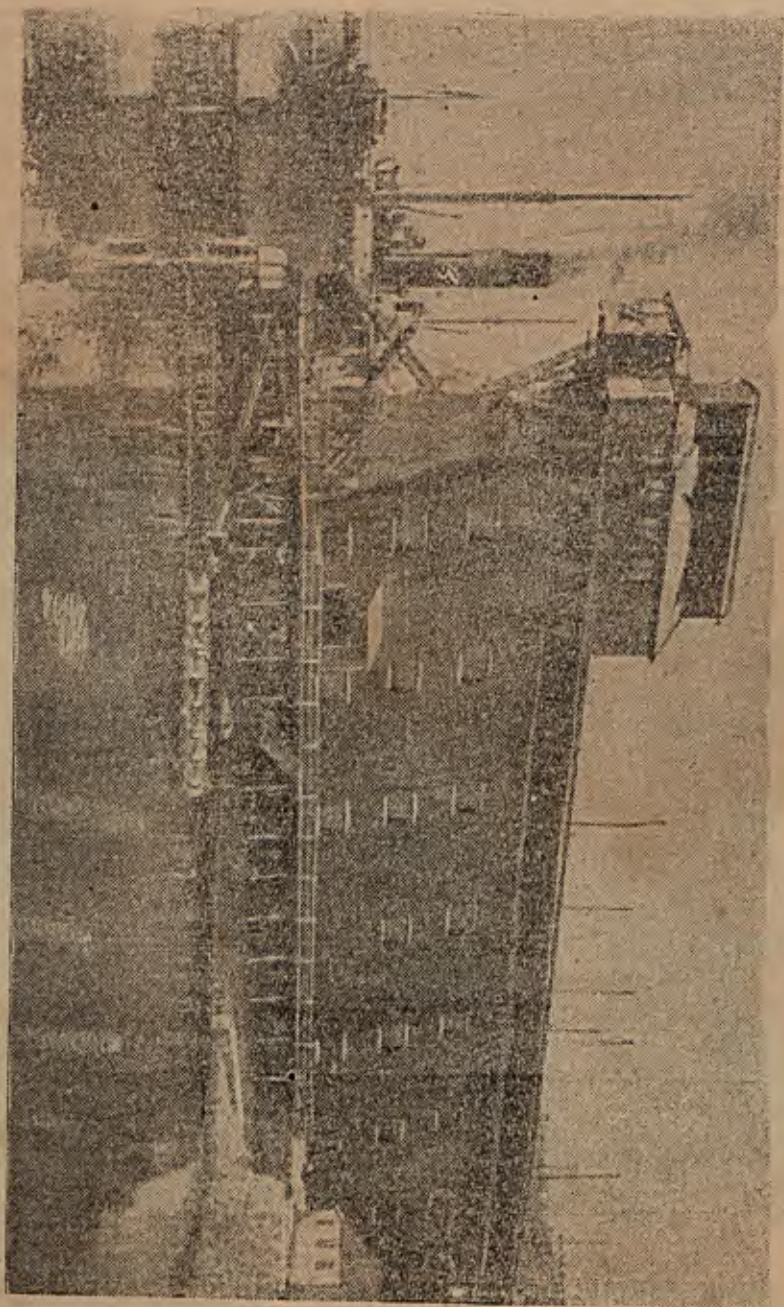
—Por que? — A razão é simples e esta no consenso de todos; foi sempre mais facil criticar do que fazer, mais facil destruir que construir. —
Renato Kehl.

Regressa ao Mara- nhão o Ten.-Cel. José Faustino



ASPECTO DO DESEMBARQUE DO TENENTE-CORONEL JOSÉ FAUSTINO DOS SANTOS
E SILVA, DIGNO CHEFE DE POLICIA DO ESTADO, NO SEU RECENTE REGRESSO DO
RIO DE JANEIRO. O EMINENTE PATRÍCIO RECEBEU, DESSA MANEIRA, MAIS UMA
PROVA ELOQUENTE DAS GRANDES SYMPATHIAS DE QUE DESFRUCTA ENTRE NÓS

O CAES DE NARVIK



Está viva, ainda, na lembrança de todos a lucta que se travou entre inglezes e allemães pela posse de Narvik, o porto noruegues por onde é exportado o minerio de ferro da Suécia. Na gravura vemos o caes do famoso porto.

(Cliché da P. I. B. especial para ATHENAS)

O primeiro beijo

(Continuação da pag. IV)

te para o côleteiro, e naquella manhã, aproveitou-se da oportunidade para lhe conversar. Dessa conversa nasceu um grande amor no coração de Diana. Amor que ella cuidadosamente escondeu durante dez annos e que só era sabido de João Pachola e de mais ninguem.

Tres vezes por semana João Pachola, conversava com a namorada na residência do coronel num sobrado á rua das Barrocas.

Diana, á hora marcada, 2 horas da tarde, esperava o João Pachola, no segundo lance da escada. Era a rua das Barrocas, naquelles tempos, como ainda é hoje: uma rua quase sem transeuntes, e ás 2 horas, era inteiramente morta.

Tres vezes por semana falavam de sua desventura, senão daquelle crime... Confidenciavam suas maguas e seus desejos, e só. Era um grande amor cheio de respeito. Não se animavam á carícia de um beijo ou de um abraço. Havia entre elles inexplicavelmente o muro do preconceito. Tão proximos um do outro, mas tão distantes. João Pachola de cabeça baixa, e ella de cabeça alevantada, a olha-lo, a devora-lo com olhar em chama. João Pachola não via o olhar de Diana, mas sentia o seu fogo que lhe esmagava o espirito.

E assim começaram a envelhecer. Quase ao mesmo tempo em ambos nasceram os primeiros cabellos brancos. E o amor a florescer no coração de ambos!

Quando o coronel falleceu, dois annos depois, victima de um ataque de uremia, Diana ficou com a sua irman velha, no sobrado da rua das Barrocas. O coronel só deixara dividas e parentes pobres. Foi João Pachola o grande amigo das horas amargas. Foi elle quem arranhou comprador para o sobrado. Foi quem pagou todas as dividas do coronel. Foi quem comprou, na praça da Alegria uma meia morada muito fresca para Diana e sua tia.

A solicitude de João Pachola chamou a attenção da sociedade. E não faltou quem lhe elogiasse o character e visse nelle um homem prestimoso e bom amigo. Mas ninguem sabia que era elle quem sustentava a Diana e sua tia. Isto era um segredo inviolavel. Diana continuava, apesar de pobre e desprezada dos antigos amigos de seus pais. João Pachola apesar de bom e solícito, continuava a ser um pobre diabo, sem titulos que o recommendassem e acreditassem, perante a so-

cidade. Diana não devia descer. João Pachola não podia subir. Um coleteiro! Não poderia acompanhar Diana nas reuniões da alta sociedade, nem em parte alguma! Um coleteiro!

Dona Joaquina, a tia de Diana, quando esta se revoltava contra este estado de coisas, dizia-lhe sempre:

—Minha filha, muito bom rapaz! Devemos-lhe tantos obsequios. Mas si pensas em casar com elle, deixa que eu morra primeiro! Sei que não tenho forças para supportar os insultos com que os nossos amigos e parentes nos obsequiarão.

—Eu não penso em me casar com elle... Si lhe falo delle com ternura é porque não posso falar de outro modo da unica pessoa que encontrei a meu lado no momento mais difficil de minha vida. Mas lhe digo com franqueza, que si me quizesse

MEIRELLES & CIA.

ARMAZEM DE FERRAGENS,
TINTAS, ARTEFACTOS NA-
VAES E MIUDEZAS

Deposito permanente de mate-
riaes para construcções — Fer-
ramentas para lavoura — Cha-
pas de cobre, zinco, ferro, esta-
nho e chumbo — Telhas de fer-
ra galvanizadas — Oleos, Verni-
zes, Tintas, Graxas, Arame liso,
Amarra, Louças de Ferro es-
maltado e alumnio

FERRAGENS EM GERAL

Arame farpado em rolos de 320
e 502 metros (metragem
garantida)

TINTAS «YPIRANGA»

DEPOSITARIOS
DISTRIBUIDORES

NESTE ESTADO

Telegr. — ZECARVALHO

Rua Joaquim Tavora, 173
Maranhão — C. Postal. 91

casar com elle, não recuaria diante desses que a senhora teme, porque nunca me deram conta de seus actos. Era só o que faltava!

A verdade, porém, era que entre Diana e João Pachola se levantava o muro do preconceito, e ella não se animava a derribar o muro!

E continuaram a envelhecer um ao lado do outro... Aos domingos, feriados e dias santos passavam juntos. João Pachola almoçava e jantava com a sua santa.

Esses dias, eram para os dois, os mais felizes de sua vida! Conversavam o dia inteiro sobre a sua desventura e não achavam geito de sair de tão triste situação.

Aos sessenta e cinco já estavam resignados á sua condição. Estava perdida a vida. Diana era um sol que se apagava. João Pachola era um tronco que se inclinava. A sociedade se esquecera completamente de Diana. João Pachola já não fazia coletes, porque o colete havia passado da moda. Abrira, na rua da Palma, nos baixos de um sobrado uma pequena officina de alfaiate, onde passara a morar. Depois que perdera a mãe, vendera a meia morada da rua da Lapa.

Que satisfação lhes poderia mais pedir a sociedade? Quem com o direito de intervir na vida de dois velhos?

Diana assim pensou e o João Pachola concordou. Então satisfeito resolveram comparecer pela madrugada do dia seguinte, que era domingo, á missa da igreja de S. Pantaleão.

Às cinco horas, estava o João Pachola em frente da casa de Diana. Momentos depois abria a porta e Diana, toda de branco assomava ao limiar. Desceu o batente devagar e collocou-se ao lado do João:

—Ah! quanto tempo não saio de casa!

—Seguramente uns dez annos, respondeu o João, como que se recordando.

A porta da rua fechou-se por dentro, e os dois se dirigiram lentamente pela rua de Santa Ritta. Pela primeira vez saíam juntos á rua, um ao lado do outro! Apesar da rua estar deserta João Pachola sentia-se acanhado. Commoção violenta lhe agitou os nervos. O sangue lhe affluia com violencia ao coração, que desusadamente palpitou. Que sentiria Diana, naquella momento? Alguma coisa a perturbava, pois de repente parou e se amparou no braço do companheiro, respirando com força. João Pachola teve que deter o passo. Não trocaram uma palavra, mas Diana lhe não largou mais o braço que ainda era forte.

—Dá-me o teu braço, João. Sinto uma tontura...

E' este ar frio da madrugada.

João Pachola, tremulo metteu o braço no braço della, e assim continuaram a andar, muito devagar.

Pelaprimeira vez elle sentia o calor do corpo de Diana. Com o rhytmo do passo, seu braço levemente descansava no quadril de Diana. Sua mão tocava-lhe levemente no tecido do seio farto. Os cabellos de Diana fluctuavam ao vento, e brincavam na sua fronte larga. De vez em quando Diana parava para respirar, pretextando que observava as ruas transversaes. E era tal a sua commoção que encostava o seu corpo no corpo do amigo. E assim chegaram á igreja de S. Pantaleão. Contra a sua expectativa, a igreja estava fechada. Os devotos já se retiravam. O padre adoecera. Voltaram pelas mesmas ruas, de braços dados. Agora, já conversavam alegremente. Sorriam. Não se sentiam mal, por ter encontrado a igreja fechada. Minutos depois chegavam á casa.

Bateram. A tia de Diana abriu-lhes a porta e antes que elles entrassem, vexada, apressava os passos pelo corredor. Entraram e pararam, no corredor escuro. João ia a sahir, quando Diana encostando a porta da rua atirou-se-lhe aos braços. João Pachola recebendo inesperado ochoque, recuou alguns passos e encostou-se a parede. O corpo de Diana colou-se ao seu. Seus seios arfavam em cima de seu peito largo.

Confundiram-se seus braços e suas cabeças. Fizeram nesse primeiro amplexo por que anciavam, havia tanto, um bloco. Seus lábios soffregos abriram-se e interpenetraram-se, ávidos num sedento beijo, que era o primeiro beijo. E assim ficaram unidos, apertando-se a mais e mais como se quizessem interpenetrar também as carnes e fazer de dois corpos um só corpo. E não se largaram mais. Pararam lentamente os movimentos que faziam para que seus membros se articulassem para o sempre. Unidos, os braços retorcidos, os lábios della crispados dentro dos lábios delle, os lábios della abertos como se quizessem sorve-lo, assim estavam, immotos, quando d. Jovina, a tia de Diana, porque não chegassem a varanda, suspeitando veio ao corredor. Deparou-se-lhe o estranho espectáculo. Chamou por elles, baixinho. Seu João! Diana! Depois alteando a voz. Não lhe responderam. Aproximou-se, tocou-lhes com as mãos, de leve a principio, depois com força. Abalou-os, a ambos, ao mesmo tempo e elles não se mexeram. Apavorada, recuou e deu um grito de angustia, que sahiu pela porta da rua e chegou á praça, naquella hora apagada.

Passavam leiteiros. Dois delles, deixando os cangirões na calçada, entraram. Com os seus braços robustos tentaram separar os corpos. Debalde. Resistiram. Não se mexeram. Estavam mortos!

RITTO PASSOS LIMITADA

ESCRITORIO DE ENGENHARIA CIVIL

RUA 28 DE JULHO N. 107

DEREÇO TELEGR. "LU" — S. LUIZ MARANHÃO

ECTA — ADMINISTRA — FISCALIZA — EMPREITA

CONSTRUCCÕES CIVIS
OBRAS HYDRAULICAS
CONCRETO ARMADO

GUIE-SE PELA

A PERNA MBUCANA

PARA PODER TRAJAR
BEM COM A MAXIMA ECONOMIA
A PERNAMBUCANA DEVE SER SUA LOJA
PREFERIDA POIS QUE APRESENTA AS UL-
TIMAS NOVIDADES EM

Brins
Voiles
Sedas
Chitas

LOJA A PERNAMBUCANA

Linhos
Tobralcos
Levantines
Volantines, etc.

Que aroma
delicioso...



DELIO SA'

